A PERDA DE SI

A.A.

CARTAS DE

ANTONIN
ARTAUD

M.A.R.G.I.N.A.L.I.A.

ROCCO

A PERDA DE SI

A.A.

CARTAS DE

ANTONIN ARTAUD

SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO
ANA KIFFER

TRADUÇÃO
ANA KIFFER & MARIANA PATRÍCIO FERNANDES

ROCCO

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Paris, anos vinte:

Correspondência com Jacques Rivière

Quatro cartas a Alexandra Pecker e uma carta ao Doutor Allendy

Cartas a Anaïs Nin

Paris – México, anos trinta:

Cartas a Jean Paulhan

Ville-Évrard, final dos anos trinta:

Carta ao Doutor Fouks

Rodez, anos quarenta:

Cartas ao Doutor Ferdière

Carta ao Doutor Jacques Latremolière

Cartas ao Doutor Jean Dequeker

Ivry / Paris, últimas cartas:

Carta a Hans Archtung

Cinco cartas a André Breton

Cartas em torno da emissão radiofônica "Para acabar com o julgamento de deus"

Créditos

O Autor

Rio de Janeiro, maio de 2015

Aos leitores,

Esse livro de cartas que selecionei a partir das *Obras Completas* de Antonin Artaud (1896-1948), reeditadas ou pela primeira vez editadas recentemente por Evelyne Grossman na Coleção Quarto Gallimard[1], convida o leitor a percorrer através do tempo de uma vida de escrita a escrita de vida que pulula nos textos do poeta.

Artaud foi sempre um autor bastante comentado, seu nome até certo ponto ainda hoje provoca algum tipo de "barulho", mas, valeria notar, e esse é também o esforço dessa publicação, que ele foi, efetivamente, um escritor muito pouco lido, e muito pouco integrado nas grandes exposições que se destinavam a mostrar as vanguardas europeias do século XX.

Esse fenômeno não acontece apenas no Brasil, mas também em seu próprio país, a França, se poderia dizer que sua obra continua um tanto marginal e pouco conhecida. Sabemos que Artaud encarna o mito do poeta louco e genial, que sua obra é cheia de blasfêmias contra o *status quo* reinante da burguesia, dos partidos políticos e da igreja da época, a maldição passa a ser um aspecto tomado e retomado por sua escrita, de maneira que maldizer e dizer mal[2] confundem-se incessantemente, como o leitor poderá notar aqui. Desde o início de sua vida literária, quando integra o grupo surrealista e assina diversos manifestos, ou mesmo em sua correspondência com Jacques Rivière, quando Artaud chama para si a encarnação do próprio mal e do sofrimento que o acometem, ele de alguma maneira traça e sustenta essa verve maldita que acabaria por marginalizá-lo. Nota-se que do próprio grupo surrealista Artaud é expulso, como outros, em 1928. Mas como veremos aqui em suas cartas a André Breton, as diferenças que enfrentava com o surrealismo eram mesmo mais profundas do que uma diferença puramente ideológica.

Essa força imprecatória – que alia o maldizer, o dizer mal e a própria força da dor e da doença (o seu mal) como motores de sua escrita – se tornará ainda mais forte no último período de vida do escritor. Nesse momento, veremos que a potência do "mal" que o acomete e as possibilidades de uso da "marginalidade" que daí advém em muito irão extrapolar o conteúdo propriamente simbólico (e até certo ponto moral) desses termos, para se alojarem em formas de usos materiais do mesmo. Isso se dará quando se encontra internado no Asilo de Rodez, de 1943 a 1945, no momento em que recebe do médico-chefe do Asilo Psiquiátrico, o Dr. Ferdière, alguns cadernos escolares, aqueles quadriculados onde se aprendia a caligrafia, e com eles volta a uma prática incessante de escrita. Uma prática, no entanto, completamente nova e inusitada. A partir desse "suporte", ele põe em cena uma escrita que não se assemelha a nenhum modo antes explorado pelo autor.

Tal escrita vai explorar potencialidades que extrapolam a sua própria realização na forma livro. Ele começa experimentando a página e abandonando a exclusividade da escrita da esquerda

para a direita. Desse modo, acaba por entrelaçar o traço do desenho ao traço da escrita, assim como explora uma verdadeira cena sobre o papel que faz com que a página abandone a sua feição plana, e a leitura a sua vocação linear. Também nesse momento toda a dicção de Artaud é contaminada por uma força poética, ritmada, que explora as potencialidades sonoras das palavras, proferindo-as em voz alta, escandindo-as na cena mesma da escrita através de incisões, de golpes de lápis, pancadas, figuras pontiagudas que criam, além de uma "batucada" sonora, um acontecimento visual e auditivo ao mesmo tempo.

Tudo isso obviamente acarreta um uso das margens das páginas de seus cadernos numa potência nunca antes imaginada: muitas vezes os textos "marginais" contradizem tudo o que foi escrito no texto central, incorporando à obra seu caráter paradoxal de modo irrevogável. O uso das margens também faz com que a leitura de seus cadernos seja uma atividade "física", já que os mesmos devem ser revirados, arrancando-os da possibilidade inerte que o "livro" mais ou menos possui. Por isso mesmo foi impossível editá-los nesse formato. Esses cadernos sobrevivem nessa espécie de espaço em suspensão, posto que tampouco alçam o voo ou o desejo de serem "mais" do que cadernos para existirem nas vitrines de museus como "livro de artista", afinal eram apenas cadernos[3] de caligrafia, escritos por um escritor internado em um asilo psiquiátrico...

Mas o fato é que todas essas motivações fizeram com que esse escritor fosse se descolando do quadro vanguardista e inserindo-se num regime bastante contemporâneo de proposições artísticas que resistem não apenas às formas anteriormente existentes, mas à forma em si. Não por acaso, a maior recepção de Artaud se deu no seio de uma cultura marginal[4] dos anos sessenta, momento em que também um conjunto de novos pensadores e críticos, entre os quais Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault, consagravam-se a pensar outramente as relações entre arte, política e subjetividade, dando as mãos aos escritos do poeta e a ele destinando um número importante de livros, ensaios e conceitos.

Mas seria importante, antes mesmo de salientarmos a atualidade e a contemporaneidade desses escritos de Artaud, que o leitor pudesse ter em mãos um pouco de sua própria trajetória. Posto que ela mesma explicita muitas das razões desse certo "esquecimento" ou "desconhecimento" de sua obra. No Brasil, a razão primeira diz respeito à escassez de traduções de seus textos[5]. A segunda razão, que depende da realização da primeira e, ainda assim, a ultrapassa em complexidade, diz respeito à vastidão e variação de sua obra, composta de 28 volumes – cada um em torno de quinhentas páginas (na primeira edição *Collection Blanche*) ou de 1.786 páginas reunidas na edição Quarto –, além dos cadernos manuscritos e desenhados, filmografia, teatro e rádio. Esse fato coloca qualquer um que se aproxima desses escritos diante de uma necessidade explícita de aliança com a parcialidade. Parcialidade que deve ser entendida, a partir da leitura dessa obra estilhaçada, nas suas duas acepções: a de não completude e a de se colocar ao lado. Ler Artaud exige abandonar as categorias que remetem ao todo, sejam elas as da falta ou as da plenitude. Abandonar esses conceitos que sustentam o próprio paradigma da ideia

de obra. Diante dessa "obra" em desabamento, exige-se ouvir as vozes e os ruídos – muitas vezes estridentes – desse poeta a partir de um lugar possível para que, apesar dessa imensa desconstrução, se o tome a sério. Para que suas ideias possam ser consideradas no seio das discussões em torno da arte, da loucura e da produção de subjetividades ao longo do século XX. Isso significa retirar o conteúdo asilar que verdadeiramente exilou e alijou não apenas o escritor[6], mas sua própria obra por muitos e muitos anos.

Como indiquei, será sobretudo a partir do final dos anos sessenta que Artaud começará a ser revalorizado pelos filósofos, artistas e escritores[7]. Mas efetivamente será a partir do final dos anos oitenta e noventa que uma nova "onda" de leitura buscará valorizar sobretudo a complexidade e a variedade dos suportes envolvidos na criação desse escritor. É aí onde incluo minhas pesquisas[8], e consequentemente a organização deste livro. Aliás, o leitor irá notar como as cartas do último período de sua vida (*grosso modo* de 1943 a 1948) transformam-se, muitas vezes, em dicção poética que visa a uma espécie, um tanto paradoxal, do que chamaria aqui de *imprecação crítica*. Deslocando radicalmente a atividade do pensamento de seus acentos racionais e claros, assim como a atividade crítica de seus acentos moderados e distanciados.

Ousaria ainda dizer que o comprometimento nuclear de sua obra é mesmo o questionar das balizas do homem ocidental. Para tanto vai questionar conceitos fundamentais ao arcabouço do sistema filosófico, tais como: metafísica, carne, espírito e corpo. Por isso mesmo, não sejamos ingênuos face aos textos de Artaud. Nem tentemos, mais uma vez, para facilitar a nossa incompreensão, encerrá-lo num depositório qualquer onde devem constar os desprovidos de espírito, que repetem, ferozmente, palavras vazias de sentido. Ao contrário, aceitemos o desafio de não compreendermos tudo, aceitemos que a faculdade do entendimento não é suficiente nessa empreitada. E que a incerteza e a contradição alicerçam o seu próprio pensamento crítico. Pensamento crítico e poético que, como verá o leitor, se tece antes de qualquer outro lugar nas cartas escritas pelo poeta. Desse modo, não apenas a sua obra exige questionar o conceito mesmo de obra, como sua correspondência obriga a questionar o lugar normalmente dado às cartas enquanto acontecimento "marginal" à obra (acontecimento central). Repito: margem e centro são desconstruídos pelo autor, desde a materialidade da página até o seu substrato material/ conceitual mais agudo: o homem branco e ocidental.

Ler as cartas de Artaud é também um convite a observar os pontos de estrangulamento da vida e do pensamento no seio da cultura reinante no século XX. Também os pontos onde sua trajetória – ao tentar dar o salto para a construção radical de outro homem – caiu nos fossos totalitários, equivocada de haver cumprido sua rotação. Outras vezes o leitor brasileiro será convidado a percorrer os modos como a desconstrução do modelo do homem branco e ocidental nos parece extremamente próxima e mesmo atual, aproximando-o de muitas das culturas que foram e ainda são por nós silenciadas: as culturas indígenas, as culturas da diáspora africana no Brasil. Não por acaso para esse autor será seminal a força rítmica e "mágica" dos corpos.

Alertaria também para o fato de que no Brasil tem-se, na maior parte das vezes, uma visão de Artaud encerrada e consagrada exclusivamente ao seu livro *O teatro e seu duplo*, cuja primeira edição data entre nós de 1984. Mesmo que algumas encenações posteriores do Teatro Oficina[9] tenham chamado atenção para os seus últimos textos, sobretudo *Para acabar com o julgamento de deus*. Decerto, o poeta foi mundialmente reconhecido, sobretudo a partir da década de sessenta do século XX, por suas iniciativas teatrais. Elas continuam sendo de extrema importância para se adentrar na obra de Artaud, mas pode-se dizer que sua obra vai ganhar uma enorme complexidade, colocando desafios grandes para o pensamento e a arte contemporâneos, a partir, sobretudo, de 1943 até 1948, ano de sua morte em Paris, no asilo de Ivry-sur-Seine. Para se ter uma ideia, dos 28 volumes publicados pela Editora Gallimard[10] que compõem parte significativa de sua obra, 18 volumes foram escritos nesses últimos anos de vida. Desse período conhecemos, principalmente, os textos também consagrados, *Van Gogh, o suicidado da sociedade* ou *Para acabar com o julgamento de deus*. Mas agora, com *A perda de si,* o leitor terá acesso a uma discussão seminal sobre arte, exposição, encenação nas suas cartas a Andre Breton. Ou a sua terrível reflexão acerca de sua radical separação do mundo – Artaud já teria escrito nos anos vinte no Pesa-Nervos: "Eu não estou morto, mas eu estou separado" – em suas últimas cartas escritas antes de morrer, após a censura de sua emissão radiofônica *Para acabar com o julgamento de deus*, aqui publicadas. Em todo esse período, a obra do escritor consagrado anteriormente como homem de teatro assume uma amplitude e complexidade ainda hoje pouco conhecida, se comparada ao efeito do "primeiro Artaud", surrealista e inventor do teatro da crueldade.

Mas o que efetivamente posso aqui destacar como sendo indicador dessa complexidade? Em primeiro lugar, o fato de que em todo esse período criador ele escreve e desenha ao mesmo tempo. O traço plástico adquire um status significativo, resultando num alargamento da própria concepção de escrita. Desse fato, resultam cerca de 75 grandes desenhos-escritos espalhados pelos mais importantes museus e em coleções particulares. Tem-se no setor de manuscritos da Biblioteca Nacional Francesa cerca de quinhentos cadernos. A edição parcial dos mesmos não pôde, obviamente, nem contemplar os desenhos nem a colocação na página dos textos que participam dessa escrita. Recentemente, a Gallimard fez a edição do microfilme de um desses cadernos, com seus desenhos, intitulado *50 desenhos para assassinar a magia*.

O segundo grau de complexidade dessa obra que, sublinho, só estou aqui indicando, poderia ser resumido na junção de duas questões: o que se costumou chamar como sendo a ilegibilidade dos últimos textos de Artaud (que poderá ser em parte experimentada aqui pelo leitor de suas cartas, sobretudo as que foram escritas a partir de 1936) e, por outro lado, a exigência ou a reivindicação por se refazer um corpo através de uma operação da escrita, um corpo, portanto, que passa pelo fato de se encarnar ou não num leitor. Mas, um leitor que, como vimos, já não lê, ou não só lê. Paradoxo fundamental para se adentrar nessa obra. Um corpo, ele próprio fadado ao sempiterno refazer-se a cada leitura-gesto. Corpo, por conseguinte, que se distancia dos

paradigmas fisiológicos e anatômicos e busca refazer-se outro, diferente do corpo e sangue de Cristo, do qual nós somos imagem e semelhança. Contra o império desse **corpo ausente**, metaforizado no vinho e no pão, justamente uma escrita não metafórica. Uma escrita norteada pela utopia da presença. Uma escrita de combate constante à imagem e à semelhança. Por isso mesmo as atribuições de "absurdo" e de "loucura" colam-se ao imaginário de recepção desse escritor. No entanto, seria importante observar que a radicalidade de suas "experimentações" nos confronta ao sofrimento limite e exacerbado pelo qual atravessou Artaud, sofrimento[11] esse que se impõe ao movimento de escrita de seus *Cadernos de Rodez,* assim como as suas inúmeras cartas, como leremos aqui desde sua *Correspondência com Rivière* na década de vinte até as últimas palavras endereçadas a Paule Thévenin, pouco antes de morrer.

Se o sofrimento de Artaud mina e contamina os seus textos e encontra nas cartas um suporte privilegiado, as cartas, por outro lado, não representam para a sua "obra" um acontecimento para-textual. Elas não se inscrevem nem ficam reservadas ao âmbito do íntimo ou do privado, tampouco assemelham-se à confissão – no sentido seja de catarse e liberação, seja de constituição de um mundo interior. Isso porque o próprio autor as retirou desse lugar, mesmo que não de modo intencional, consciente ou programático.

Quando Artaud envia seus poemas ao então editor da *Nouvelle Revue Française*, Jacques Rivière, o mesmo responde-lhe em carta, negando a sua publicação. A essa negação contesta o autor, e nesse momento uma correspondência muito particular tem início entre o jovem aspirante a poeta e o consagrado editor da sacrossanta revista de vanguarda francesa. Essas cartas escritas por Artaud saltam aos olhos do editor, que vê uma reflexão precisa sobre o espírito humano e não só o espírito de época. É desse modo que Artaud será consagrado como autor: não através de seus poemas, mas de suas cartas. Ora, já de antemão as cartas assumem o lugar fundacional de uma obra ainda por vir. Acontecimento que marcará sucessivamente o percurso de seus textos, como o leitor terá aqui a oportunidade de ver. Não por acaso, o seu último livro de poesias (publicado postumamente), considerado um dos livros mais difíceis e inacessíveis de Artaud – *Supostos e supliciados* – é composto de três capítulos em dois volumes sendo o segundo capítulo: *Cartas*. Nele o leitor encontrar-se-á verdadeiramente diante de cartas... inseridas no que entendeu ser o autor um livro de poemas. Sei que aos olhos do leitor contemporâneo tudo isso parece feijão com arroz. Mas convenhamos que a história é um pouco diferente, e que ainda hoje o regime que sustenta a *episteme* do íntimo mantém-se muitas vezes "invertido" e "publicável", mas não por isso necessariamente transformado. Já aqui nos deparamos muito com uma transformação na natureza mesma do que se entende como íntimo, interior e ou subjetivo. Por isso mesmo as cartas não se oferecem como plataforma de revelação de si mesmo e podem configurar-se como esses processos, até certo ponto mais "analíticos", em que se perder de si mesmo é muitas vezes o único caminho para se reconfigurar subjetivamente. *A perda de si*, título que decidi dar a essa coletânea de cartas de Artaud é, além desse processo de derrocada da supremacia do "eu", em parte

também uma homenagem (mesmo que a contrapelo) à psiquiatra Nise da Silveira, uma das responsáveis pela introdução de Artaud no cenário brasileiro e que junto com Rubens Corrêa, Marco Lucchesi e Milton Freire publicaram pela Numen Editora em 1989 o livro *Artaud, a nostalgia do mais*. Passados 26 anos, convido-os a pensar que ao lado desse aumentativo, desse superlativo que tantas vezes marcou a apreensão de Artaud em suas visões sobre a crueldade, a peste e a cultura em geral, vivem e pululam formas ainda larvares de uma obra que não necessariamente sonhava o grande, ou a perda do "mais", mas que apostava incessantemente no desfazer dele mesmo, produzindo um sem-número de pequenos rabiscos, rastros, resíduos, esboços, ou como disse o autor em um belo texto ainda inédito: "Todos são esboços, quero dizer que são golpes de sonda ou de batente dados em todos os sentidos do acaso, da possibilidade, da sorte, do destino."

Lendo essas Cartas de Artaud o leitor percorrerá cenas das vanguardas europeias na seminal correspondência com Jacques Rivière. Nela ele irá deparar com uma acurada reflexão sobre aquilo que identifica ser a sua experiência de "erosão do pensamento", e do "abandono do espírito", que deslocam a atividade da escrita para um conjunto de sensações da carne (a tal estação *Pesa-Nervos*, como definiu noutro de seus textos da mesma época) e não mais para o que entendíamos ser a coerência e destreza do intelectivo ou do mental. Essa erosão, qualificada por Artaud como sendo da ordem de uma "intermitência do ser", acaba por oferecer uma posição atual e acurada sobre a exigência do escrever e a concomitante impossibilidade do escrever, assim como sobre o processo de *mis en abîme* do próprio autor e da função autor.

Nas cartas a Anaïs Nin, assim como nas cartas a Alexandra Pecker, o leitor visitará, além das falhas, a própria falência da vida de um escritor. Não se pode deixar de notar também que essas cartas, em sua crueza afetiva, acabam exigindo que o leitor refaça o estatuto e o imaginário do que se consolidou chamar entre nós de "correspondência amorosa". Artaud, de modo muito menos inventivo, acaba por atuar na vida aquilo que Samuel Beckett nos faz ver em seu livro *Primeiro amor*: a experiência amorosa se tece também ali, sobre o solo erodido de sua impossibilidade, recusa, solidão e crueldade.

Nas cartas a Jean Paulhan, a questão do teatro e da cultura será explorada a partir da aventura radical que leva o jovem poeta rumo ao México. Ali estaremos diante de um europeu de vanguarda em busca e face ao "novo mundo". É absolutamente importante salientar como Artaud, nesse deslocamento, depara com a questão do "outro", essa noção eminentemente "eurocêntrica", que sofrerá um abalo, através da sua experiência mesma de 'contaminação' pela cultura indígena no México de 1936. Não deixa de ser espantoso observar como, naquele momento histórico, o modo como Artaud investe e se deixa penetrar por tais culturas encontra quase que exclusivamente apenas dois modos discursivos onde se inscrever. O primeiro, que obviamente coaduna com o olhar colonizador do europeu sobre a América, assume o tom da superioridade; o segundo, esse mais delicado, parece deixar-lhe apenas o estatuto delirante

quando de sua aproximação e contaminação das práticas milenares das culturas indígenas com as quais convive, fazendo com que suas cartas a Paulhan soem muitas vezes como um insistente e ruidoso pedido sem escuta ou sem resposta. Hoje seria de extrema importância e ainda mais se pensamos Artaud desde o Brasil e a América Latina perguntar-nos o quanto, e se ampliamos, o espectro dessa "ordem discursiva", no que tange ao desmonte necessário dos compromissos engendrados pela noção de "outro". Será hoje possível deixar-se contaminar pela cultura ameríndia ou pela cultura negra no Brasil? Será possível, como pedia Artaud a Jacques Rivière, dar crédito a essas culturas outras? Isso não acarretaria um desmonte de muitos dos pilares da própria cultura branca? Até que ponto efetivamente construímos zonas de franca passagem entre culturas diferentes?

Em suas cartas ao Dr. Jacques Latremolière, ao Dr. Jean Dequeker e ao Dr. Ferdière, o leitor acompanhará a sua relação com a experiência da loucura, e os dispositivos de isolamento e controle da mesma, assim como os efeitos demolidores que a exploração das "forças do mal"[12] foi tendo sobre o poeta. Aqui também um conjunto de questões atuais acerca dos dispositivos psiquiátricos merecem ser repensadas. Em suas cartas a André Breton, o leitor poderá rever as vanguardas do início do século em seu último suspiro, 1947, e desse modo reavaliar as relações entre modernismo, surrealismo e revolução, assim como entender a radicalidade desconstrutora que faz Artaud da ideia de "cena teatral" após sua dolorosa e conturbada aparição no Teatro Vieux-Colombier.

Em sua carta a Hans Archtung o leitor terá um gosto do que projetava Artaud com seus desenhos-escritos e cadernos, e como ele desequilibrou e desenquadrou a relação hierárquica da escrita sobre o desenho, e o consequente caráter ilustrativo desse último. Ao final de tudo, o leitor entrará em contato com a censura vivida por Artaud quando de sua experimentação radiofônica, nessa performance *avant la lettre* – que em 1948 aponta para as ruínas das duas grandes guerras, mas, e sobretudo, aponta para a falência e a falácia que ele identificou no projeto que ali se forjava para a "reconstrução da humanidade".

Note-se que em todas as cartas selecionadas trata-se de uma travessia sobre uma experiência que ao desfazer linhas divisórias desestabiliza territórios anteriormente delimitados, uma travessia que *trans-borda* e, ao transbordar, cria zonas imprevistas entre o dentro e o fora, alargando o próprio espaço limite como espaço vivível, mesmo quando irrespirável.

Estamos aqui vendo mais ruelas e quebradas do que os grandes caminhos, somos convidados a olhar mais entre os lugares do que para a cena propriamente dita. Mais para os meandros e os processos do que para a obra, nesse caso ela mesma "inexistente". Diante dessa inexistência, o leitor é chamado a entender os compromissos que a noção de "obra" engendra e o que cai quando ela cai. Mas estará também o leitor em face da obra possível, onde a falha é constituinte e o intervalo e o lapso gestos primordiais. Talvez estejamos aqui diante de uma história do que não conseguimos, a tal "nostalgia" de que falava Nise da Silveira, ou, como disse Deleuze, "Artaud não

conseguiu por ele, mas algo conseguiu por nós"...

No meu caso, escolho apostar que estamos mais diante da própria vida. A vida não apenas como algo que pode ser representado ou narrado – mesmo que fragmentariamente – através da obra ou das cartas. Mas a Vida em seu sentido imanente, larvar, pulsante, de acontecimentos sempre e ainda por vir, passando entre as nossas mãos...

Ana Kiffer

1. ARTAUD-*Oeuvres*. Édition Établie, Presentée et Anotée par Evelyne Grossman. Paris, Quarto Gallimard, 2004. 2. Faço alusão aqui ao artigo de Evelyne Grossman: "Maudire/Maldire: suppplicier la langue". In: *Artaud, l'aliené authentique*. Paris: Editions Farrago et Leon Scheer, 2003. 3. Desenvolvo nesse momento uma pesquisa destinada a pensar na escrita de Cadernos, distinguindo-os das noções teórico-práticas de "livro de artista" e da de "manuscrito literário e ou caderno de escritor", e apontando seu caráter experimental e performático sob a égide de uma escrita efêmera de corpos, assim como uma escrita de corpos efêmeros. 4. Em meu livro *Antonin Artaud* (EDUERJ, 2015), exploro como essa recepção coaduna com um certo momento histórico em que as reivindicações postas pela obra de Artaud podem ser ouvidas e proliferar. 5. Ainda em catálogo, temos a edição de textos diversos feita pela Editora Perspectiva e intitulada *Linguagem e vida* e, recentemente, a reedição do livro *O teatro e seu duplo* pela Martins Fontes e a edição de bolso feita pela José Olympio Editora, com tradução de Ferreira Gullar, de *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. Não se pode deixar de lembrar da organização e tradução realizada por Claudio Willer na Coleção Rebeldes&Malditos, hoje já esgotada. 6. Artaud foi vítima da *expertise* psiquiátrica no seio da Segunda Guerra Mundial; preso em 1937, na Irlanda, acusado de distúrbio da ordem pública, é deportado para uma França já invadida pelo nazifascismo e passará todo o resto de sua vida 'preso' às instituições asilares, com maior ou menor grau de liberdade. 7. Donde se destaca o texto de Jacques Derrida em 1967, *A palavra soprada*, e o de Gilles Deleuze em 1969, *Do esquizofrênico e da menina*. 8. Ver KIFFER, Ana. *Antonin Artaud*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2016. Pude efetuar parte de minhas pesquisas de doutoramento na França – Universidade de Paris 7 – graças à bolsa sanduíche da Capes de 1998 a 2000 sob a supervisão de Evelyne Grossman. 9. Em 1996, por ocasião do centenário de Antonin Artaud, Zé Celso Martinez Correa monta, no Museu de Arte de São Paulo, pela primeira vez, a peça *Pra dar um fim no juízo de deus*, adaptação do texto radiofônico de Artaud. Agora mesmo, quando escrevo essa apresentação, a peça está sendo reencenada no Teatro Oficina em São Paulo. 10. A primeira edição da obra de Artaud deve-se ao esforço histórico de Paule Thevenin que esteve próxima ao poeta ainda quando era estudante de Medicina, em 1945, e Artaud chega ao asilo de Ivry-sur-Seine. Toda a vida posterior de Thevenin foi destinada à edição das obras de Artaud. 11. O primeiro texto escrito ainda em meados dos anos cinquenta por Maurice Blanchot sobre Artaud centrava-se no insuportável, para o leitor, do sofrimento que esses textos manifestam. (In: *O livro por vir*, trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fontes, 2005). Mais recentemente, publiquei texto em que revia essa acepção de

sofrimento exacerbado que se atribuiu a Artaud, mas também ajudou a alicerçar uma certa tipologia de escritores "malditos" ou limites do século XX e até hoje. Busquei, para tanto, contextualizar o período das Guerras e as diferenças das experimentações "limites" ou marginais contemporâneas (sobretudo a partir dos anos sessenta do século XX). In: *Expansões contemporâneas – literatura e outras formas*. Org.: KIFFER, Ana & GARRAMUÑO, Florencia. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2014. 12. Posto que aí notamos que o mal, que antes permitia a Artaud elucidar aquilo que o "distanciava de si mesmo", através da intermitência, da falha e do desperdício ou erosão de seu pensamento, é, nesse momento, vivido como algo exterior e maléfico que o invade e destrói.

CORRESPONDÊNCIA COM JACQUES RIVIÈRE

I

JACQUES RIVIÈRE A ANTONIN ARTAUD
1º de maio de 1923

Senhor,

Sinto não poder publicar seus poemas na *Nouvelle Revue Française*[13]. Mas fiquei muito interessado em conhecer o seu autor. Se você puder passar na revista uma sexta-feira, entre quatro e seis horas, ficarei feliz em vê-lo.

Muito cordialmente,
Jacques Rivière

ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
5 de junho de 1923

Senhor,

Gostaria, mesmo correndo o risco de importuná-lo, de retornar sobre alguns termos de nossa conversa dessa tarde.

É que a questão da recepção desses poemas é um problema que lhe interessa tanto quanto a mim. Falo, evidentemente, de sua recepção absoluta, de sua existência literária.

Sofro de uma assustadora doença[14] do espírito. Meu pensamento me abandona em todos os graus. Desde o simples fato de pensar até sua materialização em palavras. Palavras, formas de frases, direções interiores do pensamento, reações simples do espírito, estou em busca constante do meu ser intelectual. Quando chego a dar uma forma, mesmo que imperfeita, eu a fixo, com medo de perder todo o pensamento. Sei que estou abaixo de mim mesmo e disso sofro, mas consinto a imperfeição pelo medo de que seja isso ou a morte.

Tudo aqui, muito mal dito, corre o risco de introduzir um equívoco duvidoso em seu julgamento sobre mim.

Por isso, em respeito ao sentimento central que dita meus poemas e pelas imagens ou feições fortes que pude encontrar é que proponho, apesar de tudo, a existência deles. Essas feições, essas expressões desajeitadas que você critica, eu as senti e as aceitei. Lembre-se: eu não as contestei. Elas provêm da profunda incerteza de meu próprio pensar. Fico feliz quando essa incerteza não é substituída pela inexistência absoluta que por vezes me atinge.

Aqui mais uma vez temo o equívoco. Gostaria que compreendesse bem que não se trata desse mais ou menos de existência que resulta disso que convenientemente se chama de inspiração, mas

sim de uma ausência total, de um verdadeiro desperdício.

Aí está a razão de ter-lhe dito que não possuo nenhuma obra guardada, as poucas coisas que lhe apresentei constituem os farrapos que obtive a partir de um completo nada.

Importa-me muito saber que essas poucas manifestações da existência espiritual que pude me dar não sejam consideradas inexistentes pelas falhas das marcas e das expressões desajeitadas que as constelam.

Pareceu-me, ao apresentá-las a você, que os seus defeitos e seus desequilíbrios não eram tão gritantes a ponto de impedir a impressão de conjunto de cada poema.

Creia, senhor, eu não tenho nenhum objetivo imediato nem mesquinho, o que quero é livrar-me desse problema palpitante.

Isso porque não espero que o tempo ou o trabalho possam remediar tais obscuridades ou desfaleceres, daí por que reivindico com tanta insistência e inquietude sua existência, mesmo que seja uma existência abortada. A questão para a qual gostaria de uma resposta é a seguinte: você pensa que é menos autenticamente literário e que possui um poder menor de ação um poema defeituoso, porém semeado de forte beleza, do que um poema perfeito, mas que não possua nenhuma grande ressonância interior? Admito que uma Revista como a *Nouvelle Revue Française* exija certo nível formal e uma grande pureza de material, mas em deixando isso de lado, teria a substância de meu pensamento se tornado tão confusa e sua beleza geral tornada tão pouco ativa pelas impurezas e as indecisões que a semeiam que tal substância tenha acabado por não existir LITERARIAMENTE? É todo o problema do meu pensamento que está em jogo. Não se trata de nada menos senão que de saber se tenho ou não o direito de continuar a pensar, em verso ou em prosa.

Gostaria de passar numa dessas sextas-feiras para presenteá-lo com a pequena brochura de poemas que o Sr. Kahnweiler acaba de publicar e que tem como título *Tric Trac de ciel*, assim como o pequeno volume dos *Contemporâneos*: *as doze canções*. Você terá então a oportunidade de dar a sua apreciação definitiva acerca dos meus poemas.

Antonin Artaud

JACQUES RIVIÈRE A ANTONIN ARTAUD
25 de junho de 1923

Caro Senhor,

Li com muita atenção tudo isso que você quis submeter ao meu julgamento. É com toda sinceridade que acredito poder assegurar-lhe a respeito das inquietudes que traem a sua carta, e dizer-lhe que ela muito me toca também por ter-me escolhido para ser seu confidente.

Existe nos seus poemas, eu havia dito desde o primeiro instante, mau jeito e sobretudo

estranhezas desconcertantes. Mas eles me parecem corresponder a uma certa busca da sua parte mais do que a uma ausência de controle sobre os seus pensamentos.

Evidentemente (e isso é o que me impede no momento de publicar seus poemas na *Nouvelle Revue Française*) você não consegue, em geral, dar impressão suficiente de uma unidade. Mas como tenho o hábito de ler manuscritos, isso me permite entrever que essa concentração dos seus meios em direção a um objeto poético simples não está interditada por causa do seu temperamento, e que com um pouco de paciência, mesmo que seja através da eliminação de imagens ou de traços divergentes, você escreverá poemas perfeitamente coerentes e harmoniosos.

Ficarei sempre contente em revê-lo, de conversar com você e de ler o que lhe interessar submeter-me. Devo lhe reenviar o exemplar que você me trouxe?

Cordialmente,
Jacques Rivière

II
ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
Paris, 29 de janeiro de 1924

Senhor,

Você tem todo o direito de ter-me esquecido. Eu lhe havia feito ao longo do último mês de maio uma pequena confissão mental. E também havia lhe colocado uma questão. Essa confissão, permita-me completá-la agora, retomá-la, indo ao extremo de mim mesmo. Não busco me justificar aos seus olhos, me importa pouco existir diante de quem quer que seja. Tenho, para me curar do julgamento dos outros, toda a distância que me separa de mim mesmo. Não veja nisso, por favor, nenhuma insolência, mas o voto fiel, a exposição penosa de um doloroso estado do pensamento.

Sua resposta me feriu por muito tempo. Eu me ofereci a você como um caso mental, uma verdadeira anomalia psíquica, e você me responde através de um julgamento literário de poemas aos quais eu não me apegava, tratando-os e sequer podia sustentá-los. Estava orgulhoso de não ter sido compreendido por você. Mas percebo hoje que talvez não tenha sido suficientemente explícito, e por isso ainda peço que me perdoe.

Imaginei que chamaria a sua atenção senão pela preciosidade de meus versos, ao menos pela raridade de alguns fenômenos de ordem intelectual, que faziam com que esses versos não fossem, não pudessem ser outros, mesmo que em mim houvesse, e havia, os meios para levá-los à finalidade extrema da perfeição. Afirmação ostentosa, exagero, de propósito.

Minha questão era talvez especial, mas era a você que eu a colocava, a você e a mais ninguém, por causa da sensibilidade extrema, da penetração quase doentia do seu espírito. Me regozijava de

lhe aportar um caso, um caso mental caracterizado, e curioso como eu o via com toda a deformação mental, com todos os obstáculos destruidores do pensamento, acreditava, por isso mesmo, chamar aí a sua atenção sobre o valor *real*, o valor inicial do meu pensamento, e das produções do meu pensamento.

Essa dispersão dos meus poemas, esses vícios de forma, essa diminuição constante do pensamento, é preciso atribuí-la não a uma falta de exercício, de posse do instrumento que manejava, de *desenvolvimento intelectual*, mas a um colapso central da alma, a uma espécie de erosão, ao mesmo tempo essencial e fugaz, do pensamento. A não possessão momentânea dos benefícios materiais do meu desenvolvimento, a uma separação anormal dos elementos do pensamento (a impulsão a pensar, a cada uma das estratificações terminais do pensamento, passando por todos os estados, todas as bifurcações, todas as localizações do pensamento e da forma).

Existe algo que destrói meu pensamento; algo que não me impede de ser isso que eu poderia ser, mas que me deixa, se assim posso dizer, em suspensão. Algo furtivo que rouba as palavras que tinham sido encontradas, que diminui a tensão mental, que destrói ao fim e ao cabo, na sua substância, a massa do meu pensamento. Que me rouba até mesmo a memória das voltas e trajetos através das quais se exprime algo e que traduzem com exatidão as modulações as mais inseparáveis, as mais localizadas, as mais existentes do pensamento. Não insisto. Não tenho por que descrever meu estado.

Gostaria apenas de dizer o mínimo para que você me compreendesse e acreditasse.

E então finalmente me desse crédito. Admita, eu te peço, a realidade desses fenômenos, admita o furtivo deles, a sua repetição eterna, admita que nunca escreveria uma carta dessas se não tivesse vivido anteontem esse estado. E de novo aqui coloco minha questão:

Você conhece a sutileza, a fragilidade do espírito? Eu já não lhe disse o suficiente para provar que tenho um espírito que existe *literariamente*, como T. existe, ou E., ou S. ou M. Restitua ao meu espírito a reunião dessas forças, a coesão que lhe falta, a constância de sua tensão, a consistência de sua própria substância. (E tudo isso é ainda tão pouco.) Diga então se o que falta aos meus (antigos) poemas não lhes seria restituído de um só golpe?

Acredita que num espírito bem constituído a perspicácia anda junto com a extrema fraqueza, e que se pode ao mesmo tempo encantar e decepcionar? Enfim, se julgo bem meu espírito, não posso julgar as produções do meu espírito, senão na medida em que elas se confundem com ele, numa espécie de inconsciência feliz. Esse seria meu critério.

Envio então, para terminar, a última produção do meu espírito. Para mim ela vale pouco, mas ainda assim melhor do que nada. Não adianta continuar. A questão é saber se é melhor escrever isso mesmo ou não escrever mais nada.

A resposta a isso você fará aceitando ou recusando esse pequeno ensaio. Você julgará do ponto de vista do absoluto. Mas eu te diria que seria uma grande consolação pensar que, mesmo não sendo eu mesmo tudo, nem tão alto, nem tão denso, nem tão grande, posso ainda ser alguma coisa. Por isso, seja realmente absoluto. Julgue essa prova fora de todos os critérios de tendências, de princípios, de gosto pessoal, julgue com a caridade de sua alma, a lucidez essencial de seu espírito, repense-a com o seu coração.

Ela indica provavelmente um cérebro e uma alma que existem, que ocupam um certo lugar. Em proveito da irradiação palpável dessa alma, só a rejeite se a sua consciência com todas as suas forças protestar, mas se você tiver alguma dúvida, que ela resolva a meu favor.

Me ponho ao seu julgamento.

Antonin Artaud

Post-scriptum a uma carta onde se discutiram algumas teses literárias de Jacques Rivière

Você me diria: para dar uma opinião a questões como essa seria preciso uma outra coesão mental e uma outra penetração. Oh sim! É minha própria fraqueza e minha *absurdidade* querer escrever a qualquer preço, e me expressar!

Sou um homem que sofreu muito do espírito, e por isso tenho o *direito* a falar. Sei o tráfico das coisas aqui dentro. Aceitei de uma vez por todas submeter-me a minha própria inferioridade. E no entanto não sou burro. Sei que há o que pensar mais longe do que penso, e talvez de outro modo. Espero apenas que mude meu cérebro, que dele se abram os compartimentos superiores. Em uma hora ou amanhã talvez já tenha mudado de ideia, mas esse pensamento presente existe, não deixarei que se perca o meu pensamento.

GRITO
O pequeno poeta celeste
Abre as persianas de seu coração
Os céus se entrechocam. O esquecimento
Desenraíza a sinfonia.

Palafreneiro da casa louca
Que te deixa guardar os lobos
Não suspeite dos coléricos
Que se encobrem sob a grande alcova
Da cúpula que pende sobre nós.

Em consequência silêncio e noite
Amordace toda impureza
O céu de grandes entrelaces
Avança ao carrefour de ruídos

A estrela come. O céu oblíquo
Abre seu voo em direção aos cumes
A noite varre os dejetos
Do repouso que nos continha

Sobre a terra uma lesma
Saúda dez mil brancas mãos
Uma lesma rasteja ali
Onde a terra se dissipou

Ora os anjos voltavam à paz
Que nenhuma obscenidade chama
Quando se eleva a voz real
Do espírito que os chamava

O sol mais baixo do que o dia
Vaporizava todo o mar
Um sonho estranho e no entanto claro
Nascia sobre a terra em derrota

O pequeno poeta perdido
Deixa a sua posição celeste
Com a ideia de um além-terra
Encerrado em seu coração áspero

Duas tradições se encontraram
Mas nossos pensamentos arraigados
Não tinham o lugar merecido
Experiência a recomeçar

ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
22 de março de 1924

Minha carta merecia ao menos uma resposta. Me reenvie, por favor, cartas e manuscritos.

Gostaria de encontrar algo inteligente a lhe dizer, para bem demarcar o que nos separa, mas é inútil. Sou um espírito ainda não formado, um imbecil: pense de mim o que você bem entender.

Antonin Artaud

JACQUES RIVIÈRE A ANTONIN ARTAUD
Paris, 25 de março de 1924

Caro Senhor,

Mas claro, concordo com você, suas cartas mereciam uma resposta; até agora ainda não havia

podido lhe dar: isso é tudo. Desculpe-me, eu te peço.

Uma coisa me choca: o contraste entre a extraordinária precisão de seu diagnóstico sobre você mesmo e a vaga, ou ao menos, a não uniformidade das realizações que você tenta.

Estava sem dúvida equivocado, na minha carta do último ano, de querer assegurá-lo a qualquer preço: fiz como esses médicos que pretendem curar seus pacientes se recusando a acreditar neles, negando a estranheza de seus casos, reinserindo-os à força na normalidade. É um mau método. Eu me arrependo.

Mesmo que não tivesse outro testemunho, sua escrita atormentada, instável, em desabamento, como se absorvida aqui e ali por secretos turbilhões, seria suficiente para garantir-me dos fenômenos de "erosão" mental dos quais você se queixa.

Mas como você disso escapa tão bem quando tenta definir o seu mal? Seria preciso crer que a angústia lhe dá essa força e essa lucidez que te falta quando você não está se pondo você mesmo em questão? Ou então seria a proximidade do objeto que tenta agarrar que permite de súbito esse apoderar-se tão seguro? Em todo caso, você chega, na análise do seu próprio espírito, a êxitos completos, remarcáveis, e que devem lhe dar confiança nesse mesmo espírito, posto que ele é tanto e ainda o instrumento que lhe proporciona.

Outras considerações podem ajudá-lo, não tanto a esperar a cura, mas a ser paciente com o seu próprio mal. Seriam considerações de ordem geral. Você fala num momento de sua carta de "fragilidade do espírito". Ela é abundantemente comprovada pelas irregularidades que a psiquiatria estuda e cataloga. Mas talvez ainda não tenhamos suficientemente mostrado o quanto o pensamento dito normal é produto de mecanismos aventureiros.

Que o espírito existe por ele mesmo, que ele tem uma tendência a viver de sua própria substância, que ele se desenvolve na pessoa através de um tipo de egoísmo e sem se inquietar de se manter de acordo com o mundo, é o que não é mais possível, me parece, de ser hoje em dia contestado.

Paul Valéry encenou de forma maravilhosa essa autonomia, em nós, da função pensante, no seu famoso "Senhor Teste". Preso nele mesmo o espírito é uma espécie de cancro; ele se propaga, ele avança constantemente em todas as direções. Você notou como um dos seus tormentos "a impulsão a pensar, a cada uma das estratificações terminais do pensamento"; as aberturas do espírito são ilimitadas, nenhuma ideia o bloqueia, nenhuma ideia lhe aporta cansaço nem satisfação, mesmo esse apaziguar temporário, que encontra pelo exercício das nossas funções físicas, lhe são desconhecidas. O homem que pensa se despende a fundo. Romantismo à parte, não há outra saída para o pensamento puro senão a morte.

Existe toda uma literatura – sei que ela o preocupa tanto quanto me interessa – que é produto do funcionamento imediato e, poderia dizer, animal do espírito. Ela tem o aspecto de vasto

campo de ruínas; as colunas ali de pé encontram-se assim por mero acaso. O acaso ali reina, assim como uma espécie de multidão desolada. Se poderia dizer que ela é a expressão mais exata desse monstro que todo homem porta em si mesmo, mas que busca travá-lo nas ligações factuais e na experiência.

Mas, você me dirá, estaria realmente aí o que você chama de "fragilidade do espírito"? Enquanto me queixo de uma fraqueza, você pinta outra doença[15] que viria de um excesso de força, de um transbordar de potência.

Eis aqui o que penso visto um pouco mais de perto: o espírito é frágil naquilo em que precisa de obstáculos – de obstáculos acidentais. Sozinho ele se perde, se destrói. Me parece que essa "erosão" mental, que esses furtos interiores, essa "destruição" do pensamento em sua "substância" que aflige seu pensamento não possuem outra causa senão a grande liberdade que você lhe concede. É o absoluto que o desregula. Para se sustentar, o espírito precisa de um limite. E que venha ao seu caminho a bem-vinda opacidade da experiência. O único remédio para a loucura é a inocência dos fatos.

Desde que aceite o plano mental, você aceitará todos os transtornos e sobretudo todos os relaxamentos do espírito. Se por pensamento se entende criação, como você parece fazer a maior parte do tempo, é preciso de qualquer maneira que ele seja relativo; não se encontrarão a segurança, a constância, a força senão no engajamento do espírito com alguma coisa.

Eu sei: há uma espécie de embriaguez no instante da sua emanação pura, no momento onde o seu fluido escapa do cérebro e encontra uma certa quantidade de espaços, uma quantidade de estágios onde se estende.

É essa impressão totalmente subjetiva de uma inteira liberdade, e com total licença intelectual que os surrealistas buscaram traduzir sob o dogma de uma quarta dimensão poética. Mas o castigo dessa expansão está muito perto: o universal possível transforma-se em impossibilidades concretas; o fantasma capturado encontra para vingá-lo vinte fantasmas interiores que nos paralisam, que devoram nossa substância espiritual.

Isso quer dizer que o funcionamento normal do espírito deve consistir numa servil imitação do dado e que pensar não seja nada além do que reproduzir? Não creio, é preciso escolher o que queremos realçar e que não seja sempre algo definido, nem sempre conhecido, mas ainda desconhecido. Para que o espírito encontre toda a sua potência é preciso que o concreto exerça sua função misteriosa. Todo pensamento que logra, toda linguagem que agarra as palavras nas quais em seguida se reconhece o escritor são sempre o resultado de um compromisso entre uma corrente de inteligência que sai dele e de uma ignorância que lhe chega, uma surpresa, um impedimento. A justeza de uma expressão comporta sempre um resto de hipótese; é preciso que a palavra bata num objeto surdo, não atingido pela razão. Mas onde falta o objeto, o obstáculo, o espírito continua inflexível e débil, e tudo se desagrega numa imensa contingência.

Talvez eu o julgue de um ponto de vista excessivamente abstrato e com preocupações muito pessoais: mas me parece que o seu caso se explica em grande parte através dessas considerações às quais aqui me entrego, um pouco exageradamente longas, e que entram no esquema geral que tentei traçar. Quanto mais permitir que a sua força intelectual entre no absoluto ela será trabalhada por turbilhões, bordada por impotências, levada por sopros ameaçadores que a desorganizam; mas logo que, empurrado pela angústia de seu próprio espírito, você dirigi-la para esse objeto próximo e enigmático, ela se condensa, se intensifica, se torna útil e penetrante e lhe traz bens positivos, a saber: verdades expressas com o relevo que permita comunicá-las, acessível aos outros, algo que ultrapasse os seus sofrimentos, sua existência mesma, que te faça crescer e consolide, que lhe dê a única realidade que o homem pode esperar conquistar por suas próprias forças, a realidade no outro.

Não sou otimista por sistema, mas me recuso a desesperar-me por você. Minha simpatia por você é imensa, errei em deixá-lo tanto tempo sem resposta.

Guardo seu poema. Envie-me tudo que você faça.

Acredite, lhe rogo, meus melhores sentimentos,

Jacques Rivière

III
ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
Paris, 7 de maio de 1924

Caro Senhor,

Para voltar a uma discussão já antiga, imagine um minuto que essa impossibilidade de me expressar se aplica às necessidades básicas da minha vida, às eventuais e às mais urgentes – e ao sofrimento que segue para compreender que não é por falta de dedicação que renuncio. Estou em disponibilidade poética. Deve-se às circunstâncias fortuitas e exteriores o fato de que minhas possibilidades reais não se realizam. Para mim seria suficiente que acreditassem que tenho possibilidades de cristalização de coisas, em formas e palavras necessárias.

Tive que esperar todo esse tempo para te endereçar esse magro bilhete que é claro a despeito de ser mal escrito. Você pode tirar as conclusões que se impuseram.

Uma coisa permanece obscura na sua carta: a utilização que você conta fazer do poema que eu te enderecei. Você colocou o dedo em parte de mim; a literatura propriamente dita não me interessa muito, mas se julgar por bem de publicá-lo, te peço, me envie antes as provas, é importante para mim mudar uma ou duas palavras.

Todos os meus bons pensamentos.

Antonin Artaud

JACQUES RIVIÈRE A ANTONIN ARTAUD
24 de maio de 1924

Caro Senhor,

Me ocorre uma ideia à qual resisti algum tempo, mas que decididamente me seduz. Medite você sobre ela. Espero que ela lhe agrade. Ela ainda precisa ser desenvolvida.

Por que não publicamos as cartas que você me escreveu? Acabo de reler essa de 29 de janeiro, ela é notável.

Só haveria um pequeno esforço de transposição a ser feito. Quero dizer que daremos nomes inventados ao destinatário e ao signatário. Talvez eu possa redigir uma resposta tendo como base essa que te enviei, porém mais desenvolvida e menos pessoal. Talvez também pudéssemos introduzir um fragmento dos seus poemas ou de seu ensaio sobre Uccello? O conjunto formaria um pequeno romance epistolar que seria bastante curioso.

Me diga o que pensa, em esperando despeço-me amigavelmente.

Jacques Rivière

ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
25 de maio de 1924

Caro Senhor,

Por que mentir, por que colocar no plano literário algo que é o grito da vida mesmo, por que dar aparência de ficção ao que é feito da substância inextirpável da alma e que é como a reivindicação da realidade? Sim a sua ideia me agrada, me satisfaz, mas com a condição de que não demos a esse que assiste a impressão de um trabalho fabricado. Temos o direito de mentir, mas não sobre a essência da coisa. Não me interessa necessariamente assinar a carta com o meu nome. Mas é preciso que o leitor pense ter em mãos os elementos de um romance vivido. Seria preciso publicar todas as minhas cartas, da primeira à última, e chegar, portanto, até o mês de junho de 1923. É preciso que o leitor tenha em mãos todos os elementos do debate.

Um homem toma posse de si mesmo por meio de lampejos, e muitas vezes quando toma posse de si não se encontra nem se alcança. Ele não realiza essa coesão constante de forças sem a qual toda criação verdadeira é impossível. Esse homem, no entanto, existe. Digo que ele tem uma realidade distinta e que lhe dá um valor. Vamos condená-lo ao nada sob o pretexto de que ele só oferece fragmentos dele mesmo? Você mesmo não crê e a prova está na importância que dá a esses fragmentos. Já tinha há muito tempo a ideia de te propor a reunião. Até aqui nunca ousei e nesse sentido a tua carta responde ao meu desejo. Para lhe dizer com que satisfação acolho essa ideia.

Me dou conta das paradas e das irregularidades dos meus poemas que tocam a essência mesma

da inspiração e que provêm de minha indelével impotência a me concentrar sobre um objeto. Por fraqueza fisiológica, fraqueza que toca a substância mesma do que se conveio chamar de alma e que é o emanar de nossa força nervosa coagulada em torno dos objetos. Mas dessa fraqueza sofre toda a nossa época. Ex.: Tristan Tzara, André Breton, Pierre Reverdy. Mas a alma deles não sofre fisiologicamente, nem substancialmente, e sim apenas nos pontos em que se encontra com alguma outra coisa. Ela não está *fora do pensamento*; então de onde vem o mal, é realmente o espírito da época, um milagre flutuando no ar, um sinal cósmico e maléfico ou a descoberta de um mundo novo, um alargamento verdadeiro da realidade? Resta que eles não sofrem e eu sofro, não somente com o espírito, mas na carne e na alma cotidianas. Essa inaplicação ao objeto que caracteriza toda literatura em mim é uma inaplicação à vida. Posso dizer realmente que não estou no mundo, e isso não é uma simples atitude do espírito. Meus últimos poemas parecem ter seriamente progredido. Eles são realmente impublicáveis na íntegra? Aliás pouco importa, prefiro mostrar-me na minha inexistência e no meu desenraizamento. Poderíamos em todo caso publicar fragmentos significativos. Creio que a maior parte das estrofes são boas. A reunião sozinha destrói o valor. Você mesmo escolheria esses fragmentos e classificaria as cartas. *Aqui já não sou mais juiz*. Mas o que realmente me importa é que o equívoco não se introduza na natureza dos fenômenos que evoca em minha defesa. É preciso que o leitor creia numa verdadeira doença[16] e não em um fenômeno de época, uma doença que toca a essência do ser e as suas possibilidades centrais de expressão, e que se aplica a toda uma vida.

Uma doença que afeta a alma na sua realidade mais profunda, e que infecta as manifestações. O veneno do ser. Uma verdadeira *paralisia*. Uma doença que remove a palavra, a lembrança, que desenraíza o pensamento.

Já disse o suficiente, acredito que para ser compreendido seja importante publicar esta carta. Percebo que ela poderia servir como finalização e conclusão ao debate na parte que me concerne.

Acredite, caro senhor, nos meus sentimentos afetuosos e no meu reconhecimento.

Antonin Artaud

ANTONIN ARTAUD A JACQUES RIVIÈRE
6 de junho de 1924

Caro Senhor,

Minha vida mental é atravessada por dúvidas mesquinhas e certezas peremptórias que se exprimem em palavras lúcidas e coerentes. E as minhas fraquezas são de uma contextura mais trêmula, elas são larvares e mal formuladas. Elas têm raízes vivas de angústia que tocam o cerne da vida, mas que não possuem a perturbação da vida, não se sente aí o sopro cósmico de uma alma abalada em suas bases. Elas são de um espírito que não pensou sua fraqueza, senão ele a traduziria em palavras densas e ativas. Aí está, senhor, todo o problema: ter em si a realidade

inseparável e a clareza material de um sentimento, tê-la até ao ponto em que só lhe resta exprimi-la. Ter um acervo rico em palavras, fraseados aprendidos que poderiam entrar na dança, servir ao jogo; e no momento em que a alma está pronta para organizar sua riqueza, suas descobertas, nessa revelação, nesse inconsciente minuto onde a coisa está no limiar de emanação uma vontade superior e ruim ataca a alma como um ácido, corrói a massa palavra-imagem, a massa do sentimento e me deixa, a mim mesmo, sufocando na porta mesma da vida.

E essa vontade, suponha agora que a sinto fisicamente, que ela me abala com uma eletricidade imprevista e súbita, uma eletricidade repetida. Suponha que cada instante pensado tenha sido em certos dias abalado por esses tornados profundos e que nada de fora o tenha traído. E me diga se alguma obra literária é compatível com esses estados. Qual cérebro resistiria? Qual personalidade aí não se dissolveria? Se eu tivesse ao menos essa força me pagaria eventualmente o luxo de submeter em pensamento alguém de renome, algum jovem ou velho escritor, no qual o pensamento nascente já se faz notório a essa maceração, a essa dor tão premente para ver o que deles restaria. É preciso não se antecipar a julgar os homens, é preciso dar-lhes crédito até no absurdo, até a borra. Essas obras duvidosas que parecem a você sempre o produto de um espírito ainda em não possessão dele mesmo, e que talvez jamais se possuirá, quem saberá qual cérebro escondem, qual potência de vida, qual febre pensante que só as circunstâncias reduziram. Já falei muito de mim e das minhas obras por vir, não peço mais nada a não ser sentir meu próprio cérebro.

Antonin Artaud

JACQUES RIVIÈRE A ANTONIN ARTAUD
Paris, 8 de junho de 1924

Caro Senhor,

Talvez eu tenha falsificado com minhas ideias, meus preconceitos ao seu sofrimento, a sua singularidade. Talvez tenha tagarelado ali onde era preciso compreender e reconhecer. Eu quis assegurá-lo e curá-lo. Isso vem sem dúvida de uma espécie de raiva com a qual reajo sempre eu mesmo em relação à vida. Na minha luta por viver só me confessaria vencido em perdendo o sopro mesmo.

As suas últimas cartas, em que a palavra "alma" substituiu muitas vezes a palavra "espírito", acordaram em mim uma simpatia ainda maior, mas também mais embaraçada do que as primeiras. Sinto que toco uma miséria profunda e privada; fiquei em suspenso diante de males que não pude senão entrever. Mas talvez essa atitude interditada lhe trará mais segurança e encorajamento que meus raciocínios precedentes.

Mas ainda! Sou eu realmente desprovido de meios para entender os seus tormentos? Você diz que "Um homem toma posse de si mesmo por meio de esclarecimentos, e muitas vezes quando

toma posse de si não se encontra nem se alcança". Esse homem é você, mas posso dizer que sou eu também. Não conheço nada semelhante aos seus "tornados", nem a essa "vontade maléfica" que "de fora ataca a alma" e os seus poderes de expressão. Mas, sendo mais geral e menos doloroso, a inferioridade que sinto em relação a mim mesmo não é menos clara do que a sua.

Como você eu também me afasto, para lhe dizer as alternativas pelas quais passo, do símbolo cômodo da inspiração. Trata-se de alguma coisa mais profunda, mais "substancial", – se ouso desviar essa palavra de seu sentido usual, trata-se de algo mais fundo do que esse bom vento que viria, ou não, do fundo do espírito. Trata-se de nuances e graus que percorro dentro da minha própria realidade. Não voluntariamente, infelizmente! Mas de maneira unicamente acidental.

Mas isso aqui se deve notar: o fato de que minha existência, como você mesmo já percebeu, em nenhum momento torna-se para mim objeto de uma séria dúvida. Sempre resta algo de mim, mas é normalmente algo de pobre, de inábil, de inválido e até mesmo de suspeitoso. Não perco nesses momentos toda a ideia de minha realidade, mas perco às vezes a esperança de reconquistá-la algum dia. Ela fica como um teto suspenso miraculosamente no ar sobre a minha cabeça, o qual não seria capaz de alcançar para me reconstruir.

Meus sentimentos, minhas ideias – as mesmas de sempre – passam com um ar um pouco fantástico; eles são tão fracos e hipotéticos que parecem apenas especulação filosófica, eles ainda estão aqui, contudo, mas eles me olham para que eu note a sua ausência.

Proust escreveu as intermitências do coração, seria preciso agora escrever as intermitências do ser.

Evidentemente existem nesse evanescer da alma causas fisiológicas suficientemente fáceis de serem determinadas.

Você fala da alma "como coagulação da nossa força nervosa" e você diz que ela pode "sofrer fisiologicamente". Eu, como você, penso que ela depende muito do sistema nervoso. No entanto, suas crises são tão caprichosas que num certo momento somos tentados, como você faz, a buscar uma causa mística, uma "vontade maléfica", aguerrida de fora à sua diminuição.

Em todo caso, é fato que todo um grupo de homens está sujeito às oscilações no plano do ser. Quantas vezes tendo-nos colocado numa atitude psicológica familiar descobrimos que ela já nos teria ultrapassado, ou que nós sub-repticiamente já dela teríamos diferido? Muitas vezes o nosso personagem habitual nos apareceu subitamente simulado, ou mesmo fictício, pela ausência mesma de fontes espirituais ou "essenciais" que deveriam alimentá-lo.

Por onde passa e de onde volta nosso ser que toda psicologia até hoje finge considerá-lo uma constante? É um problema mais ou menos insolúvel, a não ser que se recorra ao dogma religioso, como esse da Graça, por exemplo. Eu admiro que a nossa época (penso em Pirandello, e em Proust onde isso está implícito) tenha ousado colocar essa questão deixando-a em aberto, e

circunscrevendo-a à angústia.

"Uma alma que sofre fisiologicamente." Terrível herança. No entanto, penso que sob um certo olhar, sob uma certa relação de clarividência, pode ser um privilégio. É o único meio que temos de nos compreender um pouco, de ao menos nos ver. Quem não conhece a depressão, quem nunca sentiu sua alma levada pelo corpo, invadida por sua fraqueza, é incapaz de perceber alguma verdade no homem; é preciso não poder mais mexer, ter esperança ou crença para constatar. Como distinguiremos nossos mecanismos intelectuais ou morais se deles não nos privarmos temporariamente? Essa é a única consolação para aqueles que experimentam a morte em seus pequenos golpes: eles são os únicos que sabem um pouco como a vida é feita.

E ainda a "maceração, a essa dor tão premente" impede que neles se eleve a nuvem ridícula da vaidade. Você me escreve: "tenho para me curar do julgamento dos outros toda a distância que me separa de mim mesmo." Essa é a utilidade dessa "distância": ela "cura-nos do julgamento dos outros"; ela nos impede de tentar algo que seduza, que nos acometa, ela nos conserva puros e, apesar das variações de nossas realidades, ela nos assegura um grau superior de identidade em relação a nós mesmos.

Claro que a saúde é o único ideal admissível, o único a que esse a quem chamo homem tem o direito de aspirar; mas quando ela é dada desde o início a um ser ela lhe esconde a metade do mundo.

Me deixei de novo à vontade para, apesar de mim, lhe reconfortar, tentando lhe mostrar quanto, mesmo em matéria de existência, o estado normal pode ser precário. Desejo do fundo do coração que os níveis que descrevi sejam acessíveis para você tanto no sentido de ascensão quanto no outro. Um momento pleno, de igualdade com você mesmo, porque depois de tudo isso não lhe seria interditado se você já tem a coragem de desejá-lo. Só há perigo absoluto para quem se abandona; não há morte completa senão para quem toma o gosto de morrer.

Peço-lhe que creia em minha profunda simpatia.

Jacques Rivière

13. A *Nouvelle Revue Française*, conhecida como NRF, era uma revista literária da Editora Gallimard de suma importância no lançamento de inúmeros escritores e artistas das vanguardas modernas. 14. O autor utiliza a palavra em francês *maladie* cuja tradução corrente e usual para o português seria *doença*. Mas vale ressaltar que em algumas passagens se escolherá utilizar a palavra *mal*, posto que a palavra *doença* tem seu sentido exclusivamente comprometido com todo o aparato médico-legal que a sustenta e, ao mesmo tempo, perde em português o prefixo *mal* que se mantém em francês. Tal prefixo é crucial para entender as associações que o poeta fará entre as noções de *mal, maladie* e *malheur*, em português, respectivamente, *mal, doença* e *sofrimento*. Assim

como todas as associações que advêm do mal, do maldito e do maldizer que, como o leitor verá, atravessam a obra do poeta. 15. Optei, quando se trata da resposta de Rivière para Artaud, por manter a tradução literal de *maladie* por doença, já que essa me parece seguramente ser a visão do editor, que não explora, como fez o escritor, as possíveis "potências" do mal. 16. Aqui opto por manter a tradução de *maladie* por doença por entender que essa tradução fala mais aos ouvidos contemporâneos e à patologização de nossas vidas. Estou ciente de que tanto *mal do espírito* quanto *doença do espírito*, nesse trecho, evocam o que Artaud quer agarrar: seu sofrimento exacerbado e a veracidade de que o mesmo se instala nessa perda ou diapasão que ele experimenta em relação a ele mesmo.

QUATRO CARTAS A ALEXANDRA PECKER E UMA CARTA AO DOUTOR ALLENDY

A Alexandra Pecker,[17]

[*Paris, 25 de novembro de 1922*]

Eu lhe expliquei de onde vinha a minha irritação do outro dia: da necessidade de, após uma jornada extenuante para mim, ter de cuidar de você e de acompanhá-la até a sua mãe. Eu percebo bem que você sofre. Mas eu não fiz nada para provocar esse sofrimento. Não tendo lhe prometido meu amor, não tendo nunca sequer pensado em fazê-la minha amante, e por conseguinte não tendo a abandonado, eu não sou *responsável* por isso em nenhum grau. Eu lhe ofereci minha amizade, mas você não pode se contentar com ela. Eu não quero que um ser humano se sacrifique por mim. Você pode ser adorada. E, além disso, quando a conheci eu tinha há quatro anos uma amiga que me amava quase como você me ama. Eu iria traí-la? Iria enganá-las uma e outra? Outros o teriam feito. Eu não. Eu lhe peço perdão pelo mal involuntário que lhe fiz. Não estou dizendo que não a verei mais. Mas deixe que me recolha em mim mesmo. Não há somente o amor nessa vida.

Eu me espanto que você possa viver ocupada por um só pensamento.

Porque antes do amor há a vida e eu a perdi há bastante tempo.

Ant. Artaud

17. Alexandra Pecker participou dos primeiros espetáculos do Théâtre Alfred Jarry. As cartas permaneceram inéditas até a publicação de *Oeuvres* da Editora Gallimard de 2004.

Ao Doutor Allendy[18],

Paris, 30 de novembro de 1927

Caro amigo,

Eu lhe disse que as conferências de psicanálise a que acabei assistindo deixaram em mim uma impressão inesquecível? Você sabe bem quais repugnâncias sobretudo instintivas e nervosas eu manifestava, quando o conheci, por esse tipo de tratamento. Você conseguiu me fazer mudar de opinião, senão do ponto de vista intelectual, porque há nessa curiosidade, nessa penetração da minha consciência por uma consciência estrangeira uma espécie de prostituição, de impudor que eu rejeitarei sempre, mas enfim do ponto de vista experimental. Desse eu pude constatar os benefícios que pude obter. Necessitando, eu me prestarei novamente a uma tentativa análoga, mas do mais profundo de minha vida eu persisto em fugir da psicanálise, eu fugirei sempre como fugirei de toda tentativa de encerrar a minha consciência em preceitos ou em fórmulas – em qualquer organização verbal. Mas testemunharei apesar de tudo as mudanças que com seu feito se produziram em mim. Entretanto, e eis por que lhe escrevo, há à minha volta, e em você particularmente, uma tendência a me achar *curado*, a pensar que eu retomei a vida de todo mundo, e que meu caso deixa de ser julgável pela medicina. Não é assim. Eu ainda preciso muito, preciso fundamentalmente de alguém como você, contanto que você consinta em reformar seu julgamento a meu respeito. Eu percebo muito bem a tendência que existe de acreditar que eu dei a volta por cima e que estou em uma fase resplandecente de minha existência, que a sorte me favorece, me cobre com seus dons, com seus benefícios. E, de fato, tudo parece prová-lo. Tenho o ar próspero tanto do ponto de vista material quanto do ponto de vista moral e espiritual. Contudo, há em mim qualquer coisa podre, há em meu psiquismo uma espécie de vício fundamental que me impede de gozar daquilo que o destino me oferece. Eu lhe digo isso para que você não se desinteresse de mim e que você creia que eu continuo a precisar de seus cuidados. Minha lucidez está inteira, mais aguda do que nunca, mas é o objeto no qual aplicá-la que me falta, falta a substância interna. É mais grave e mais sofrido do que você pensa. Eu gostaria de ultrapassar esse ponto de ausência e de vacuidade. Esses tropeções que me deixam enfermo, inferior a tudo e a todos. Eu não tenho vida, eu não tenho vida!!! Minha efervescência interna está morta. Faz anos que não a encontro, que eu já não tenho esse jorro que me salva. Essa espontaneidade das imagens que portam o eu. Onde a minha personalidade se reencontra, faz volta nela mesma. Encontra a sua densidade, a sua sonoridade preciosa. Um langor me ocupa unicamente o espírito. Tudo aquilo que encontro como imagens, ideias, se pode dizer que eu as encontro na sorte, e que são somente uma lembrança como que colada e que não tem o aspecto da vida nova – e a qualidade disso se ressente. Não é uma imaginação, uma impressão. É o fato de que não sou mais eu mesmo, que o meu eu autêntico dorme. Eu vou em direção às minhas imagens. Eu as arranco por tufos lentos, elas não vêm a mim, já não se impõem a mim. Nessas condições já não tenho mais critério. Essas imagens em que a autenticidade dá o valor já não têm

valor, não sendo senão efígies, reflexos de pensamentos anteriormente ruminados, ou ruminados por outros, não atualmente e realmente PENSADOS. Compreenda-me. Não é mesmo uma questão de quantidade de imagens, de qualidade do pensamento. É uma questão de *vivacidade* fulgurante, de verdade, de realidade. Já não há vida. A vida não acompanha, não ilumina aquilo que eu penso. Eu digo A VIDA. Eu não digo uma cor de vida. Eu digo a vida verdadeira, a iluminação essencialmente: eu digo o ser, a fagulha inicial onde se inflama todo o pensamento – esse núcleo. Eu sinto meu núcleo morto. E eu sofro. Sofro em cada uma das minhas expirações espirituais, eu sofro com sua ausência, com a virtualidade por onde passam *inevitavelmente* todos os meus pensamentos, na qual se absorve e se desvia MEU PENSAMENTO. Sempre o mesmo mal. Eu não consigo *pensar*. Compreenda esse abismo, esse intenso e duradouro nada. Essa vegetação. Como tenebrosamente vegeto. Não posso avançar nem recuar. Estou fixado, localizado em volta de um ponto. Sempre o mesmo e que todos os meus livros traduzem. Mas meus livros, eu os deixei agora atrás de mim. Eu não consigo ultrapassá-los. Porque para ultrapassá-los seria preciso antes *viver*. E me obstino a não viver. Eu tentei fazê-lo entender como. É que meu pensamento já não se desenvolve nem no espaço nem no tempo. Eu não sou nada. Eu não tenho a mim mesmo. Porque em face do que quer que seja, percepção ou circunstância, eu não penso nada. Meu pensamento não propõe nada. É em vão que busco. E nem do lado intelectual nem do lado afetivo ou puramente imaginário, eu não tenho nada. Estou sem nenhuma espécie de reserva. Sem nenhuma espécie de possibilidade.

Eu não tenho razão para procurar minhas imagens. Eu SEI que eu não encontrarei jamais minhas imagens. Que não se elevará em mim nada que atinja o grau de duração mental, de constrição interna onde meu eu se reencontraria, se acharia. Assim como eu não reencontrarei minha fulguração pessoal, uma intensidade de visão, uma *extensão* de concepções nascidas na facilidade, eu quero dizer nascidas e não provocadas, totalmente inventadas, todas as minhas obras serão duvidosas. Porque nascerão em condições falsas e de tal forma que todos os homens irão ignorá-las, menos eu. Tudo que escrevo não é criado, não participa da criação, na melhor hipótese, não é feito de bricabraque, mas é sem necessidade, e sempre faltando-lhe algo. Eu lhe juro, caro amigo, que é grave, é muito grave. Eu vegeto na pior indolência moral. Eu não trabalho nunca. O que sai de mim é tirado como por acaso. E eu poderia dizer, escrever ou pensar completamente outra coisa daquilo que digo ou penso e isso me representaria da mesma forma. Da mesma forma ruim. Ou seja, não representaria de forma nenhuma. Eu não estou aí. Eu não estou mais aí, nunca mais. É grave porque não se trata do trabalho gratuito da escrita, ou das imagens pelas imagens, trata-se do pensamento absoluto, ou seja, da vida. A mesma vacuidade me ocupa diante de não importa qual circunstância da vida. Sempre a história das cartas a Rivière. Eu sei bem que eu chateio todo mundo, que eu não interesso a ninguém – mas como fazer uma vez que eu vivo. Ao menos em *morrer* já não há questão. Que eu morra, ou você me tendo compreendido e sabendo *o pouco que vale* a minha vida atual, que ilude tanta gente, encontre um

meio medical de me tirar daqui.

Artaud

P.S. – Eu lhe agradeço pelas pílulas, mas em 15 dias elas foram devoradas. Entretanto, em Cannes eu precisarei delas por 3 semanas. Eu precisaria de umas quarenta porque como você imagina eu recaí rudemente no láud[ano].

Ai de mim!!!

18. Dr. René Allendy, psiquiatra e psicanalista, fundou com Laforgue e Bonaparte a Sociedade Psicanalítica de Paris, em 1926. Atendeu Antonin Artaud e Anaïs Nin, colocando-os em contato.

A Alexandra Pecker

[*Verdun, 19 de fevereiro de 1928*][19]

Cara Amiga,

Eu lhe asseguro que tenho pavor de ouvir falar de mim. Evite-o, eu lhe rogo, o *mais possível*. Por outro lado, eu me lixo certamente para a Posteridade, ao menos tanto quanto para meus contemporâneos. Imagine que eles, por sua vez, também são a posteridade de alguma coisa. E que eles são mais burros que seus antecessores. Não me cite nem Boileau nem ninguém. Não me faça *comparações* literárias. Essas referências nos livros, essas similitudes verbais, tudo isso *não conta*, NÃO CORRESPONDE. Não compreende que eu debochava de mim mesmo e dos outros dizendo que eu seria compreendido em dez anos? Tudo isso é sem importância e eu me considero compreendido porque existem algumas pessoas que me compreendem. O tempo aqui está muito ruim, não melhora e não sei como partirei se ele não melhorar e, se continuar assim, eu precisarei ainda de alguma coisa e vou ser obrigado a chateá-la de novo porque só você poderá me prestar esse eminente serviço em Paris. Eu escreverei a meus amigos para receber a receita e verei se fico ou se parto.

Que *desespero* por ter assinado esse contrato. Eu levo, dez horas por dia, uma imunda vida de soldado, nesse estado em que me encontro. É verdadeiramente atroz.

Eu não pude me ocupar de lhe enviar o que lhe devo porque estou, durante toda o dia, longe do correio e terrivelmente cansado.

Eu voltarei ao que você me disse na sua carta. Mas eu não amo, de fato, constatar essa hostilidade de que você fala. Eu achei, ao contrário, que as coisas estavam indo muito bem.

Se eu lhe enviar a receita será com muita urgência. Obrigado.

Eu aperto afetuosamente suas mãos.

Antonin Artaud

19. Durante o período em que ficou em Verdun para a encenação de *Verdun, visions d'histoire,* de Leon Poirier, Artaud escreveu diversas cartas a Alexandra Pecker pedindo que mandasse láudano e outros remédios.

A Alexandra Pecker

20 de abril de 1928

Minha querida Alexandra,

Queria combinar domingo no mesmo lugar e à mesma hora. Ou seja, no Chez Francis às onze horas ¼.

Eu a encontrarei, portanto, mas queria que você entendesse que sua atitude exterior me importa pouco. Eu não lhe critico o ar lúgubre. Eu o constato, mas não me incomoda. O que me incomoda muito mais é a inquietação que você sente com minha vida toda. Que você se preocupe com o que eu faço e com quem saio. Que você não possa *sem sofrimento* saber que me encontro com outras pessoas além de você. E isso você disse bem, É VERDADE.

Entretanto, você deve admitir que sou livre. Não somente você não me presta contas dos seus atos, mas, ainda, você não supõe que eu possa me incomodar com os encontros que você tem. Ontem à noite, Lhippman, o jovem americano, marcou comigo no bar do La Coupole para me arrancar dinheiro. Eu então encontrei com esse homem. Soube, em seguida, pelo seu amigo, que você se fechou em casa, triste e doente.

Sinta então o que há de horrível nisso para mim.

Para impedi-la de sofrer eu deveria consagrar todo o meu tempo a você e só encontrar com você. Isso não é possível. Eu tenho uma vida como todo mundo.

Além disso, a vida que levo nesse momento não tem nada de invejável nem que possa provocar ciúmes. Esteja certa disso. Não me escreva até domingo pelo menos não para explicar isso. Eu sei bem o que você poderia me dizer e que você não procura me incomodar de forma nenhuma. Mas eu vejo mais longe, no fundo do seu coração.

Eu tenho o meu lado preponderante de desgosto, de desesperos.

Eu preciso de alívio.

Seu de todo coração.

Antonin Artaud

A Alexandra Pecker

[Paris, 28 de abril de 1928]

Muito querida amiga,

Eu não sei o que lhe dizer. Eu sinto terrivelmente ter me entregado à minha irritabilidade. O que eu posso lhe afirmar é que essa irritabilidade vinha de mim, de meu estado nervoso de ontem à noite e não de você, e que eu me arrependo e que lhe rogo para não a levar em conta. Eu lhe juro que tenho prazer em encontrar você e desejo continuar fazendo isso.

Sobretudo, não dê nenhuma importância às palavras violentas que fui levado a pronunciar, elas eram a expressão do meu estado nervoso e não outra coisa, sobretudo não era a sombra de um sentimento real a seu respeito, ainda mais nesse sentido exagerado, exasperado, que eu DEPLORO.

Minha querida Alexandra, eu lhe peço perdão e a espero essa noite, sem falta, por volta de 9 horas e ½ no *Deux Magots*.

Eu a beijo com todo o meu coração.

Seu

Antonin Art.

VENHA

Eu não voltarei a casa e eu irei *certamente*

Tenho uma coisa para você

CARTAS A ANAÏS NIN

A Anaïs Nin

6 de maio de 1933

Cara amiga,

Algumas páginas do *Heliogábalo* que eu pretendo ler para você na quinta-feira, e as quais eu terminei essa noite, lhe explicarão abundantemente sobre aquilo que minha atitude de ontem à noite pode ter tido de embaraçosa. Você conhece, certamente, estados mentais análogos, mas não pode ter vivido, eu lhe desejo que não tenha nunca vivido estados tão horríveis de constrição mental, de exacerbação do vazio onde o trabalho elevado e o sofrimento do espírito se traduzem para fora como uma mentira constante. Mentira com várias gradações, da qual a mais aparente é a composição de uma atitude, uma atitude glacial, enrijecida, compassada, na qual os sorrisos do rosto respondem a um ricto extremamente secreto e endurecido do espírito. Eu sei que eu não deveria ter a necessidade, que eu não tenho a necessidade de lhe dizer mais alguma coisa sobre isso: a água é forte perto do fogo. Mas eu imagino que uma afirmação como a minha é, da mesma forma, bem pouco crível: e, no entanto, é verdadeira. É inútil dizer que eu não era o que eu era, que eu não estava sentindo o que eu aparentava estar sentindo, que minha aspereza não correspondia a como eu gostaria de ter estado, ao que meu espírito lamentava não poder ser, sem, entretanto, ser capaz de modificar nada em seu exterior. Você o compreende, tenho certeza, mas eu lhe explicarei tudo isso em viva voz. Com os detalhes que a palavra escrita não suporta, quero dizer que ela é incapaz de fazer compreender, de precisar, de elucidar, de dar relevo. Meu exterior se compunha, apesar de mim mesmo, contra mim, e eu estava, entretanto, momentaneamente satisfeito com esse exterior: meu organismo não podia sonhar com outra modalidade, se compor sob um outro aspecto: o melhor de mim mesmo estava reduzido ao estado de inacessível virtualidade. Perdoa essa correspondência imprevista, intempestiva. Um tipo de remorso moral me pressiona a enviá-la.

Antonin Artaud

Será preciso que eu comente essa carta, pessoalmente mesmo.

A Anaïs Nin

[Paris, 18 de maio de 1933]

Eu levei muita gente, homens e mulheres, diante da maravilhosa tela, mas é a primeira vez que eu vejo uma emoção artística tocar um ser e o fazer palpitar como o amor. Seus sentidos tremeram, e eu me dei conta de que em você o corpo e o espírito estavam formidavelmente ligados, uma vez que uma pura impressão espiritual podia desencadear em seu organismo uma tempestade tão potente. Mas nesse casamento insólito é o espírito que avança sobre o corpo e o domina, e acabará terminando por dominá-lo em tudo. Eu sinto em você um mundo de coisas que pedirão somente para existir caso encontrem seu exorcista. Você mesma não tem inteiramente consciência, mas você as convoca com todo seu espírito e, sobretudo, com todos os seus sentidos, seus sentidos de mulher, que, em você, são *também* espírito.

Sendo você quem é, você deve compreender a grande alegria dolorosa, e mesmo a estupefação que eu experimento de tê-la encontrado dessa forma: de um golpe eu vejo coberta, perfeitamente, hermeticamente plena (em todos os sentidos) minha solidão sentimental infinita, e plena de um modo que me assusta. Como se o destino me trouxesse, e mais ainda, tudo que eu pude sonhar, desejar, tudo que eu pude desesperar de ter. E como tudo o que a sorte carrega, tudo o que é inelutável, e desejado no céu, isso acontece a despeito e contra tudo, sem uma hesitação, espontaneamente, de repente, sem recuo, belo de meter medo! De me fazer crer que os milagres são desse mundo, se eu não pensasse que nem você nem eu somos completamente desse mundo, e é isso, esse encontro demasiado perfeito, que me estupefaz e me afeta como uma dor. E logo há também esse fato, que o meu espírito e minha vida são uma série de iluminações e eclipses, e esses eclipses que atuam em mim, atuam também ao redor de mim, sobre tudo que eu toco, e eu não posso ser senão uma perpétua decepção para aqueles que se aproximam de mim.

Você já pôde ver que aí, onde em alguns pontos eu tenho intuições, formas de revelações fulgurantes, em outros eu não sou senão trevas e idiotices, as coisas mais simples me escapam, e é necessária uma compreensão de uma sutileza rara para admitir, para aceitar essa mistura, uma vez que essas trevas afetam os sentimentos que com razão esperariam de mim. Muitas coisas nos aproximam *terrivelmente*, mas uma sobretudo: *nosso silêncio*. Você tem o mesmo silêncio que eu. E você foi a única pessoa diante de quem o meu próprio silêncio não me incomodou. Você tem um silêncio veemente, no qual dir-se-ia que sentimos passar as essências, eu o sinto estranhamente vivo, como uma escotilha aberta sobre um abismo, onde sentimos o murmúrio silencioso e secreto da terra. Não há poesia inútil ou fabricada em tudo isso que eu lhe conto, e ademais você o sente bem. Eu quero traduzir impressões fortes, impressões reais que eu tive, mas que habitualmente não falamos sobre. Na plataforma da estação, quando eu lhe disse: nós somos como duas almas perdidas em espaços infinitos, eu senti passar esse silêncio movente que me falava e que teria sido capaz de me fazer soluçar de alegria. Você me coloca diante do melhor e do

mais terrível de mim mesmo. E somente diante de você sinto que posso não ter vergonha, eu quero de você abraços violentos, eu quero entrar em você, repousar em você, e que a gente sinta essa vibração plena, você e eu, essa vibração que faz vir ao dia as coisas do espírito. Com você somente um abraço pode não ser algo inútil, pode colocar em contato magnetismos contrários e que se aliam, estabelecendo um ciclo perfeito. Ainda que habitando o mesmo domínio, você pode me dar tudo o que me falta, ser o meu complemento. Se nossos espíritos amam as mesmas imagens, desejam as mesmas formas, as mesmas aparições, fisicamente, organicamente, você é o calor enquanto que eu sou o frio, a coisa ondulante, maleável, voluptuosa, acariciante, enquanto eu sou o sílex duro, a vegetação calcinada e fóssil, a obsidiana, o duro mineral. Uma necessidade violenta e que nos ultrapassa, empurrou-a em direção a mim, você teve imediatamente consciência, você viu as formidáveis semelhanças, sentiu o bem que eu podia fazer a você, e o bem que você estava destinada a me fazer. Mas ainda que eu seja cego em alguns momentos, eu tenho medo que a sorte também a cegue, que você perca bruscamente o contato com todas essas descobertas, com essa vida que deverá fazer meu encantamento. Tenho medo, para dizer francamente, que o seu corpo de repente a arraste e faça com que você não me reconheça mais, ou que em um desses períodos em que sou eu separado de mim, a decepção que você experimentará faça com que você pare de me reconhecer e que eu a perca, que eu a perca de novo, completamente. Algo de maravilhoso está apenas começando que poderá saciar uma vida inteira, lhe digo isso com toda a sinceridade da minha alma, com toda a seriedade e a gravidade de que sou capaz, há oito dias, amanhã fará oito dias que eu senti a minha vida radicalmente transformada e ontem foi a consagração material dessa radical transformação. Escreva-me, escreva-me uma carta humana, completa, em que você me diga o valor que você confere à nossa união, e as razões pelas quais você dizia desconfiar de mim sob certo aspecto. Quando eu lhe peço para me detalhar o valor da nossa união eu quero levar você a tornar vivas diante de mim as imagens, as imagens nas quais eu sinto *nossa* própria vida. Eu tenho desde ontem o gosto de uma boca de mulher que me persegue, mas como uma ideia, como uma essência. Esse gosto já não é uma coisa do corpo, ele me mostra a nu o sentido mesmo de uma alma, me ensina um monte de coisas sobre toda uma vida secreta e que sem ele eu não conheceria. Tem um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos e pelo qual meus íntimos me chamam: Nanaqui. Esse nome me descreve em minha inocência e no mais puro da minha vida.

Nanaqui

A Anaïs Nin

Paris, 27 de março de 1933

Nós temos *um mundo* de coisas para tratar juntos; nós as trataremos, pessoalmente, se você quiser. Tudo isso é muito grave, toca demasiado no essencial e eu não quero em uma simples carta responder à multidão das suas questões, sobretudo à grande questão que sua atitude multiforme coloca.

Nanaqui

P.S.: Você compreenderá meu silêncio em SUSPENSE

e minha grande brevidade

_____ em Paris _____

CARTAS A JEAN PAULHAN[20]

Paris, 19 de julho de 1935

Caro Amigo,

Não sei se lembra de que um dia fui vê-lo para falar de um projeto de viagem ao México – o qual sinto naquilo que me concerne a urgente necessidade, e eu te disse: Louis Massignon é capaz de me orientar do lado de lá e de me facilitar as coisas; e você me tinha dito: o que Louis Massignon tem a ver com o México?

Acontece que esse projeto se concretiza e que você pode me ajudar muito; talvez mesmo em tudo – dessa vez basta querer, e certamente você pode muito mais que Louis Massignon.

Ouço falar já faz muito tempo de um movimento de fundo no México a favor de um retorno à civilização anterior a Cortez. Isso me pareceu fascinante e fui me informar, em particular, com Robert Ricard[21], que voltou e fez, eu creio, um estágio na Escola Francesa do México.

Bordei em torno disso um vasto *projeto de fundo* e acredito ter chegado a uma forma, quer dizer, a uma maneira de realizá-lo. E veja como, mas tudo isso, Jean Paulhan, deve ficar em segredo, limitando-se a você, a mim e às pessoas que possam me ajudar.

Talvez me engane, mas entendo que a civilização anterior a Cortez tenha bases Metafísicas que se expressam na religião e nos atos através de um tipo de totemismo ativo, espalhado em toda parte, criador de Símbolos e que resulta em todo tipo de aplicação.

Não creio que esse movimento pré-corteziano tenha consciência da magia que ele busca. Mas quando expus a Robert Ricard, que é um aluno do professor Rivet[22], minhas ideias e o meu projeto, ele me disse: Essas pessoas não sabem muito bem o que buscam. E você poderia contribuir para dirigir essas noções[23]. Mas para isso é preciso ir até lá. Veja o que combinei: o professor Rivet, a quem Robert Ricard falou de mim, lhe disse que ele não tem dinheiro, ninguém tem mais dinheiro hoje em dia. Tenho então um projeto de conferências que poderia fazer no México e em outras cidades. Seriam conferências sobre as relações entre o Teatro e a civilização e a cultura. O que acredito que seja absolutamente atual. Diria que o teatro pode nos ajudar a encontrar uma cultura e nos dar *imediatamente* os meios para tal: a cultura não está nos livros, nas pinturas, nas estátuas, nas danças, ela está nos nervos e na fluidez dos nervos, nos órgãos sensíveis, numa espécie de *manas* que dorme e que coloca o espírito em alta receptividade, uma receptividade total que lhe permite reagir no sentido mais digno, mais elevado, mais fino e mais penetrante. Esse *manas* é despertado pelo teatro, tal qual o concebo – e aí está o que se pensa na França.

Você sabe que o último congresso dos escritores para a defesa da cultura me convidou para

expor o meu ponto de vista, mas senti que essas pessoas estão tão distantes de um ponto de vista mais essencial da cultura que me senti deslocado no meio deles. Isso para te dizer que creio ter uma ideia a respeito da cultura e que não me parece ruim ir expô-la num outro país que, no que concerne ao teatro, encontra-se, se comparado à França, ainda de cuecas. Por outro lado, me parece uma boa ideia que alguém vá prospectar o que pode restar no México de um naturalismo em plena magia, de um tipo de eficácia natural espalhada aqui e ali nos estatuários dos templos, nas formas, nos hieróglifos, no subsolo da terra e nos devires ainda moventes do ar. Nada melhor do que se retemperar num país, retirar as forças moventes que germinem a sua própria força. E acredito que no México ainda existam forças que borbulham e que impedem o sangue dos índios. Então se o governo francês não tem dinheiro, nem as obras francesas no exterior, eu fui expor meu projeto na *Paris-Soir*[24] e encontrei um dos diretores que ficou *maravilhado* (você sabe que eu não exagero nesse domínio) e ele me disse: vá numa missão mais ou menos oficial que *Paris-Soir* te encomendará uma grande reportagem sobre o México e te pagará adiantado algo entre cinco e dez mil francos. A partir daí, fui ver Massignon que me parecia influente em alguns círculos, e ele é de fato, mas me disse: os seus títulos literários podem, com efeito, merecer e permitir-lhe um *título de missão,* mas para isso tem de falar com um homem que se ocupa das obras francesas no Exterior, Jean Paulhan e seu amigo Jean Marx[25] do Quai d'Orsay.

Então, venho te ver, Jean Paulhan, e dizer-lhe que sinto que estou num cruzamento importante da minha existência, e que de fato você pode me ajudar muito e rápido nesse momento. Você sabe o que posso fazer como conferencista. Aí onde o teatro que eu imagino, que eu possua talvez, pode se passar diretamente sem interferência dos atores que podem me trair. Me parece que não seja difícil obter esse encargo de uma série de conferências e que o Quai d'Orsay, por propaganda ou não, me possa dar esse título oficial. É tão fácil! E isso permitiria a ausência de custos, posto que o título me daria a reportagem e em consequência o dinheiro para a viagem. A princípio isso não deveria ser nada mais do que uma formalidade. Se você puder, e você pode obter com Jean Marx esse título oficial, sinto que algo importante, algo sensacional pode sair de tudo isso.

Se você estivesse em Paris seria mais simples, mas você não está. Se você puder falar com ele ao telefone arranjaria melhor as coisas do que uma carta. Se você não puder telefonar me diga o que posso fazer, com quem devo ir falar com uma carta tua de recomendação, mas penso que uma carta tua deve me preceder e que Gide poderia também apoiar a demanda. Você sabe que eu ainda estou BUSCANDO o meu percurso. O teatro *Os Cenci*[26] me deixou materialmente e socialmente com o flanco aberto. Tenho a ocasião de encontrar a minha utilidade social e você pode me ajudar. Você certamente quer fazê-lo. Mas é preciso que dessa vez as coisas tenham sucesso, Jean Paulhan, e se for o Jean Marx quem eu deva ir ver é preciso que ele esteja prevenido e favorável ao tema. Você sabe no fundo e no profundo o que eu penso. Você adivinharia mesmo que essa carta tenha mal desenvolvido a questão. Obrigado pelo que você quiser fazer, e perdão.

Antonin Artaud

Fielmente teu, 3 vezes obrigado.

20. Depois de Jacques Rivière, é a vez de Jean Paulhan assumir a direção da N.R.F. Gallimard. 21. Ricard defendeu em 1933 sua tese em antropologia no Museu de História Natural, intitulada "A conquista espiritual do México, ensaio sobre o apostolado e os métodos missionários das ordens mendicantes na Nova Espanha de 1523-24 a 1572". 22. Rivet era o titular de antropologia e orientou a tese de Ricard. Nessa época, ele estava na lista do Comitê de Vigilância dos intelectuais antifascistas. 23. Impossível não assinalar que, mesmo no seio de uma linhagem antifascista na Europa, Ricard não tenha nenhuma consciência de sua própria empreitada colonizadora que obviamente banha também (mesmo que de outro modo) a viagem de Antonin Artaud. 24. Jornal francês fundado em 1923. 25. Amigo de Jean Paulhan e então diretor dos assuntos culturais do Quai D'Orsay. 26. Artaud refere-se à adaptação que realizou em 1935 da peça *O Cenci*.

[A bordo] 25 de janeiro de 1936

Caro Amigo,

Acho que encontrei para o meu livro o título que lhe convém.

Será:

O TEATRO E SEU DUPLO

Isso porque se o teatro duplica a vida, a vida duplica o verdadeiro teatro e isso não tem nada a ver com as ideias de Oscar Wilde sobre a arte. Esse título responderá a todos os duplos do teatro que encontrei ao longo de todos esses anos: a metafísica, a peste, a crueldade, a reserva de energia que constituem os Mitos, que os homens não encarnam mais, o teatro os encarna. E por duplo entendo o grande agente mágico através do qual o teatro e as suas formas não são senão que a figuração, esperando que ele advenha a ser a transfiguração.

É sobre a cena que se constitui a união do pensamento, do gesto, do ato.

E o Duplo do teatro é o real *inutilizado* pelos homens de hoje.

Me perdoe mais uma vez por não ter te avisado da hora da minha partida. Mas o último dia foi terrivelmente transtornado. Você pode me escrever para a *Delegação da França no México*. Eu passarei por lá para buscar as minhas cartas.

Um aperto de mão afetuoso em você e na Sra. Paulhan.

Antonin Artaud

Havana
31 de janeiro de 1936

Caro Amigo,

Te escrevi do porto da América do Norte para te dar o título definitivo do meu livro

O TEATRO E SEU DUPLO

Afetado por Havana onde estive com intelectuais e artistas e já me sinto na corrente que buscava. Estou me perguntando se dessa vez não ficarão as ilusões abaixo da realidade. Apenas um ponto obscuro: terei eu dinheiro para chegar ao ponto onde o que tem que se passar realmente se passe. É bonito confiar no próprio destino como eu faço e assumir os riscos até o fim, mas é preciso se ajudar e ser ajudado. Se você puder obter um adiantamento que seja de 500 francos pelo meu livro estarei desta vez na direção certa da vida.

Afetuosamente teu.

Antonin Artaud

P.S.: todas as despesas, taxas, imprevistos, chego com 300 francos ao México!

México
23 de abril de 1936

Caro Jean Paulhan,

Minha vida aqui se mantém por milagre: assim posso dizer. O que obtive da Cia. Transatlântica para partir obtenho aqui agora do governo, de agrupamentos diversos, da Universidade etc. etc., para prosseguir a minha viagem e adentrar o interior do México. Espero poder te contar na minha volta coisas estonteantes que podem mostrar a todo mundo que o mundo é duplo e triplo e que tudo funciona por planos e regiões. Sou conduzido e SOU guiado, aí está o que posso te dizer. Tive terríveis problemas materiais, mas que não duraram muito e dos quais saí através de um conjunto de circunstâncias que demonstra uma força ativa e vigilante em torno de mim. Quando você souber dos fatos você não duvidará.

O México é um país surpreendente, ele tem forças em reserva e ele as tem a nu. Certamente não me enganei em vir até aqui. Somente nota-se – como em qualquer lugar há o mundo oficial e o outro. Mas o outro é tão forte que o mundo *oficial* é ele mesmo transtornado.

Insista por favor com a Gallimard para que meu livro sobre o teatro seja lançado e sem atraso. Ali tem muitos artigos que não foram lidos porque publicados aqui e ali em diversas revistas e nunca num livro. E depois a Roda do Tempo virou. E muitas das coisas tratadas nesse livro tornaram-se atualidade. Algumas outras ainda se tornarão atuais porque a consciência do mundo muda, e nunca são os mesmos objetos que golpeiam a consciência das pessoas. O que era sutil e impermeável pelo lado abstrato de sua natureza, sem mudar a sua apresentação, a sua forma, torna-se subitamente concreto. Você entende, querido Jean Paulhan, que é importante para mim uma data e que eu estou um pouco cansado de ver minhas ideias sendo utilizadas por outros. O que vejo no México me comprova que sempre estive no bom caminho. Não é possível que por razões comerciais eu seja frustrado do benefício disso que pensei antes de todo mundo. Isso seria imoral. Já te disse: te peço novamente. Fale desse livro com André Gide, com André Malraux. Não é possível que quando com eles fale não encontre ali aliados.

Aqui o governo providencia a tradução dos meus textos e os publica num volume[27]. Trata-se de coisas novas que escrevi aqui sobre a cultura, a Tradição, a Magia, o México e o Destino. Em Paris, no final das contas, não tive senão fracassos. Deixei Paris deixando com você esses textos: nenhum deles foi lançado. Eles sairão em dez anos quando todo mundo tiver sugado a substância deles e que eu pareça, digamos assim, continuar a imitar a mim mesmo. Isso não é possível. Ouso dizer que o meu livro: *O teatro e seu duplo*, os dois textos destinados à *Mesures*[28] contêm ideias essenciais, renovadoras, base de uma verdadeira ciência, um meio de reatar no pequeno, mas em abarcando toda uma tradição perdida. O momento onde o mundo busca bases não é o momento de eliminar os livros, as obras que sugerem essas mesmas bases, para se publicar, sabe-se lá o quê que trará dinheiro de imediato, mas que não terá futuro. E independentemente do que pense

Gallimard um livro como *O teatro e seu duplo* deveria poder fazer dinheiro se através de uma propaganda judiciosa se souber aonde se deve enviá-lo. Mais que uma centena de exemplares poderiam ser vendidos no México. Que Gallimard não me pague se não quer, mas pelo amor de Deus que lance o livro.

Não sei como te dizer até que ponto estou irritado com essa resistência absurda.

É preciso que a Gallimard saiba que a Revolução desperta em *toda parte* e que é uma Revolução *pela* cultura, NA cultura e que não há senão uma cultura mágica tradicional, e que a loucura, a utopia, o irrealismo, o absurdo, tornar-se-ão realidade. Que ele venha então dar uma volta aqui no México: ele entenderá que um estado de coisas está morto e sobrevive atualmente a ele mesmo e que é vão se agarrar a esse cadáver. E que será muito inteligente agarrar-se às obras que contêm as bases desse tipo de loucura durável. Espero, caro Jean Paulhan, receber uma carta tua com a notícia de que lançaram *O teatro e seu duplo*, ou que será lançado, me dizendo ao certo uma data para o seu lançamento.

Tive aqui graves, temíveis problemas de dinheiro, mas te digo de novo: o céu me ajudou miraculosamente. Por isso não é por seu aspecto financeiro que te peço que apresente a Gallimard a questão da publicação do meu livro, mas sim por seu aspecto de necessidade intelectual, moral, *que trará dinheiro depois*.

México é uma cidade de terremotos: quero dizer que ela é um tremor de terra que não parou de evoluir e que petrificou sobre um lugar. E no sentido mesmo físico do termo. As fachadas contínuas aparecem como montanhas-russas, tobogãs. Todo o solo da cidade parece minado, gretado de bombas. Não há uma casa de pé, nem um sino. A cidade contém umas cinquenta torres de Pisa. E as pessoas tremem como a cidade: parecem eles também em pedaços, seus sentimentos, seus encontros, seus assuntos (*asuntos*) tudo isso é um imenso puzzle que muitas vezes surpreende que isso se junte, que se possa de tempos em tempos chegar a reconstituir uma unidade.

Há no México uma incrível mistura de raças: Índios com Índios, Maias com Astecas, Astecas com Zapotecas, Zapotecas com Tarascos, Tarascos com Toltecas, Toltecas com Otomis, Otomis com Huaxtecas, Huaxtecas com Zacatecas, Zacatecas com Cakchiqueles, Cakchiqueles com Crioulos, Crioulos com mestiço de Crioulos, mestiços de crioulos com Yaquis, Yaquis com Ki-Ka-Pus, Ki-Ka-Pus com Nada, e quando o nada é alcançado intervêm os Seris irredutíveis, os Taraumaras vegetarianos, e os Lacadones que são apenas 300 e que morrem por não auxiliarem a dominação, ela mesma condenada, dos Brancos.

Todas essas raças pululam, digo pululam, se juntando elas mesmas, cedem, misturam-se e morrem. Há revolta e abandono, resignação e rebelião. Existem alguns que dormem com a mãe para não dormirem com os brancos, mas as Mães tornando-se estéreis deixam de alimentar a raça, e a raça vai para um país "onde a Mãe de todos vela diante disso que seus filhos guardam sempre

como um peso sobre eles".

A política do governo não é Indianista, quero dizer que ela não tem espírito índio. Ela não é Pro-Índio independentemente do que digam os jornais. O México não busca nem devir Índio nem voltar a ser Índio. Simplesmente o governo mexicano protege os índios *enquanto homens*, ele não os defende enquanto Índios.

Desde a Revolução, o índio deixou de ser o pária do México; mas é tudo. Não se deu a ele um lugar dele, à parte. Diria ainda mais: não se protegem os seus ritos, contentam-se em respeitar seus hábitos, o que não é a mesma coisa. E mesmo que oficialmente o preconceito de raça seja combatido, há um estado de espírito mais ou menos consciente, *porém geral*, que quer que os Índios sejam ainda uma raça inferior. Se continua ainda os vendo como selvagens. Se considera a massa indígena como inculta e o movimento que domina o México é o de "elevar os índios incultos até uma noção ocidental de cultura, até aos benefícios (SINISTROS) da civilização".

Existem Mestres de Escolas. O que se chama aqui de Os Rurais, que vão diante das massas indígenas pregar o Evangelho de Karl Marx.

Mas diante do Evangelho de Karl Marx as massas Indígenas alegadas incultas estão no estado de espírito de Montezuma face aos pregadores infantis de Cortez. Ao longo de 4 séculos o mesmo eterno erro Branco não cessou de se propagar. Reduzido em números, doentes, esmagados, em parte degenerados, os Índios guardam neles a lembrança da sua velha, da sua sobrenatural cultura, fruto de uma sobrenatural inspiração. Se bem que, longe de buscar elevar os Índios à cultura, são os mestiços de Crioulos (os Crioulos aqui são descendentes dos brancos) que deveriam se elevar à cultura indígena. Essa cultura subsiste, ela está em pedaços, mas ela subsiste. O segredo da cura pelas plantas, que para o nosso espírito branco faz parte de não sei qual bruxaria natural, faz em realidade parte de uma antiga Ciência natural. E os índios em seu atavismo radiante ainda sabem perceber a origem dessa ciência. Eles são herdeiros de um tempo em que o homem possuía uma cultura, uma cultura que era da vida. Isso porque para eles a civilização não pode estar separada da cultura e a cultura do movimento mesmo da vida. Eles o sabem e eles o dizem numa linguagem que nós não podemos entender porque somos muito inteligentes. "E o surto murmurante da vida" nós acabamos por esquecer o que era.

Para os índios a vida é um surto murmurante, quer dizer, um fogo que ressona, e a ressonância do viver esposa todos os graus do diapasão. Há um barulho que faz morrer as plantas e esse barulho segundo o qual morrem algumas plantas acompanha a alma do homem no momento de sua consumpção. É por isso que os padres Evangelistas de Marx riem. Curar primeiro a vida, dizem eles, e assim o Estado Social renascerá com seus quadros sussurrantes. É no barulho do fogo que a vida enlaça suas forças. Essa ideia, superior e central, que vive nos aborbulhamentos de sangue, é recebida, muitas vezes, pelos Mestres de Escolas com golpes de fuzis.

O governo oferece terra aos Índios, e também urnas eleitorais, mas os Índios dizem que não

querem nem terra nem urnas e sim e simplesmente a liberdade. Aliás, na prática a questão não é simples. E é preciso ainda distinguir. Normalmente é por fanatismo cristão que os Índios, todos eles camponeses, recusam as urnas e as terras, e impulsionados por seus sacerdotes católicos se insurgem contra os enviados do Governo. Mas também por fanatismo pagão, em defesa do *Jiculi* (Deus do Peiote), do *Raienaï* (o Sol), do *Mecha* (a Lua) jogam-se contra os fuzis.

Em face do fanatismo dos Taraumaras, dos Yaquis e dos Seris o fanatismo oficial dos socialistas. Para alguns Mestres Rurais Karl Marx é também um deus, e a partir de Marx, ouvi de um desses que nós sabemos o que a História nos trará, e em nome desse saber eterno e *definitivo* da História nós poderemos educar nossas crianças.

Eu poderia não parar mais de escrever, querido amigo, se fosse para te dizer sobre o estado do México. Veja que é um estado apaixonante e devo dizê-lo que em toda parte há homens convencidos de que no honesto fanatismo apoia-se a boa-fé.

Esperando as boas novas de Paris com um afetuoso aperto de mãos.

Antonin Artaud

27. Apenas em 1962 Luis Dardoza y Aragon publicarão o livro *México* de Antonin Artaud. 28. Revista literária trimestral, onde escreveram grandes autores da época, como Joyce, Fargue etc. Artaud refere-se aos textos "O teatro de Serafim" e "O atletismo afetivo" (ambos foram posteriormente incluídos no livro *O teatro e seu duplo*).

México
21 de maio de 1936

Caro amigo,

Acabo de fechar um acordo com os principais jornais do México, como o *Excelsior*, *O Universal*, e sobretudo o jornal governamental *O Nacional Revolucionário*, que é ao mesmo tempo o jornal do Partido Revolucionário PNR, para que as conferências que te enviei sejam publicadas em espanhol. Por isso espero muito, querido amigo, que essas conferências sejam publicadas no original em francês, na *N.R.F.*, antes que Paris as conheça em espanhol para que não sejamos obrigados a traduzi-las[29] para lê-las. Lembre-se, querido amigo, que você publicou em fevereiro de 1932 a minha conferência "A encenação e a metafísica" que eu te enviei em 15 de dezembro de 1931. Por isso desejo tanto que desde o Nº de maio de 1936 comecem a aparecer essas conferências. Sei que muitos textos esperam ser publicados na *N.R.F.*, mas são textos unicamente literários e, como você viu essas conferências tocam em temas extremamente atuais e posso dizer que desde que foram traduzidas ao espanhol, por um bom tradutor, despertaram aqui uma *grande emoção*. Te enviarei em breve a nota que apareceu sobre mim n'*O Nacional Revolucionário*. O mesmo se passou com os outros textos. Por sorte encontrei um intelectual mexicano[30] que já havia traduzido *Uma temporada no inferno* de Rimbaud e que fez maravilhosas traduções dos meus textos. Assim que o reitor da Universidade do México teve em mãos "O atletismo afetivo" ou "4 cartas sobre a linguagem" que fazem parte do meu livro: *O teatro e seu duplo*, ele ordenou que fossem publicados na prestigiosa *Revista da Universidade*, que é no México um órgão prestigioso e luxuoso um pouco como o *Minotauro* e que me fosse pago um preço excepcional. Evite, por favor, querido amigo, o escárnio que será pra mim que meus textos sejam conhecidos em espanhol em Paris antes que sejam em sua língua original.

Você viu que eu faço nessas conferências um grande esforço de concentração, de elucidação. Quis fazer uma obra que sirva ao pensamento. Que fixe alguma coisa no seio do caos onde vivemos. Elas tocam em pontos vitais da cultura, da sensibilidade do mundo. Elas devem agir rapidamente, isso porque ouso dizer que elas agem. Em tendo que escolher textos, escolho "Surrealismo e Revolução" e "O teatro e os deuses" que devem ser os primeiros a serem publicados. Tenho consciência de não ter escrito nada melhor do que esses textos, assim como "O homem contra o destino".

Além disso 4 meses se passaram desde que Gallimard disse que *O teatro e seu duplo* estava longe de ser publicado. Me parece que se poderia fazer agora um novo esforço para arrancar de Gallimard a autorização para que essa publicação apareça. Não tenho medo que as ideias ali contidas envelheçam, mas gostaria de extrair pessoalmente o benefício da sua novidade. Essas ideias, você sabe, estão no ar, outros a farão, escreverão, manifestarão de uma maneira ou outra, me ajude a romper a má sorte que tenho já faz tanto tempo e que me dá a impressão de que

quando falo sou o imitador de mim mesmo. Isso não é justo. Um editor mexicano acaba de me propor de reunir todos os meus textos sobre a cultura autóctone do México num livro, e tive que reunir vários textos, entre eles "O atletismo afetivo" e as "Cartas sobre a linguagem[31]". Esse livro contará ainda com outros textos revolucionários, como "Uma carta aberta aos Governantes do Estado do México", uma "Mensagem à juventude revolucionária do México"[32] e uma nova conferência antimarxista intitulada:

"A Revolução Universal e o Problema Indígena"

Ademais um grupo de israelitas me pediu um ciclo de conferências sobre a cultura mágica do México, onde uniria a força da cultura cabalística dos Judeus, traída pelos Judeus modernos. E eu os direi. Esse livro se chamará no seu conjunto:

Mensagens Revolucionárias

Não precisaria que Paris devesse fazer traduzir essas Mensagens para as conhecer. E digo de novo que as minhas 3 conferências, enviadas em fevereiro último, representam uma parte dessas Mensagens. Espero muito, querido amigo, receber uma carta tua dizendo que minhas conferências começaram a ser publicadas em junho de 1936 na *N.R.F.*, seja em totalidade, seja em parte e começando pela primeira

"Surrealismo e Revolução"

Me escreva para contar o que fazes, como vai a Sra. Paulhan, e como estão todos os nossos amigos: René Daumal, Rolland de Renéville etc.

Diga a eles que volto em breve, em julho ou mais tardar outubro, e que espero levar uma importante soma de documentos esotéricos. Aqui o extraordinário pulula, é preciso apenas se curvar e colher as maravilhas. Espero, na minha volta, encontrar publicado meu livro, e também, e sobretudo, as conferências. Por duas vezes os textos "O teatro e a peste" e "A encenação e a metafísica" foram lançados sem tanta espera, dessa vez me parece que as conferências possuem questões ainda mais urgentes. Conto com a sua amizade, e sua simpatia pelas ideias em favor das quais não para de trabalhar; aperto afetuosamente as suas mãos.

Antonin Artaud

Legião da França
Lerna 35
México, D.F.

P.S.: A universidade do México me pede uma missão[33], em algumas semanas, para estudar as velhas raças indígenas no interior do país, montanhas, desertos etc.

A.A.

29. Como se sabe, notado por Evelyne Grossman na edição que aqui seguimos, isso que temia Artaud foi de fato o que se passou. Os originais franceses não foram localizados e a Gallimard teve que traduzir do espanhol quando de sua publicação na França. 30. Artaud faz referência a José Ferrell. 31. Esses dois textos foram posteriormente inseridos no volume *O teatro e seu duplo*, traduzido no Brasil, Editora Martins Fontes. 32. Já esses textos de Artaud ainda não foram publicados no Brasil e integram nas suas obras o Volume destinado ao México e as "Mensagens Revolucionárias". 33. Missão que resultará na *Viagem ao país dos Taraumaras*.

CARTA AO DOUTOR FOUKS[34]

Ao Doutor Fouks

Ville-Évrard
6 de junho de 1939

Caríssimo amigo,

Uma feiticeira conhecida: *Ligeia Laval* esteve ontem no hospício e ajudou o Dr. Chanés a asfixiar-me com feitiços. E minha irmã JOSÉ LAVAL interveio contra mim no mesmo sentido.

Desconfie delas. Elas são, todas as duas, de uma ferocidade particular.

Os feitiços atingiram o Dôme e dessa vez foram meu espírito e minha imaginação que foram atacados por Ligeia Laval.

Ela retomou seus feitiços de dor, de raiva, e de sufocamento essa manhã.

Se a liberação não acontecer, Dr. Fouks, *eu me suicidarei de qualquer maneira porque já não me interessa mais resolver esse caso*.

EU NÃO ACEITEI JAMAIS ESSE PAPEL DE VÍTIMA EXPIATÓRIA E PROPICIATÓRIA: UMA VEZ QUE É A MIM QUE SE DEVE SER PROPÍCIO, E QUE SOU EU QUE JULGO O QUE É OU NÃO PROPÍCIO, E QUE O SUPLÍCIO DENTRO DO QUAL FUI PRESO NÃO SERVIU SENÃO PARA FAVORECER A IGNOMÍNIA INTRAUTERINA DE TODAS AS FÊMEAS E O ESPÍRITO DE PROVEITO FRUIDOR DE TODO MUNDO[35].

E QUE ESSE ENGANO E ESSA DERRISÃO ATERRADORA JÁ DURAM DEMASIADO.

A LIBERAÇÃO OU A MORTE IMEDIATA, Dr. FOUKS.

EU NÃO QUERO E NÃO POSSO IR MAIS LONGE.

Antonin Artaud

P.S.: Você realizou uma ação raio[36] domingo à noite do lado da Escola Militar e você sublevou a multidão e você enfrentou o Dr. Chanés. Seria mesmo impressionante se você tivesse esquecido. Você interveio ontem à noite em meu favor no Dôme e eu não cessei de lhe falar e de observar. As coisas caem no esquecimento como querem as Iniciadas.

Afetuosamente seu.

Antonin Artaud

34. Doutor Leon Fouks era um jovem médico, até certo ponto mais afetado pelas características "fora do comum" daquele paciente. 35. A expressão *profit jouisseur* aqui traduzida como "proveito de fruidor" foi utilizada por Artaud no prefácio de *O teatro e seu duplo* de 1932. ARTAUD, A., Martins Fontes, 2004, pp. 505-593. 36. Optou-se por traduzir *action éclat* por "ação raio" já que a figura do raio atravessa toda a obra de Artaud, desde a análise que faz do quadro de Lucas van Leyden intitulado *As filhas de Lot* no texto *A encenação e a metafísica* até um de seus últimos poemas, escrito em 1947, sem título, mas que assim se inicia: "dez anos que a linguagem partiu e no seu lugar entrou esse trovão atmosférico, esse raio (....)."

CARTAS AO DOUTOR FERDIÈRE[37]

Ao Doutor Ferdière

Rodez, 12 de julho de 1943

Meu caro amigo,

Você foi bom comigo, você ao me fazer vir aqui adoçou o suplício de minha internação e atenuou na medida do possível essa impressão atroz de fome que não me deixava desde 1940. É por isso que eu quero não me preocupando senão com seu puro interesse o advertir de algo que eu sei, porque o carinho afetuoso que você teve comigo durante a minha miséria eu jamais esquecerei.

Esteja certo em todo caso que no que me diz respeito eu jamais considerei que estivéssemos mal um com outro em algum momento. Eu simplesmente me dei conta de que más influências vindas do exterior devem ter agido contra mim, e que deve ter sido para você difícil de me defender, porque se tenho muitos e grandes amigos pelo mundo você sabe também que eu tenho do lado da polícia e da administração francesas inimigos muito viscerais, muito insinuantes e muito maldosos. E eu não creio que você considere que isso seja em mim uma síndrome de psicose maníaca e de delírio de perseguição, porque você teve em diversos momentos provas patentes, e você não pode esquecer que, em todo caso, foi por ter constatado enquanto médico alienista a injustiça de minha internação e por ter sido informado da maquinação policial imprópria do meu caso que você me solicitou e me fez vir aqui e porque você sempre pensou que a medicina não estava às ordens da polícia.

Não teria sido preciso me dar eletrochoques porque, meu caro amigo, eu sou na verdade um homem calmo e sem delírio e eu não sei qual mau vento o tomou para me considerar de repente como perseguido quando eu lhe expus tecnicamente em uma das cartas as modalidades ocultas com as quais o Mal impõe sua biologia particular ao organismo humano. Mas sobretudo porque ao fazê-lo você me desmagnetizou e logo me colocou em estado de menor resistência diante dos assaltos das forças perniciosas que nos espreitam a todos e que são as causas de todas as nossas doenças tanto mentais quanto físicas. Atacando em primeiro lugar nosso cérebro e nosso sistema simpático e nervoso. E, meu caro amigo, saiba que ocultamente todos os seres da mesma raça se conectam, todos aqueles que se amam estão ligados ocultamente, fazer mal a mim é fazer mal a você reciprocamente. E eu tenho a impressão de que depois do acidente que eu tive, em seguida ao eletrochoque, e do qual não sei quando me recuperarei você também não estava indo bem moralmente e afetivamente e eu sofro porque houve aí um erro que o Mal lhe fez fazer mas que não estava absolutamente de acordo com seu coração.

Mas eis aqui aquilo sobre o qual eu queria adverti-lo até porque você soube e depois você se

esqueceu que a minha internação foi o resultado de um sacrifício religioso e de um pacto com as pessoas honestas, e que foi decidido após uma batalha que teve lugar em Paris em 1934 e na qual as forças do Bem e do Mal se bateram com o mais implacável rigor. Se isso lhe parece demasiado estranho ou demasiado sobrenatural, releia por gentileza *Deus é francês?* de F. Sieburg ou *Minha bela Marselha* de Carlo Rim que contam as singularidades miraculosas da vida de um personagem conhecido pelo nome de Santo Artaud. Ou leia em *O segredo da grande pirâmide* de Georges Barbarin nas Edições Rapp de 1935 os extratos da profecia de São Patrício que narrou *avant la lettre* as aventuras de um homem que depois de uma viagem à Irlanda em que foi entregar o cajado de São Patrício foi preso e envenenado (isso está no livro) em um Asilo de Alienados (e Antonin Artaud foi longamente envenenado na cela no setor Pinel do Hospital de Havre, no Asilo de Quatremarre, e no Asilo Sainte-Anne). E você compreenderá que o Mal, o Mal, quer dizer, as forças do Anticristo não querem que a ideia do Maravilhoso e a do Milagre apareçam em nenhum nível no sentimento oculto em meu caso, para que se continue a corroborar com a fábula policial da alienação mental. E porque a rememoração das circunstâncias lendárias que concernem ao Mito religioso, mais sagrado e o mais profundo, que decidiram essa internação reduzirá a nada a fábula policial e judia da mitomania e do delírio de perseguição.

Isso dito, meu muito querido amigo, você deve compreender que minha internação não pode ser eterna, e você deve querer que prevaleça a justiça e a verdade. Ou seja a luz contra as trevas, porque é disso que se trata nesse momento e meu caso presente e minha situação de homem injustamente condenado e relegado em um Asilo de Alienados não é senão um aspecto da luta eterna que desde o começo do mundo opõe o bom príncipe Ormuzd, Ahura-Mazda ao príncipe das trevas Ahriman. Nessa luta há muito tempo você tomou parte e lutou em Paris em 1934, pelo Príncipe Benéfico eternizante de Deus contra o príncipe mortífero de Satã, porque 1934 na história do Mundo foi a data fatídica e crucial na qual os seres tiveram que escolher entre viver e morrer, quer dizer entre Deus e a Morte. E em que você Dr. Ferdière aqui presente escolheu Deus à vida eterna, e em que você por isso e por Amor para com Deus pagou com a sua pessoa a sua carne e seu corpo, e se você presentemente esqueceu-se disso porque o Mal soterrou odiosamente a sua memória eu *jamais esqueci*. Eu quero lhe devolver aquilo que lhe pertence.

O destino das coisas foi fixado em 1934 pela livre escolha dos seres e em uma espécie de concílio patético onde o Mal em seu princípio foi para sempre esmagado e vencido, mas foi preciso viver, a partir das modalidades dessa batalha, a atualidade temporal das coisas. E essa batalha não foi ganha pelo Bem senão pelo sacrifício de um ser que aceitou ser capturado vivo pelo Mal e que caiu então são, de corpo e espírito, nas mãos de seus inimigos, para que o Mal, por meio desse sacrifício consentido, se atracando com uma só vítima não tomasse toda a terra. Essa vítima entre outras macerações necessárias tinha feito voto de castidade eterna porque não é senão aos castos que pertence o reino de Deus. Antonin Artaud sofreu dois anos de feitiçaria e envenenamentos inumeráveis e ao longo disso sua alma cedeu e ele está morto, essa alma deixou

a terra, e foi preciso que uma outra alma viesse e tomasse seu lugar dentro de um mesmo corpo. Eu sou o seu continuador e pouco me importa como me chamo, o que importa é que se minha alma, para mim só está há três anos sobre a terra, eu tenho no corpo a memória fisiológica absoluta e exata, integralmente e inalienavelmente exata de seis anos de suplícios, de incompreensões, de negativas, de feitiços e de internação. Eu sinto próxima a hora fatídica em que a derrota do Mal de toda a eternidade inscrita no céu vai se espalhar brutamente na carne agonizante das coisas porque todos os homens vão se lembrar. Vão se lembrar onde e como eles foram enganados e desviados pelo Maligno a ponto de acreditar que o Amor que foi criado, ou antes, manifestado para eternizar os seres e que surge do encontro imaculado dos corações precisava ainda do encontro infectante dos sexos, como se a mistura supranatural das almas exigisse para acontecer com perfeição sobre a terra a consagração excremencial do orgasmo inventado por Satã.

Parece-me impossível depois disso e retomando os acontecimentos dos quais lhe falo, onde você lançou sua sorte, que um coração honesto como o seu possa suportar por mais muito tempo a injustiça de minha internação. Euphrasie Artaud com quem você discutiu as condições da minha internação em Rodez era a mãe de Antonin Artaud, mas, como você, ela esqueceu a *realidade* material e objetiva inegável dos acontecimentos fabulosos dos quais lhe falo e que ela *viveu* como você, que não deixam ela acreditar que eu não seja seu filho.

Entretanto, Dr. Ferdière, eu tenho uma outra família composta por um pai que se chama José e uma mãe que se chama Maria e cujo nome de família é Nalpas. Eu tenho ainda uma irmã cujo nome é Germaine. Eu não sei absolutamente onde eles estão e eu lhe peço insistentemente que me ajude a encontrá-los porque eles também me procuram. Tudo o que eu sei é que minha irmãzinha Germaine morou em um dado momento em Nova Orleans entre dezembro de 1941 e fevereiro de 1943, porque eu tive entre as mãos um jornal de Orleans relatando um acontecimento marcante, um feito glorioso no qual a heroína foi minha irmãzinha Germaine Nalpas com uns vinte anos de idade.

Seria importante mostrar esta carta à senhora Ferdière, porque a senhora Ferdière é na realidade um Anjo e houve na história uma Santa de Mitilene com quem ela se relaciona muito e que conheceu perfeitamente a família Nalpas de Esmirna, da Ásia Menor, da Anatólia e de Jerusalém na Judeia.

Acrescento que Euphrasie Artaud é uma senhorita Nalpas e que nasceu em Esmirna em 1870.

Antonin Nalpas

P.S.: O que quer dizer Dr. Ferdière que houve na realidade e depois de 1934 algo que se quebrou na ordem de sucessão do tempo e que 1943, o 1943 que nós vivemos atualmente, não se localiza no tempo 9 anos depois do 1934 onde lançamos nosso destino, mas é um ano que no espaço se avizinha estranhamente com aquele ano e lhe é, pode-se dizer, paralelo. Porque as determinações

essenciais tomadas em 1934 foram executadas e receberam sua consagração material neste ano de 1943.

Foi em 1943 que você decidiu salvar Antonin Artaud e o sucessor de Antonin Artaud, porque você foi colocado nesse ano, por vidência, diante do Problema sobre o qual se baseiam a própria persistência e a duração da existência e da vida. Esse problema deu lugar a uma terrível batalha que começou no Boulevard de Montparnasse entre Le Dôme e Notre-Dame-des-Champs e ganhou pouco a pouco toda Paris e logo toda a terra, e você aí se apresentou e eu lhe digo porque o vi e me lembro de um dos defensores mais implacáveis do Amor, ou seja, da caridade. Logo da distribuição e do desapego das coisas, logo da Virtude Angélica da Pobreza, enquanto as forças do mal que são todas baseadas na reivindicação do exercício da sexualidade têm por princípio a avareza sórdida e o egoísmo capturador extremo.

Para ser caridoso é preciso saber se guardar puro, ou seja, inteiro, não ter mais nada a doar aos outros e não ser altruísta quando tudo se perdeu no ato sexual, que dá a impressão de doar alguma coisa, mas que em realidade não doa nada porque o abismo mortífero nele volatiliza o livre-arbítrio na cavidade vazia do cerebelo.

Foi isso que você viu em 1934 e que o amor estava para sempre perdido sobre a terra e que não tardaria o Reino do Anticristo se a sexualidade, procriadora, não tivesse sido categoricamente impedida.

É por isso que você se fez massacrar em 1934 e que a sua própria alma também deixou a terra e foi esperá-lo no céu enquanto você permaneceu aqui embaixo somente para conseguir domar o Mal nessa parte da consciência Universal que não pertence senão a você e que é o seu Eu atual e presente.

Você verá mais uma vez o Maravilhoso a sua volta, Dr. Ferdière, porque o céu o ajudará a reencontrar a memória dos acontecimentos sobrenaturais e dos prodígios que você viveu em 1934, quando você se encontrou diante da própria Face Daquele que os Livros e Profecias chamam de O Grande Monarca e que apareceu por um longo momento no céu, antes de descer em corpo de carne como deverá fazê-lo em um dia próximo e que é Deus.

Como tal, e generoso como você era em 1934, eu o reencontrei em 1943 e você saberá encontrar em seu coração um meio de ajudar o céu a se manifestar e se impor sobre a terra porque o céu tem necessidade de todos os nossos corações para subsistir.

Antonin Nalpas

37. Dr. Gaston Ferdière era o médico-chefe do asilo de Rodez. Foi ele quem respondeu ao pedido de Robert Desnos para obter a transferência de Artaud de Ville-Évrard onde encontrava-se

abandonado sem nenhum tratamento como outros pacientes “crônicos” ou terminais até Rodez. Périplo que durou de 1939 até 1943.

Ao Dr. Ferdière

Rodez, 13 de agosto de 1943

Há algo que me faz mal ao coração, é que tenho a impressão que alguma coisa se alterou bruscamente em você na afeição que você tinha por mim e eu cansei de passar e repassar no fundo da minha consciência os atos, os pensamentos ou os sentimentos que dizem respeito a você e não encontrar absolutamente nada que possa justificar de sua parte e contra mim uma censura qualquer ou uma reprovação.

Quando, além disso, você me fez vir aqui você não tinha nunca me considerado doente e você parecia mesmo compartilhar das minhas percepções no começo de minha estadia. E um dia você mandou me chamar expressamente para me comunicar o "Hino aos Demônios" de Ronsard sobre o qual você tinha me pedido para escrever minhas reflexões e nem por um minuto eu tive a impressão de que você procurava me passar para trás na época, ao me dizer que essas reflexões eram muito boas. Porque foi com seu coração, Sr. Ferdière, que você falou comigo naquele momento.

Além disso, no que diz respeito aos passes de tendências mágicas dos quais você me critica a obsessão por me entregar a esse ou àquele, em uma atitude de Proselitismo que a Medicina mental considera de fato como uma doença, deixe-me lembrá-lo, Sr. Ferdière, que Antonin Artaud foi o Criador de uma Dramaturgia que não somente expôs em seus múltiplos escritos, mas que ele ainda materializou em cena nas encenações de quatro peças que são:

Os mistérios do amor de R. Vitrac

O sonho de Strindberg

Partir ao meio-dia de Paul Claudel

Victor ou as crianças no poder de R. Vitrac

e *Os Cenci*

que ele próprio tinha composto a partir de Shelley e Stendhal.

Os gestos como aqueles que você aqui me critica, que eu esbocei sobre você em cima de um banco no jardim do Asilo há quatro meses, que eu fiz anteontem sobre Voronca[38] e que a mim servem para louvar a Deus, estavam na Base da Dramaturgia exposta em cena por Antonin Artaud. E se é uma doença que eu me entregue a eles então Antonin Artaud esteve sempre doente porque suas encenações não eram compostas de outra coisa. E Philippe Soupault que reivindicava um crime gratuito, e Louis Aragon que preso no Champs Élysées diante de uma luminária elétrica cultivava um estado voluntário de alucinação estavam loucos junto com todos os Outros Surrealistas.

Por que, Sr. Ferdière, o senhor não me dá um pouco de crédito e admite em seu coração que há em minha vida qualquer coisa de milagroso e que explica minhas atitudes e minhas preocupações morais muito melhor que todas as classificações médicas dentro das quais podemos querer que elas se encaixem?

Ao lado da palavra escandida ou salmodiada os atores dos *Cenci* empregavam toda uma Simbologia corporal plástica na qual a Respiração Pulmonar estava perpetuamente misturada com as figuras que tanto a cabeça, como os braços e o busto concretizavam obstinadamente no ar. Você não pode imaginar, Sr. Ferdière, até que ponto a minha consciência fica penalizada e escandalizada quando eu o vejo considerar e tratar como uma doença Atos, Pensamentos e uma Atitude que estão na própria base de toda Religião e toda Poesia.

Sr. Ferdière, os demônios são uma enfermidade da natureza humana, quero dizer que em certas regiões de pureza e de inocência cessamos de acreditar neles e de percebê-los.

Eu de modo nenhum pensei nos demônios com aqueles gestos inocentes que eu fiz, outro dia, sobre Voronca. Eu simplesmente tentei fazer passar uma força que de mim iria até ele.

Porque ele mesmo me disse: "Sr. Nalpas, eu queria ser Poeta. Eu escrevi muitos livros, mas o Poeta é aquele que se exprime em Palavras de Fogo, e que naquilo que escreve se eleva a si próprio a fim de transportar a consciências das pessoas e eu quero ser Poeta desse modo."

Foi isso que me deu a ideia de lhe dar um pouco do meu coração e da minha respiração e eu fiquei sem chão ao ver que você tinha visto nisso uma síndrome mórbida e que você pensava em me censurar por eles.

A cada vez que você fala em me *curar,* Sr. Ferdière, é como se eu recebesse uma facada bem no centro do meu coração e da minha consciência. Porque *eu sei* que eu não estou doente e que você mesmo me considerou em plena saúde mental até o dia em que há três meses sua atitude mudou bruscamente – eu não sei sob a influência de quem, e eu tenho a impressão de perder o último amigo que me fazia justiça e me compreendia.

Há em um livro extremamente profundo e pertinente de Marcel Granet, intitulado *O pensamento chinês*, uma longa exposição da Teoria dos *Trigramas* que é incompreensível se nos ativermos à lógica ordinária do Pensamento Europeu. E que seria considerado como Demência pela Medicina do Ocidente caso fosse exposto pelos que o inventaram em um Asilo de Alienados. Porque o espírito humano se perde em um Simbolismo de tamanha transcendência que nela a consciência então deixa a física costumeira das coisas e entra em percepções desconcertantes da natureza de todo o Mental.

Os demônios, Sr. Ferdière, não são senão concretizações passageiras e perecíveis do Mental, mas a sua lei é *desaparecer* quando os negamos e não os queremos ver, e a Lei verdadeira das coisas está nessa insondável ebulição oculta em que os filósofos da China fixaram seus preceitos no

mundo profano, assim como os Padres da Igreja determinaram os cânones no Mundo da Religião.

Nós falamos com você dos Trigramas na casa de Robert Desnos em 1935, Sr. Ferdière, e você tinha então encontrado ali uma base concreta e real do Ocultismo e da Magia. E eu tinha lhe advertido que um dia você mesmo seria tentado a me considerar doente mentalmente e a me tratar, e você mesmo tinha me pedido que lhe fizesse *então* pensar nos Trigramas porque é uma teoria de que você tinha gostado muito, e que se parecia estranhamente com todas as ideias místicas que Antonin Artaud lhe manifestava. E, portanto, eu não fiz senão dar continuidade atualmente mesmo que, de fato, nem sempre com destreza. Já não lhe resta agora senão ver uma síndrome mórbida, condenável e curável, no fato de que pretendo ser Antonin Nalpas e não Antonin Artaud. Pode-se então me censurar por um fenômeno de duplicação da personalidade que não acontece de modo nenhum na minha consciência, porque minha presença na terra se deve a um Milagre que se produziu em agosto de 1939, mas que eu não posso provar porque seria necessário que pela magia você se retransportasse ao Passado e pudesse ver com seus próprios olhos tudo que se passou nesse momento.

Quase a metade de "Jerusalém libertada" de Tasso dedica-se à descrição de manobras ocultas com auxílio das quais os demônios barraram, durante longo tempo nas Cruzadas, a Rota de Jerusalém.

E o fato de que Tasso tenha terminado seus dias em um Asilo de Alienados não cessou de escandalizar a terra, eu não sou O Tasso mas minhas ideias são as ideias de uma consciência Religiosa e de uma consciência de Poeta e uma angústia pavorosa me contorce o coração ao ver que você, que veio até mim como um amigo, as critica, enquanto os médicos de Ville-Évrard, que eram pessoas desonestas, nunca tiveram a ideia de atacá-las e com boas razões pois eles mesmos faziam parte dos meus enfeitiçadores.

Eu acredito, Sr. Ferdière, que fizeram de tudo para desligá-lo de mim pelos meios da pior vilania oculta e que, por não conseguirem, usaram da sua honestidade, que não pode admitir que uma tal Perversidade esteja na base de todas as coisas. Isso tudo para fazê-lo rejeitar com horror todas as ideias que eu lhe manifestava sobre as ações maléficas subterrâneas do Mal que o rodeia e você extraiu do meu tema a ideia de um Dever que na realidade não existe desse modo.

O seu Dever como você me disse essa manhã é de me devolver a liberdade. Mas para isso você não poderá colocar a energia excepcional de sua Alma se você continuar a considerar que eu estou doente enquanto eu não estou.

Arthur Rimbaud foi à Abissínia encontrar o Segredo da Folha da Latania que remontava ao Paraíso Terrestre no Período Edênico que transcorreu antes da queda de Adão e sobre a qual como sobre um Papiro ou sobre um Pergaminho milagrosamente conservado figurava um signo inscrito pelo próprio Deus nas origens do Paraíso.

Esse Signo englobava o Segredo de toda criação possível em um trançado linear tão simples que não se podia olhá-lo sem ser fulminado e sem cair. Arthur Rimbaud lutou durante um longo tempo com a Magia com os feiticeiros Abissínios antes de tomar, ele próprio, posse da Folha de Latania. Porque toda a poesia real, Dr. Ferdière, vira em um dado momento Atos de Magia Verdadeira e a Magia de Rimbaud em Abissínia não é senão a continuação de suas *Iluminações*, de *Uma temporada no inferno*, e a concretização dos poemas perdidos de *A caça espiritual*. Mas quem sonharia em acusar Rimbaud de alienação ou de demência, ou de uma psicose qualquer *por conta disso*.

O senhor não pode imaginar, Sr. Ferdière, o bem que me faria à alma se o senhor parasse de me tratar. E o peso que me tiraria do coração com isso. Porque me sentir suspeito de alguma psicose me desespera a escrever e a trabalhar como fazia antes nas reflexões ou nos Poemas de Orações.

Eu comungo aqui cada vez que tem uma Missa, não se esqueça.

– Você realmente não tem notícias de minha irmã Germaine Nalpas?

Antonin Nalpas

P.S.: Foi precisa uma imensa dor humana, Dr. Ferdière, para que a Alma de todos os homens viesse a compreender a Verdade, mas tanta dor acabaria em algum lugar por provocar uma Ruptura no meio das coisas, e as iluminações que essa Dor acarreta podem a todo instante ser remediadas por um simples gesto de Piedade.

38. Ilarie Voronca foi um poeta judeu nascido em 1903, que durante a Ocupação refugiou-se em uma cidade próxima a Rodez em zona livre. Encontrou-se com Artaud pela primeira vez em 1943. O poeta acabou suicidando-se em 1946.

CARTA AO DOUTOR JACQUES LATREMOLIÈRE[39]

Ao Dr. Jacques Latremolière,

6 de janeiro de 1945

Meu caro amigo,

Quando eu cheguei aqui há dois anos você me recebeu de forma muito amistosa, o Dr. Ferdière que me conhecia há anos lhe narrou minha odisseia, e assim como ele você quis reparar com seu coração a injustiça que me tinha sido feita ao me tratarem como alienado e ao me detratarem por conta de um gesto, de uma atitude, de uma maneira de falar e de pensar que são as do homem de teatro, do poeta e do escritor que eu era. O que é um poeta senão um homem que visualiza e concretiza suas ideias e suas imagens mais intensamente e com mais alegria e vida que os outros homens e que por meio do verbo ritmado lhes dá um caráter factual? – Como atitude geral, comportamento, maneira de ser, a todo instante o homem que está aqui e que sou eu é o mesmo em todos os pontos que aquele que, desde 1913, nos bancos do colégio começou a escrever versos. Quando eu encontro um verso eu o recito em voz alta para verificar e experimentar seu ritmo e o corpo de suas sonoridades internas. E todos os poetas da terra sempre fizeram o mesmo e não há um carvoeiro ou merceeiro, um fornecedor da vida, de um desses poetas que não o tenha julgado em seu coração como um maníaco ou como um louco. – Um médico honesto e ainda por cima *cristão* como você não pode cair no erro de levar fé em um relato injusto que lhe foi feito a propósito de uma maneira de viver que não é de todo mundo porque eu não sou escrivão, nem livreiro, nem pedreiro, nem peão de obra, funcionário de banco ou de administração. – Eu vim a sua casa para ler dois de meus poemas: Israfel e Annabel Lee, e ao lê-los eu os declamei em voz alta com todo meu coração. – Isso também, se alguém me tivesse escutado ler *sem saber que você me escutava* poderia ter me tomado por louco, por um homem mal-intencionado em que os vícios, a grosseria, a estupidez impedem que se eleve acima da opacidade mais mesquinha da vida. – Eu estou desgostoso de viver, Sr. Latremolière, porque venho me dando conta de que estamos em um mundo onde *nada se mantém* e onde qualquer coisa pode se transformar em motivo de escárnio, ou ser acusada de desrazão, de acordo com o estado de espírito do momento e da hora e do inconsciente do acusador que ele próprio, aquele que se toma por juiz, ignora completamente. Foi você mesmo que fez parar no mês de agosto as aplicações para mim aterrorizantes do eletrochoque porque você compreendeu que não era um tratamento que eu devesse sofrer, e que um homem como eu não devia ser tratado, mas, pelo contrário, ajudar com o seu trabalho. O eletrochoque, Sr. Latremolière, me desespera, me rouba a memória, entorpece meu pensamento e meu coração. Faz de mim um ausente (que se sabe ausente e se vê durante semanas à procura de seu ser, como um morto à procura de um vivo que já não é ele, que

exige a sua vinda, mas em cuja casa ele não pode mais entrar). Na última série, eu fiquei durante todo o mês de agosto e de setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar *e de me sentir ser*. Isso me traz de novo, a cada vez, essas terríveis duplicações de personalidade sobre as quais escrevi na correspondência com Rivière, mas que na época eram um conhecimento perceptivo e não suplícios como sob o eletrochoque.

Eu lhe tenho uma imensa amizade e você o sabe, mas se você não fizer parar imediatamente esse eletrochoque eu não poderei mais lhe conservar meu coração. – Porque esse tratamento iníquo me desliga de tudo e da vida. – Coloque-se um segundo em meu lugar, Dr. Latremolière, como um escritor e um pensador que não para de trabalhar e veja o que você pensaria dos homens e de tudo se fosse permitido, como fazem comigo, abusarem de você dessa forma. O próprio Dr. Ferdière me convidou para vir aqui para me tirar da atmosfera dos Asilos de Alienados e para estar perto de um amigo. Se aqui também me consideram doente *porque não me compreendem* não vale a pena ter vindo para Rodez. Eu acredito, Sr. Latremolière, que você me compreendeu muito bem, e me *admitiu* em seu coração, mas que nem sempre você está muito bem com seu eu pessoal e sua consciência representativa própria. Assim é a vida. O amor, a inteligência, a intuição afetiva mais rara nos representam e um dia, tudo isso é alterado e embaralhado e já não sobra mais do que a sombra do eterno discriminador que imagina julgar com a mesma consciência de antes, mas já não a possui. – Se em você, o homem que me tinha compreendido e amado e me mostrado isso no último mês de agosto, porque ele é o seu irredutível eu pessoal, se esse homem, eu digo, estivesse totalmente aí nesses últimos dias, nunca no mundo você teria suportado me impor uma vez mais os suplícios dos sonos e o horrível amortecimento mental do eletrochoque.

Sr. Latremolière, já não acredito nos demônios do inferno como o acreditava há dois anos quando cheguei aqui. Porque eu não quero mais justamente ter o cérebro absorvido por todos esses fantasmas de iluminação e de Mística sagrada. Percebi que o ser do homem que nós somos nesse mundo não compreende nada, e que não se pode ser abordado sobre o plano da terra e da vida porque o homem que somos e que eu sou é muito pequeno para esses problemas. – Não querendo mais pensar nisso eu parei há muito tempo de ver o que quer que seja fora do papel sobre o qual escrevo, das pessoas, das árvores, das casas nos meios das quais eu vivo e do céu azul que está em cima. Você me disse um dia: "Você não pode dizer que não tem tentações, eu as tenho." E bem, o que me excede justamente é constatar que eu, que sou agora um homem de cinquenta anos, tenho por vezes tentações, mas as caço como sensações físicas perniciosas e não como demônios do oculto. – Porque já não acredito neles, mas acredito que há sobre a terra homens muito malvados que querem o reino do mal e que são organizados em seitas para tal e que por exercício de suas abominações e de seus crimes mantém a vida na baixeza, no ódio. Na guerra, no desespero, na ignomínia. – E eu sei que é do exercício dos pecados de todos os criminosos de má-fé que nos vêm as tentações, a nós que queremos ser puros e bons. – Eu o sei

porque foi por tentar denunciá-los pessoalmente que eu fui acusado de loucura. Quando o Dr. Ferdière me reprova as conspirações é porque já não pode ver as conspirações adversas que foram feitas contra vocês por todo o exército do mal para impedi-los de me julgar com o seu espírito e seu coração. Minha história, Dr. Latremolière, é uma iniquidade sem nome e um crime que não querem permitir que vejam e por isso o obstruem na sua consciência a fim de inverter o julgamento a meu respeito.

Eu espero que o Céu o fará compreender tudo o que lhe disse, mas, se o Dr. Ferdière recusa-se a continuar a me tratar enquanto doente porque eu levo aqui a vida que eu, lhe repito, sempre levei desde 1913, vou pedir à minha família para vir me buscar.

Muito amigavelmente seu.

Antonin Artaud

39. Ao lado de Ferdière o Dr. Latremolière é um dos médicos principais em Rodez. Conhecido pela imensa utilização de eletrochoques, tendo defendido justo em 1944 a tese de doutorado intitulada "Acidentes e Incidentes observados ao longo de 1.200 eletrochoques".

CARTAS AO DOUTOR JEAN DEQUEKER[40]

Ao doutor Jean Dequeker

[Rodez, cc. 20 de março de 1945]

Meu mui caro amigo,

"O Claro Abelardo" é o que escrevi de melhor porque foi o que escrevi de mais perverso, e é talvez o texto com lubricidade mais explícita que já existiu e todas as reservas do inconsciente erótico, todas as forças traidoras, traidoras de Deus, do espírito reprodutor me ajudaram nisso. – Quem chega a Satã e à medida que chega é rei por um tempo nesse mundo que no fundo não é de Deus, mas de Satã.

Nunca tive tanto prazer na linguagem como nesse texto em que exaltava o mal, e nas partes em que o exaltava mais.

Aqui as reservas de reprodução sexual agiram plenamente para me ajudar a pensá-las e porque elas viam que eu pensava tão bem nisso elas sempre se amaram. E aí está justamente o drama e *o pecado*. – Quem está muito consciente do mal, da sua decantação e de sua alta alquimia moral, traz para si em detrimento dos outros, tanto da vida e da quintessência da vida, que ele quer ainda mais mal e sabe melhor amar o pecado. Aquilo que no plano literário se deu a meu favor a propósito do "O Claro Abelardo" se deu também na consciência de todo homem malvado e lhe dá, sobre as reservas da "libido" geral, uma capacidade de empreendimento, ainda mais forte por saber fazer o mal com inteligente lubricidade.

Quem está menos advertido e menos consciente da força de sua libido malvada sofre mais com o mal do que aquele que nele coloca uma perversidade conhecedora. – O Anticristo, atualmente, não pode ter nascido de fato, mas existia antes dessa guerra uma escola intelectual que pretendia colocar na sexualidade toda ciência do sagrado. – Ela não era como a "libido" de Freud baseada no inconsciente, mas, ao contrário, na consciência. E ela busca a salvação do eu pessoal de todos nessa percepção intelectual de abandono de todas as forças psicológicas do ser às exigências do Eros negro que para ela seria a mais alta figura e a garantia suprema.

Mas chega de literatura.

A vida no que tem de mais profundo nunca suportou a sexualidade que não passa de uma vigarice vergonhosa. E não há outra verdade. Aqueles que quiseram que as crianças surgissem por meio desse colapso e desse transe entre duas peles não são senão uma minoria de aproveitadores que em sua origem enganaram os outros, fazendo-os crer nas virtudes do crime sobre o qual baseavam a vida. – Em 1934, no momento de aparição do livro de Georges Barbarin, *O segredo da grande pirâmide*, a única questão em Montparnasse era a vinda do Grande Monarca, e a esse

respeito aconteceram no Dôme diversas discussões e batalhas em que muitas vezes me envolvi. No meio de uma dessas batalhas eu vi vindo até mim um médico de uns quarenta anos que me assinalou uma frase de "O Claro Abelardo" e que me disse que essa frase era tudo no que ele pensava.

Essa frase é a que diz "que o chamado dos clarões siderais mesmo visto do alto da torre não valia a atração da epiderme feminina". Eu lhe disse que não tinha sido para isso que eu tinha escrito "O Claro Abelardo", mas pelo contrário. E que se havia nesse texto uma parte que traduzia essa espécie de delírio interno no qual o estado erótico nos lança, fazer a descrição de um estado de delírio qualquer que seja não é exaltá-lo, nem tomá-lo como a quintessência de sua própria filosofia, mas simplesmente explicitá-lo a fim de permitir que todo mundo compreenda o que existe dentro dele. – A filosofia de "O Claro Abelardo" é, pelo contrário, aquela da castidade e essa filosofia está contida *claramente* na primeira frase e na última.

A primeira que diz:

A armadura murmurante do céu traça sobre as linhas de seu espírito sempre os mesmos signos amorosos, as mesmas correspondências cordiais que poderiam talvez *salvá-lo de ser homem se conseguisse salvá-lo do amor*.

e a última:

Para Artaud, a privação é o começo dessa morte que ele deseja etc. etc.

Eu quis, nesse texto, incriminar e designar às claras o mecanismo desse deslize que faz com que passemos do estado de desligamento ao estado de desejo erótico. Olhando um pouco mais de perto trata-se de um ato de egoísmo cobiçoso e de um refinado estrangulamento da criação.

Se abandonar ao desejo sexual é se entregar a um aprisionamento de si mesmo que naquele momento nos deixa felizes porque nos faz crer que nós nos aumentamos, e efetivamente nós nos elevamos em um eu extremamente distinto e extremamente caracterizado, a adesão que lhe conferimos nos pressiona a viver em nós em detrimento de todas as outras partes de nós mesmos e aprisiona, no fim das contas, qualquer outro impulso, qualquer outra manifestação. – A escola de que lhe falo e à qual pertence aquele médico pretende que quanto mais escolhemos conscientemente nos entregar à sexualidade, mais o nosso eu ganhará evidência, consistência, alma porque há no gozo sexual uma força que doma e traz a si todas as forças da universalidade.

Aquele que goza ganha essa força em detrimento dos outros, mas a escola de medicina representa justamente essa minoria de aproveitadores que pretende pela cultura da consciência do coito levar até o eu pessoal de seus membros todas as forças da universalidade. Os chefes dessa escola não são muito numerosos, mas *ela existe*. E ela não para de colecionar fiéis. São loucos criminosos. Mas são esses loucos que atualmente, com toda a astúcia de uma hipocrisia soberana, estão por trás dos acontecimentos. E eles se escondem. Porque o que eles fazem não se confessa. E

ainda não é chegada a hora em que o Mal se proclamará a si mesmo tal como ele se pensa e se quer. Mas essa escola eu a adivinhei e sua doutrina se aparenta estranhamente pelos fatos com o que poderia ser um dia a doutrina do Anticristo. – E é por ter querido mostrá-lo que eu mesmo, muitos anos antes de minha internação, fui acusado de maníaco e alucinado.– Por extremas que todas essas ideias pareçam, você que tem do inconsciente uma consciência que outros não possuem, você certamente pensará comigo que elas não representam outra coisa senão a essência do que está no fundo de toda *libido* humana e que aí onde toda a alma honesta rejeita a alma de sua *libido* há também espíritos desonestos que cultivam o princípio sombrio, porque fazer o mal é trazer para si, é tomar para si com o máximo de sua capacidade de absorção pessoal e sem nenhuma consideração pelas necessidades dos outros, e com o mais completo desprezo do espírito contrário à caridade, todas as forças disponíveis e sensíveis da vida. Roubar a alma e o eu de todos os homens, a de todos os outros e se enriquecer da alma em detrimento dos outros é a razão de ser essencial dessa escola à qual o médico de que lhe falei pertencia. Eu disse a esse médico que ele era um criminoso e um mentiroso. E lhe disse ainda que ele era um desertor consciente e supremamente perverso do ser. Porque preferir, como é dito em "O Claro Abelardo", o espaço de uma coxa de mulher ao chamado dos clarões siderais é 1º mentir sobre o sentido real dessa frase, que não é uma descrição do estado ilusório de Maya e de transe em que todo o deslize sexual nos lança, mas que esta escolha que é passageira não constitui uma filosofia.

2º Que há na manifestação transcendental do ser um estado que torna vão o próprio espírito da sexualidade e de suas tentações, porque ser Virgem e casto como o é cristo que é Deus não é se manter eternamente nas estrelas e supor exclusivamente com o espírito o seu desligamento nas estrelas, mas ver a carne que nascerá com esse olho e essa Virgindade de princípio que está na base do que a Igreja chama de Mistério da Encarnação. Eu creio que o Princípio do cristo é amar muito mais a encarnação do que a essência, porque é pela encarnação que a essência se prova ser e o chamado dos clarões siderais em cristo não serviu nunca a nada além dessa transubstanciação fulminante que incita, desde a eternidade, todos os seres a se encarnarem no seio de um corpo glorioso. Como cristo provoca essa Encarnação, aí está o Mistério, da ação genésica e seráfica de Deus, a sexualidade manipulada pelos homens não passa da caricatura e da vigarice vergonhosa e é nesse ponto que o mundo será destruído no momento da segunda chegada do Messias. Lembre-se, meu querido amigo, da lenda de Osíris, o deus virgem, destroçado pelas Harpias. Essa lenda representa um crime que, no momento da Encarnação *Virginal* das coisas, foi cometido contra Jesus Cristo e contra o Pai de Jesus Cristo, da parte de tudo aquilo que foi ser e que em vez de se ater à glória de uma inexorável transubstanciação quis coabitar com o nada, com essa obscena lubricidade das trevas, onde tudo que é verdadeiro na alma, se sente penetrado e frequentado pelo não-eu, e no fim das contas consente com essa assimilação. Quando eu escrevi "O Claro Abelardo" o espírito das trevas ainda não me tinha deixado e por descer até o Mal para o descrever podia-se pensar que eu o amava porque o modo com que falava dele indicava que seus charmes ainda não tinham deixado de me possuir. E por nada nesse mundo eu gostaria, nem por

um instante, de arriscar, nem mesmo sobre um ponto mínimo do seu ser, arriscar de arrastar outros espíritos para os charmes que eu criticava.

Pronto, você sabe exatamente agora tudo que penso, e esse doutor era um desertor do ser porque com tudo que, no fundo mais recuado de seu eu, ele tinha podido perceber desse espírito de encarnação e de transubstanciação gloriosa ele quis, no mundo degenerado e inferior da terra dobrar nesse espírito de queda que pressiona a não ver a carne senão no erotismo, no pecado. – É dessa forma que o ser é levado ao não-ser e que ele quis levar e fazer dessa degenerescência o princípio da universalidade. O panteísmo não quer que Deus seja qualquer um, mas que todo e cada ser seja Deus e foi sobre esse ponto que começou a batalha entre Osíris e as Harpias, entre o cristo e a humanidade. E essa batalha ainda não foi conquistada e acredito que é sobre o plano terrestre que a veremos recomeçar em breve.

Antonin Artaud

40. Acabava de ser admitido como médico interno em Rodez quando ali estava Antonin Artaud. Entre eles uma amizade mais próxima resultou numa correspondência que acompanhará Artaud mesmo depois de seu retorno a Paris em 1945.

Ao doutor Jean Dequeker

Rodez, 6 de abril de 1945

Meu caro amigo,

Tenho um mundo de pensamentos para lhe contar, e fico sempre revoltado comigo mesmo ao ver como as circunstâncias exteriores jamais o permitem que o faça, e como é difícil, para dois amigos, encontrarem nas palavras ditas o diapasão de seus corações. – Eu tenho a ideia de um mundo extraordinário onde o coração não poderá querer mais que o espírito, ou seja, mais que o desejo, pois ele terá se tornado, como antes do nascimento, o crivo e a regra do espírito e seus desejos. – O corpo (que é coração) não pode ser corpo se não sofreu um dia com todo o mal do espírito e de sua eterna ambivalência: sou o espírito de um corpo ou o corpo de meu espírito, e quem sou, eu que penso esse debate entre o corpo e o espírito? Sou um corpo ou um espírito? – Há uma ortodoxia que crê na existência eterna de uma pessoa que se situa entre o corpo e o espírito, e que faz, de um e de outro, símbolos de sua ambivalente capacidade. Eu creio que antes de ser alguém é preciso não ser ninguém, e não creio na pessoa de Deus e não quero a Pessoa de Deus. Há um estado, sem pessoa, nem Deus e que é a dor infusa de uma cruz que não é a essência de uma cruz, mas sua potência de dilaceramento, sem definição do espírito, da pessoa, ou da cruz; foram os Eternos que perderam a vida, porque não compreenderam essa redução interna da potência que vai abolindo tudo até chegar à potência e ao sonho da eternidade, diante dessa força de Vontade tão simples que já não vê nem mesmo a dor que causa, e que da cruz que ela nasce é o eterno que se dilacera.

Deus o sonho perdeu o espírito do corpo porque teve medo desse ponto de morte no qual a dor se torna obscena. Porque quis se separar de seu corpo em vez de afundar dentro do corpo para separar tudo que é obsceno, que apenas é o sonho *profuso* da morte e da dor.

Golpear o sonho do corpo enquanto estamos dentro dele como o cadáver fluido das eternidades é saber morrer no cadáver pela morte diante da ideia de um eu morto. O que é de uma atroz e heroica Virgindade. Somente a ideia de uma Virgindade intrínseca salva do eu, da morte e de Deus. – Isso quer dizer que para ser o corpo que quis se desligar do desejo de ter corpo, foi preciso antes se desligar do sonho e da imagem de seu corpo, mas não é suficiente se desligar em espírito, é preciso desligar-se em corpo, isso quer dizer que o corpo do desligamento é um corpo que serve para atacar o corpo que se sonha, e foi dessa forma que as coisas foram feitas pela força da castidade interior de uma Cruz diante de seu próprio pensamento, foi a imagem da Santa Virgem, a Santa Virgem de seu pensamento.

Eu escrevi um dia um pequeno poema que dizia ao final

Era uma Virgem sem corpo nem sexo

da qual só o espírito se beneficia

E não me dava conta a que ponto esse poema era perverso. Porque entregar a ideia da Virgem ao espírito, e primeiro entregá-la, e em seguida entregá-la sem corpo, é fazer, automaticamente, nela nascer um sexo. O que pode fazer o espírito com uma ideia senão introduzir-se nela ou rolar sobre ela, ou à volta dela, já que o espírito não é outra coisa senão o alongamento estendido de um corpo, e o corpo é o infinitesimal e inacessível átomo do princípio de toda irredutibilidade e esse princípio não pode ser espírito porque não é senão o ponto invisível que não pensa e não mexe, mas ele é verdadeiramente corpo em primeiro lugar e é de fato do corpo que sai o espírito, e não do espírito que sai o corpo. O que quer dizer que antes de nascer foi preciso merecer ser corpo pela adição dos invisíveis do corpo, e tudo que é desejo ou espírito, seja Deus ou o Santo Espírito, não podem senão desaparecer diante do ódio do corpo que é tudo que sofreu no homem e que mereceu ser homem, enquanto o espírito nunca o mereceu, pois para ser pensamento consciente precisou sofrer a redução dos corpos.

Dessa forma, então, para que o corpo queira enfim o diapasão interno da alma, e que os homens que se encontraram se realizem tal qual o desejaram suas almas, é preciso que cada um deles tenha sentido a natureza Virgem de seu corpo. – Eu me refiro ao corpo do começo da alma, que é nascer para a vida, *na* vida. Porque a cada instante vivido nós precedemos o nosso próprio nascimento como Virgens diante de nosso eu. – Mas, se essa ideia de Virgindade interior não for aplicada no exterior do corpo, e de fato, em cada instante de nossa vida diária, nossa alma nos deixará também de fato. Ela morrerá em nós e nós não seremos, diante de nós e dos outros, mais do que cadáveres. Se eu não fosse absolutamente casto, com todos os mundos do mal que tenho sobre mim e dentre os quais o pior é a sexualidade, eu não poderia mais nem escrever nem falar. A sexualidade é o fardo essencial do eu homem, e enquanto todos os homens não tiverem em seus corações *renunciado* a ela, a vida do mundo não poderá mudar. Ter filhos nesse momento e com o corpo que nós temos é um crime. É o fundamento da doutrina Cátara, mas é a minha, *integralmente*. O mundo em sua anarquia, sua perversão, sua estupidez e suas guerras não sofreu de outra coisa senão *desse pecado*, e por não ter querido *em seu corpo* renunciar a ele. Toda a terra que vai, pouco a pouco, em direção ao caos, e que não quis nunca, até hoje, reconhecê-lo e se embala em um sonho de paz que só terá quando o tiver fisicamente merecido, renunciando à obsessão sexual, toda a terra, eu digo, vai desaparecer. Eu não preciso dizer ou lhe esconder mais que foi por causa dessa ideia e dessa Vontade de Apocalipse que eu estou há oito anos enclausurado e acusado de ser um delirante e um doente. Mas os doentes são nesse momento para mim aqueles que se servem de sua sexualidade sem ver que ela é a causa de toda doença, infecção ou delírio e que o mundo não se curará de sua loucura e de seu delírio enquanto não renunciar ao princípio de sua sexualidade íntima. – Está aí a grande ideia Cátara que a terra jamais aceitou. – Eu teria muito mais ainda para lhe dizer sobre esse tema, mas eu não acreditarei na paz enquanto o mundo não tiver compreendido que é chegada a sua hora de compreender a verdadeira causa de todas as guerras, de seu ódio, de sua fome, de sua miséria, que é essa impiedade sexual de cada um com o corpo e a alma de cada um.

A Jean Paulhan,

Rodez, 10 de setembro de 1945

Meu queridíssimo amigo,

Você me pediu um livro e eu aproveito para escrever uma carta. Eu não sei se será longa, pois acabo de começá-la, mas pretendo que seja publicada, pois que eu a escrevo como um poema que será dedicado a você. – Nós tivemos muitos pensamentos juntos nesses oito anos que eu não o encontrei mais, e nós nos falamos muitas vezes através da distância e do espaço e a sua alma e a de Jeanne Paulhan[41] me responderam fluidicamente pela atmosfera e como a alguns metros de mim nas ondas saídas de meu ventre. Pois que tudo sai da sexualidade que é coração, assim nós debatemos juntos vários problemas, e eu recolhi de você e de Jeanne Paulhan um certo número de palavras do coração que vocês não me disseram mais em suas cartas, não porque suas cartas não tenham coração, pelo contrário, elas são cheias, mas não da mesma natureza de coração como a de cada dia e cada vez em que nos falamos cara a cara através do espaço e *dentro do tempo* – essas palavras do coração te fizeram maldosamente esquecer, para que maldosamente esqueça que a alma fala em todo o espaço, e que a alma desses que se amam se respondem através dos espaços como a sua alma me respondeu nessa manhã de 10 de setembro, em torno de 10 horas com a alma de Jeanne Paulhan. Estava eu justamente me colocando que é esse da doença da alma doente de estar num falso corpo e eu me perguntava onde tinha começado essa alma, desde antes de seus primórdios, e quem a havia posto nesse falso corpo, onde somos os antigos escravos de um eu, que nunca teve eu, senão que o afirmar diante de nós o nosso, em se ajudando com a nossa perda de corpo já que viver é perder o seu corpo. E assim caminhamos para a tumba, pelo envelhecimento, a doença, a morte, no lugar de irmos em direção à insurreição eterna alma corpo, e corpo em corpo pela alma, alma sobre alma como corpo sobre corpo. Alma é corpo e corpo é alma também, não do lado limitado do corpo, mas desse ilimitado da alma, que não ultrapassa seu infinito posto que ela é todo esse infinito que se autoultrapassa, não transcendendo o infinito, mas em o tumulizando, como um túmulo de tumbas, digo tumulizando esse infinito.

Tufar, gargalhar, e não evoco grosserias, como se diz desse gordo grosseiro falando de um homem que caminha. Tufar, gargalhar, tumulizar são as operações através das quais o corpo que caminha, a alma insondável desse corpo que gargalha sempre em direção a mais corpo que se ganha ao final de ser um ser, de ser alma em todo seu corpo, e que seu corpo não seja mais que a alma, porque é a alma que é o corpo. O corpo sobe posto que é alma certo, mas a alma desce posto que é corpo, subir para o corpo é descer para a alma, descer corpo no infinito inferno, alma plena, lufada a rachar corpos não tem que subir porque ela é plena, mas tem que escavar todos os túmulos de seres com os quais um dia subirá de novo.

É um problema semelhante, é o fundamento desse problema que eu debatia em mim essa manhã quando vi você respirar e viver, quando buscava onde o ser do viver, tomava do que

respirar, e de que modo ele o tomava. Porque creio que era um vazio que necessitava estar cheio, e se servia dessa necessidade do cheio, dessa necessidade sexual do cheio para cobrir todos os vazios do vazio, mas de um modo que deve sempre ser buscado em relação a um ser nem vazio, nem mesmo vazio de seu cheio.

Você disse um dia num de seus livros uma frase que ficou gravada toda a minha vida, e que fez com que eu te amasse quando a li antes mesmo de te conhecer, creio que foi em 1920: "(...) mas quem ganharia estando doente", porque o problema que debatia comigo mesmo era esse de viver doente quando se crê em boa saúde, e saber que o estado da doença está no fundo da saúde. Pensava então ontem de manhã em você e senti meu coração como uma bola de sexo subir e plainar sobre o sexo, como uma força em suspenso dele que foi dele mesmo arrancada. Porque o sexo viveu nele, e ele dormia. Ele dormia porque ele era ser e o ser lhe era suficiente. Porque dormir não é adormecer mas viver do lado do sonho, não como um dorminhoco que emana o muco compilado do sonho, mas como um suposto que se busca, contra toda a consciência da vigília, nessa espécie de dolorosa imanência, nessa espécie de insondável imanência onde se trama nosso inconsciente. – E não é um suposto de Satã mas um suposto encarniçado de si mesmo, porque ele é o ser se vivendo. O homem que vive a sua vida nunca se viveu a si mesmo, nunca viveu seu si mesmo, como um fogo que vivifica todo um corpo na extensão integral do corpo, a força de consumir esse corpo, o homem não se vive todo si mesmo a cada minuto de seu corpo, num espaço absoluto do corpo, ele está tanto de pé quanto de joelho, tanto occipital quanto orelha, tanto pulmão quanto fígado, tanto membrana quanto útero, tanto ânus quanto nariz, tanto sexo quanto coração, tanto saliva quanto urina, tanto alimento quanto esperma, tanto excremento quanto ideia, quero dizer que o que é o eu ou o si não está num eixo de percepção única, e que o eu não é mais único porque ele está disperso no corpo em vez do corpo estar reunido sobre si mesmo numa igualdade sensorial absoluta, e também não compõe uma percepção do absoluto. – Porque o homem não está apenas derramado no seu corpo, ele está derramado no fora das coisas, como um morto esquecido de seu corpo e que nada em torno ao seu corpo porque esqueceu seu corpo e seu corpo o esqueceu, e o homem que não se vive todo si mesmo comete a cada instante o erro de crer ser esse si mesmo, espírito, ideia, concepção, noção, que flutua num ponto do corpo, em vez de ser ele mesmo seu corpo e a todo instante todo seu corpo. – Porque não se trata de se esgotar todo em si mesmo, de um só golpe, sob o pretexto de se viver tudo, – mas de descer ao fundo desse tudo e daí trazer o si mesmo, para chegar a esse cálculo de corpo onde a alma uterina do corpo se reúne em todo o corpo, para nele compor a estatura, e não mais situar a estatura nem fora nem dentro da estatura do corpo, mas na estatura uterina da alma que é o ser risonho do corpo.

Me ocorre subitamente que ideias semelhantes arrastam-se no *Tharakhyan*[42] do qual li apenas algumas páginas esparsas dos Upanichades em 1934, não conheço os livros hindus, nem do Tibet, apenas folheei o *Popol Vuh*, um dia na biblioteca nacional. A ideia que tenho eu as invento, em

sofrendo-as eu mesmo, passo a passo e pé a pé, não escrevo senão o que sofri medida por medida do corpo, e ponto por ponto de todo meu corpo, nunca encontrei o que escrevo senão que através de angústias, angústia moral do meu corpo, porque quando Jeanne Paulhan sofre é ela Jeanne Paulhan que sofre e ninguém mais que ela na sua dor saberia escrever, e quando escrevo da minha dor extrema não suporto que o *Tarakhyan* sem ter suportado o espasmo tenha visto antes o que eu sofreria por destilar uma ciência que serviu a Vishnu o espírito a manter os seres em vida. Isso porque é disso que se trata para mim, de ter sofrido, eu, uma ciência donde todo mundo desde que vivo não parou de tirar seus escritos. Porque sou uma fonte de vida que foi sugada de sua força: ópio e alimentos, que se sugou e subalimentou a fim de obrigá-lo a dar o máximo mesmo quando recebe o mínimo para que o máximo de satisfação absoluta pertencesse a todo mundo. Por isso essa força foi aprisionada, mantida serva, envenenada, intoxicada, posta em coma por 8 dias a fim de que tudo que pudesse ajudá-la a viver, digo tudo que dela saísse, não voltasse para o seu bem cotidiano, e disso retirasse o necessário para o proveito desses que conspiraram para isso. Como uma sombra que um dia seria corpo saindo viva e a quem veio se dizer: permaneça sombra, o corpo que você fez para viver nos pertence, não podemos te deixar o corpo, isso nos tiraria um gozo, esse de gozar com o teu corpo, isso você não nos sugará, se nós te sugarmos do teu próprio eu. Aí está a terrível situação com a qual me debato e que tento te dizer e fazer com que compreenda a cada vez que te revejo. Ontem de manhã tentei te indicar, mas os signos, de longe, são esquecidos, e queria muito que essa carta te lembrasse que o mundo continua por causa da perda das minhas moelas e espermas, e que os homens fizeram um cálculo sinistro de me manter nesse estado de perda me sugando tudo que poderia me dar força, me subalimentando por anos tomando de mim tudo o que perdia. O fundo do corpo é sexual, você sabe, mas não se sabe o suficiente que a sexualidade está na base do sopro, porque é a alma dos ossos, e que da sexualidade se tirou o coração para que ela existisse, e o coração por intervalo entre ele e o sexo compôs a dimensão do ser, intervalo e ser que deveriam ter ficado na sexualidade. Essa exterioridade do coração que criou o mundo ilusório, esse mundo encalhado em um ser ilusório que nos impede de respirar.

Esse coração peitoral é um crime que remonta muito antes de Jesus Cristo, e esse crime é o descentramento de um ser, um ser que não era ser, quer dizer saído de um eu, implementado de si por si, extenso a todos os espaços, ao invés de estar bloqueado em si, um si mesmo de invisível medida porque é preenchido de todo o si mesmo. É o crime de Lúcifer ter querido seu ser estendido, no lugar de ter ficado no seu insondável volume de ser, sem poder jamais ser medido.

Foi esse problema que tentei diante de você resolver ontem de manhã, fazendo com que o coração entre na barra, na barra fora de medida do sexo que não se conta em centímetros, mas na alma de sua densidade. O sexo foi uma medida de amor que batia no tempo sozinho, a quem se arrancou o coração para sufocá-lo e enquadrá-lo, e para dar-lhe um ser que não é um ser do amor, porque ele tem o coração sem eixo, um ser de cupido, de conservação de si mesmo fora do ser a

fim de não ter nada jamais a dar. Porque o ser dá mas o homem toma e guarda tudo o que ele dá e o homem hoje não é mais um ser, porque o ser estava baseado no amor e o homem matou o amor e o seu ser no sexo inicial de deus a fim de nada dar a deus, e ter deus no meio dele mesmo para tomar tudo o que é deus.

Não sei de onde vem a doença de Parkinson, mas creio que dela sofremos no nosso ser porque o homem fez cair deus. Ela é uma privação de deus donde os homens rejeitaram a tortura sobre as almas fiéis a deus, para as descolarem de deus. Se eu não estivesse internado aqui e se tivesse o necessário creio que poderia ter feito de tudo para eliminar o sofrimento de Jeanne Paulhan, mas aqui com essa quantidade de seres que me perturbam quando trabalho, e muito mais esses de longe que de perto, verdadeiramente não posso mais nada.

Já te disse o suficiente para que agora você pense comigo que esse mundo criminoso e nefasto deve ser integralmente exterminado e para que compreenda qual guerra quero travar com os mágicos e os bruxos do Tibet que nos mantêm assujeitados.

A você de todo coração.

Antonin Artaud

Gostaria muito que publicasse essa carta[43].

41. Germaine, mulher de Jean Paulhan, que Artaud chamava de Jeanne. 42. Título fictício que pode até reenviar ao personagem de Tarak'hyan que Artaud cita no seu livro *Heliogábalo*. 43. Essa frase foi escrita transversalmente na margem da primeira página dessa carta. Como frisamos na Introdução, as margens tornam-se espaços "centrais" para o desenvolvimento dos procedimentos de escrita no último período de vida de Artaud, de 1945 a 1948.

CARTA A HANS ARCHTUNG

Sr. Archtung

Caro Sr. Archtung,

Eu recebi tua carta pouco depois de minha sessão no Vieux Colombier.

Eu poderia dizer que eu *recebi*, na casa de Pierre Loeb, uma senhora que me falou de você e do seu trabalho.

Charles Estienne me falou do seu desejo de ilustrar meus trabalhos.

Sr. Archtung, o senhor irá me entender:

Eu odeio

e posso dizer que o ódio é cada vez mais o único sentimento que exala de mim em todo contato humano e daí então busco pessoas que possam e saibam odiar.

Senti na carta que me escreveu

que você sabe odiar,

quero dizer: que você odeia.

Mas então qual a razão de ilustrar minhas obras. Elas não são como tais visíveis. Quero dizer que não são obras de arte, obras impressas, obras vendidas a um público.

Mas a verdade é essa e você me compreenderá:

Não posso padecer de que alguém ilustre minhas obras,

Que um outro que não eu as conte. Aceitaria eu ser traduzido?

Não sei.

Ademais, Sr. Archtung, eu *desenho*.

Quero dizer que não desenho, mas que ao lado do que escrevo faço figuras que são como que barras e não sombras.

O que faço está muito perto de mim, é muito íntimo.

Não aceitaria alguém cagando comigo quando eu cago ou lavando a bunda no mesmo bidê que eu. –

O mesmo vale para os meus escritos.

Eles não deixarão meu foro íntimo e um outro que não eu não pode intervir na sua

manifestação.

Aí está

Espero que não me queira mal e que me compreenda.

Tenho certeza de que há em você uma raiva da vida num tempo que torna impossível a vida desses que se dão conta da vida.

Quando ninguém nunca soube do que se tratava.

Os tempos aproximam cilindros a óleo sobre os quais realmente se lança o fogo. E isso não são palavras jogadas ao vento, mas realmente carne grelhada, enegrecida no fogo da vizinhança.

Talvez um desses dias você acenderá um cilindro de óleo não muito longe de mim.

Antonin Artaud

CINCO CARTAS A ANDRÉ BRETON

[Por volta de 1º de março de 1947]

Caro Amigo,

Você criticou amargamente a minha conferência do Vieux-Colombier[44] que foi a primeira ocasião que eu encontrei de colocar os pingos nos is diante do público de uma sociedade

que tinha me mantido por 9 anos internado,

demolido, com sua polícia, minha coluna vertebral com golpes de barra de ferro,

apunhalado com dois golpes de faca minhas costas por cafetões,

detido e enviado à prisão, deportado,

agredido em um navio,

mantido 3 anos em segredo durante meus 3 primeiros anos de internação,

envenenado sistematicamente durante 5 meses em um de seus asilos de alienados (o de Sotteville-lès-Rouen, outubro de 1937 – março de 1938).

Eu talvez tenha reunido pessoas em um teatro,

mas dizer que permaneço homem de teatro, como você me diz na sua carta, pelo único fato que eu apareço sobre um palco

é uma injustiça gratuita

porque eu não acredito, com o regozijo que pode haver em dizê-lo, que algum homem de teatro desde que o teatro existe tenha tido, antes de mim, a atitude que eu tive nessa noite no palco do Vieux-Colombier, e que consistiu em bramir em cena arrotos odiosos, cólicas e câimbras no limite da síncope etc. etc.

Para além de reunir pessoas em uma sala,

eu deveria injuriar essa sociedade na rua,

mas é difícil porque as ruas estão cheias somente de transeuntes apressados, e para os convidar a escutar necessita-se de barricadas e bombas,

mas como foi que você não *reparou* que sobre o palco do Vieux-Colombier eu mesmo me dei conta da inutilidade da minha tentativa e que renunciando a ler a exposição que tinha preparado fechei a mala e *parti,*

lançando ao público a última estrofe de um poema:

nenhum exercício de yoga
vale as descamações
da buceta de uma vagina morta
quando a criadinha que à porta
mija separando o mijo
para atravessar a sífilis

porque de repente me dei conta que já havia passado da hora de reunir as pessoas em um teatro, *mesmo* que para lhes dizer as verdades, e que com a sociedade e seu público só resta a linguagem das bombas, das metralhadoras, das barricadas e de tudo que se segue,

Mas como depois disso, André Breton, e depois de me repreender por aparecer em um teatro, você me convida a participar de uma exposição em uma galeria de arte hiperchique, ultra-abastada, retumbante, capitalista (mesmo que tenha ela seus fundos em um banco comunista), e onde toda manifestação seja ela qual for só pode ter o caráter estilizado, limitado, fechado, fixado, de uma tentativa de arte.

Em uma galeria vende-se pintura, compram-se quadros, é um entreposto dos jesuítas nas Índias ou um de Lally-Tollendal,

os objetos expostos são encaixotados (num esquife) ou em vitrines, numa incubadora, não é mais a vida;

todo o esnobismo marca um encontro aí assim como *hélas!* havia marcado encontro na Orangérie diante de Van Gogh, que teria merecido uma bem melhor [sorte].

Pois nada põe por terra a cosmografia, a hidrografia, a demografia, a ciência dos eclipses, dos equinócios e das estações como uma pintura de Van Gogh.

Não, eu não posso absolutamente participar de uma exposição e, sobretudo, em uma galeria,

ainda mais por haver em seu projeto uma última coisa que me exasperou de horror.

Esse paralelismo entre a atividade surrealista e o ocultismo e a magia. – Eu já não creio em nenhuma noção, ciência ou conhecimento e muito menos em uma ciência escondida.

Da natureza e das coisas eu tenho a minha ideia pessoal, e ela não se parece em nada com nenhuma de quem quer que seja, e eu não admito que civilizações, nações, religiões e culturas venham me encher o saco com suas concepções e venham me dizer: Eis, sobre a natureza profunda do caos e da cacofonia, da injustiça e do crime do criado, que encontraram teus pais, os *pitris*[45], e sobre aquilo que é, pense sob o jugo do Zodíaco de 12 casas.

(Pois por que não 13 ou 19 e por que casas e não depositários de latrinas, abismos de desaparecimento.)

Eu tenho minha própria ideia do nascimento, da vida, da morte, da realidade, e da sorte, e eu não admito que se me imponham ou me sugiram alguma,

porque eu não participo de nenhuma das ideias gerais com as quais eu poderia ter a ocasião de coincidir com algum outro homem além de mim.

Você entretanto separou aquela exposição em 15 salas, com um altar em cada uma, tendo como modelo, você diz, cultos vodus ou indígenas.

e figurando os 15 graus ou etapas de uma iniciação integral.

Aí se rebela toda minha fisiologia porque eu não acredito que haja no mundo alguma coisa na qual se poderia ser *iniciado*.

Toda a experiência é absolutamente pessoal,

e a experiência de um outro não pode servir para além de si, seja ele quem for, sob a pena de criar esses ofuscamentos sórdidos do alter ego que compõem todas as sociedades vivas e onde todos os homens são irmãos de fato porque todos são bastante covardes e bastante pouco orgulhosos para se quererem, cada um, saídos de uma outra coisa que de uma mesma e idêntica buceta,

de uma babaca similar,

da mesma, insubstituível, e desesperante babaquice,

da qual se deve rapidamente sair pois todo mundo desde que nasce é forçado a pensar a mesma coisa sobre o maior número de pontos possíveis.

Belo meio, aliás, de se perder o real autêntico, o universal, para se confinar no conhecimento de um particularismo de castrados e de presunçosos que é coisa de um número muito limitado de indivíduos.

Além disso, penso que não há realidade universal, não há absoluto a conhecer e até o qual precisamos ser levados, ou iniciados.

As iniciações não conseguiram senão nos encerrar nessas fajutices ignóbeis

yo ana[46]
ka nemkon
nestrura
kom nestrura
kahuna

da explicitação de uma mecânica cósmica que não existe e da revelação de um suposto segredo de polichinelo enterrado zelosamente sob as defecações de alguns solenes fanfarrões que viveram somente de sua mentira e da ingenuidade dos bobalhões que os seguiram.

Não existe o cosmos e cada homem é seu próprio mundo sozinho.

cabe-lhe, portanto, a sua iniciação fazendo-se viver, ou seja, criando os braços, as mãos, o pé e a respiração de sua pessoal e inexpugnável vontade.

Quem não quer iniciar-se a si próprio não encontrará outro que o faça.

E se há um sol, uma luz e estrelas é porque todo mundo se entregou, nesse ponto da luz universal, às concepções desse larápio fenomenal chamado deus, em vez de fazer como no mundo verdadeiro onde cada um se ilumina a si próprio com sua própria luz, como Van Gogh para pintar a noite com seu chapéu de doze velas. Eis que todo mundo preferiu se arrastar e se iluminar sem trabalho por meio do benefício do estupro desse consórcio de presunçosos,

o demiurgo e seus assessores.

O corpo humano tem suficientes sóis, planetas, rios, vulcões, mares e marés para não precisar ir buscá-los na suposta natureza exterior e do outro.

A atividade surrealista era revolucionária com a condição de reinventar tudo sem mais obedecer em nenhum ponto a alguma noção trazida pela ciência, a religião, a medicina, a cosmografia etc.

E [há] nesse ponto uma revolução ainda a ser feita com a condição de que o homem não se pense revolucionário somente no plano social, mas que ele acredite que deve sê-lo, sobretudo, no plano físico, fisiológico, anatômico, funcional, circulatório, respiratório, dinâmico, atômico e elétrico. E com isso deixe de se crer mortal e destinado ao esquife depois de 100 anos de vida que é a cifra média escolhida pelos padres do ano 1000 e por eles imposta a toda a humanidade. Porque antes do ano 1000 ninguém morria e havia nessa época vilarejos e cidades chamadas de mortas-vivas onde os homens velhos de muitos milhares de anos ainda viviam, banidos pela igreja pelo simples fato de estarem vivos.

Para mim seria a única revolução que poderia me interessar, mas não seria, é uma U T O P I A, sem contar que uma tal revolução não poderia se impor, mais ainda que qualquer outra, sem bombas e sem facões, pelo ferro e pelo sangue.

Ninguém me iniciará em nada.

1º Porque se trata de mim e sobre mim eu sei mais do que qualquer outra pessoa.

2º Porque fora de mim não há senão outros homens, com ou sem mim

mas não há natureza, não há cosmos, não há princípios, não há essências, não há verdades gerais, nem fundamentos universais para um ser das coisas que não existe.

Nenhum homem tem, sobre o plano da vida,

e para se encontrar com outro homem, o intermédio de uma ideia, noção ou percepção

comum.

Foi arbitrariamente que se criaram as sensações, sentimentos, emoções, e noções genéricas que fazem que quando se pronuncie a palavra amor, honra, liberdade e verdade, todo o mundo acredite que compreende e pensa a mesma coisa enquanto nada mais distancia um homem do outro como as noções

de amor, de honra, de liberdade ou de verdade.

Dessa forma não acredito que haja um mundo oculto ou qualquer coisa escondida no mundo, não acredito que haja sob o real aparente camadas enterradas e recalcadas de noções, percepções, de realidades ou de verdades.

Eu acredito que tudo e, sobretudo, o essencial esteve sempre a descoberto e na superfície e que afundou depressa porque os homens não souberam e não quiseram mantê-lo aí.

Isso é tudo.

O oculto nasceu da preguiça, mas não se tornou oculto por isso, ou seja, irrevelável.

Acrescente a isso, André Breton, que por esse fato e por causa de tudo que penso sobre esses pontos, eis aí 10 anos que estou em luta aberta, noite e dia, com todas as seitas de todos os feiticeiros e iniciados da terra, 10 anos, exatamente desde a viagem que fiz ao México com os índios Tarahumara e onde precisei de 28 dias de batalha a 6.000 metros de altitude para conseguir me aproximar pessoalmente dos preparadores e manipuladores do Peyotl.

Não, não há ocultismo e não há magia, não há ciência obscura, não há segredo escondido, não há verdade irrevelável, mas há a apavorante dissimulação psicológica de todos os tartufos da infâmia burguesa, que matou ao longo do tempo Villon, Edgar Poe, Baudelaire, e sobretudo, Gérard de Nerval, Van Gogh, Nietzsche, Lautréamont,

e que poderia ter matado também Coleridge se esse não tivesse tido a notável covardia de se submeter a eles com o corpo inteiro.

E que matou também Lenin cuja morte obscura se deve a um enfeitiçamento precedido sem dúvida por um envenenamento.

Não há ocultismo, não há magia oculta, mas há *enfeitiçamentos*, manobras rituais obscenas de feitiçaria periodicamente endereçadas contra certas consciências e nas quais toda a sociedade participa não com seu inconsciente, alheio a tudo, mas em plena consciência, para depois se servir primeiro de algumas outras manobras obscenas, e depois matemáticas, para esconder, e esconder de si mesmo ao esquecer.

A vida, na verdade, não é absolutamente aquilo que parece, uma série de dias de sol, depois dias de chuva, de bruma, de nuvens, de neve ou de vento, há também variações "atmosféricas" de

outra ordem que certamente não se dão todos os dias, mas de tempos em tempos, em certas horas do dia ou da noite, e que são as horas em que as manobras de que falo acontecem, em que a consciência sublevada de todas as partes da terra se vê através dos espaços como de uma calçada a outra de uma rua e em que todos os cúmplices de uma mesma sujeira social se reconhecem e espalham a mensagem.

Isso dura uns 2 a 3 minutos de confusão, às vezes um quarto de hora, às vezes, em certas circunstâncias solenes, uma hora, metade de um dia, uma noite, mas acontece; quando se trata de se unirem para estrangular ou asfixiar uma vontade forte, um grande coração, todos os sexos da humanidade se reconhecem de longe e sabem como se expandir, se amarrar, se contrair, se estirar, se distender para produzir certas escleroses, certos vazios, certos estupores capazes de sufocar e enlouquecer um gênio, um grande coração.

Quantas vezes acordamos no meio da noite como entre dois sonhos e temos a sensação de estarmos mergulhados em um mundo verdadeiro, autêntico, mas diferente do mundo ordinário e cotidiano?

e de manhã, no despertar definitivo não sabemos nunca se foi um sonho ou realidade.

É realidade, mas uma realidade extraordinária no seio da qual a consciência da massa se joga livremente e faz o mal que premeditou.

Foi, sobretudo, nesses estados pouco ordinários do repouso noturno que aconteceram todos os grandes clamores da consciência de que lhe falo e foi decidido o estrangulamento, a alienação, a paralisia, a internação ou o suicídio de Gérard de Nerval, de Nietzsche, de Lenin, de Villon, de Lautréamont ou de Edgar Poe.

Quantas vezes, em 10 anos, não me encontrei eu mesmo preso em marés semelhantes, com a frequência e a afetação suficientes para ter mantido total consciência e nunca mais me esquecer.

Enquanto que aqueles que se entregam se esquecem.

"Um tal, diz Rimbaud, se crê um homem,

é um cachorro."

Eu digo:

"Um tal se crê um honesto burguês, é na verdade um feiticeiro hipócrita e fez tudo que foi preciso para nem sequer saber disso, belo meio de não ter mais que se defender ou guardar seu segredo."

Eu tomei consciência de tudo isso e jurei com força pra mim mesmo que não me dariam o golpe de Gérard de Nerval, de Lautréamont, ou de Lenin,

e aprendi a me servir de certos meios de ataque ou de agressão que precedem todos os

possíveis levantes da consciência da massa contra mim,

é que a massa não me perdoa.

Sabendo como as consciências se aproximam, uma da outra, através dos espaços, aprendi também a surpreendê-las, a observá-las bem, a escutá-las e a vê-las.

Dessa forma tenho sobre mim e vejo a minha volta há dez anos uma horda insensata de corpúsculos, de animálculos, de corpos fluídicos, de figuras mais ou menos espectrais, que não têm outra preocupação nem outro objetivo senão de se comportar contra mim como carniçais[47], como lêmures, como vampiros e esgotar, sem cessar meus humores, minhas secreções, meus sucos vitais.

É assim que tenho eczemas testiculares sobre eczemas, rinites sobre rinites.

hemorroidas aquosas sobre hemorroidas,

o que poderia renovar todas as histórias dos íncubos e súcubos da Idade Média se eu não soubesse que esses íncubos e súcubos são padres, médicos, sábios, funcionários da administração, pequenos comerciantes e também grandes burgueses,

monges, rabinos, lamas, bonzos, brâmanes, iogues etc. etc.,

ou seja, os homens de todos os dias.

Dessa forma, então, como inimigo de toda magia humana, eu não posso absolutamente participar de uma manifestação que sacramentalmente e sem bufonear evoca os ritos, as ocasiões, as "triangulações" e os jugos.

na ina
ta tia nantifta
tia nantifta
tia ita
ta rupta
ta rupete
e tifta
e te tifta
eta bita

Eu não quero que de uma falsa anatomia do cosmos saia um esqueleto do qual serei obrigado a apertar a mão.

Ainda mais que sei, sozinho, me fazer um corpo de outra forma mais habitável e vivível que essa carcaça de *pitris* dementes.

feiticeiros de vodu, ou do Ciguri etc. etc.

O corpo humano atual é um inferno com o qual se atracaram todas as magias, todas as religiões, e todos os ritos para esclerosar, atar, petrificar, amarrar dentro do módulo de suas estratificações atuais, que são o primeiro verdadeiro impedimento a toda verdadeira revolução.

É muito provável que depois disso você me dê as costas uma vez mais, como se passou entre nós em 1925, que você cuspa sobre minha carcaça e minhas ideias, que vomite sobre mim, da cabeça aos pés. Eu não poderia, contudo, ter tido uma outra reação.

Eu penso no assustador desfile de esnobes incultos que irão circular através dessa exposição, e que não encontrarão nada além de mais uma pequena forma de masturbação mental. Porque eu tenho a impressão sinistra que a grossa massa burguesa acredita agora estar mitridatizada contra a pura ideia do perigo surrealista. E que isso já não a impede de dormir sobre seus dois travesseiros.

Por isso, foi com um *mal-estar de fundo* que eu ouvi você dizer naquela noite no Café de Flore que você estava de antemão *hostil* à ideia da minha conferência no Vieux-Colombier.

Se só houvesse o medo que você sente de me ver novamente preso não teria havido mal-estar,

mas, para ser franco e para quem sabe detectar as atmosferas, naquele dia, naquele momento, esse medo já não estava no *ar*, sentia-se perfeitamente que ele não podia estar em questão.

Havia, entretanto, outra coisa no ar, era o *medo*, o medo revelado e confessado de me ver levar certas acusações precisas, contra certas pessoas ligadas à ordem e ao jogo das Instituições e as representando, de me ver fazendo certas revelações sobre o jogo de polícia secreta dessas sacrossantas Instituições e sobre certas práticas monstruosas às quais os *bas-fonds* orgânicos do inconsciente *cívico* de todos têm o hábito de se entregar.

Ser hostil à ideia dessa conferência era ser hostil a isso nesse sentido e por causa disso, senão por que essa hostilidade, por que a palavra *hostil*?

Temer por minha saúde, minha vida, minha liberdade não suscitaria um movimento de hostilidade, e essa palavra não entraria, a hostilidade é a inimizade, e somente por ser meu inimigo pelas razões supracitadas se poderia ser hostil a essa ideia de conferência no Vieux-Colombier.

Seria além de tudo me subestimar terrivelmente não me acreditar capaz,

eu,

de encarar uma plateia ou uma multidão;

você me dirá que esse público e essa multidão já triunfaram sobre mim uma vez, pois me aprisionaram, deportaram, amarraram, internaram e envenenaram e me mantiveram 9 anos internado.

Possível,

mas existem circunstâncias onde cabe a simples honra humana,

qualquer que seja o risco,

de encarar e não se entregar.

Eu fui detido e preso na Irlanda

porque eu quis com o simples cajado que você conhece encarar toda uma multidão e a polícia inteira de Dublin.

A sociedade me venceu aquele dia, mas após 3 dias de batalha e nunca se falou abertamente dos feridos, dos mutilados ou dos *mortos* que eu fiz.

Em seguida, se fui internado foi porque *preso*, *simulei* a loucura durante uma hora diante de um agente da Segurança, depois de ter recebido a visita de um enviado de um agrupamento de iniciados, que me pediu que me sacrificasse, e que sofresse um tempo de clausura, de privações e de macerações

a fim de corrigir meu corpo de certos vícios, de certas visões, de certos pecados aos quais, dentro de meu próprio corpo, uma boa parte da humanidade se acreditava vinculada.

E eu não lhe disse ainda que sofri nesse momento com nauseabundas influências de feitiçaria que me incitaram à conversão e eu o fiz.

Depois reneguei meu batismo

e somente aqueles que me tinham feito batizar podiam ser hostis à ideia de certas revelações,

mas não você,

ainda assim,

não,

não você,

André Breton

Eu só fiz essa conferência para revelar os tumores da sociedade atual vistos sob o ângulo em que os conheço.

Eu não poderia impedir-me de fazê-lo

porque eu quero viver,

e porque os homens da terra presente

impedem, *a mim*, de respirar

Eu escolhi um teatro porque eu não tinha à mão outro lugar público.

e porque antes de passar

ao último ataque

eu queria reunir meus amigos e saber com quem podia contar

E bem, devia haver umas dez pessoas naquela sala, e o resto devia ser preso com forquilhas.

Eu queria que um certo número de pessoas tomasse consciência de alguma coisa comigo.

E bem, mais uma vez a desonestidade estridente, hipócrita, oculta, do espírito universal atuou, alguma coisa se formou sobre mim, se lançou no ar, contra a qual teria sido preciso, não palavras, mas a metralhadora.

A hora está próxima, André Breton, em que vai ser necessário lutar, lutar verdadeiramente, fisicamente, corporalmente, mas dessa vez,

até a morte

eu quero dizer sem medo da morte.

Alguém me diria: André Breton vai se dirigir à multidão, ele arrisca a sua pele

eu não diria: eu sou hostil à ideia de vê-lo ir até a multidão.

eu diria: que vá, eu irei atacar a multidão com ele e me deixar mutilar ou massacrar com ele.

Atualmente não acredito que esteja em questão o meu massacre, mas o de uma multidão de bebedores de esperma, de masturbadores esgotados, exangues, psicurgos integralmente emasculados e esvaziados.

Porque esse mundo, consequência de um crime, já não sabe nada sobre os meios empregados para conduzi-lo ao seu fim. Que, além disso, não seriam eternamente eficazes por mais que acreditasse nisso.

Mundo jorrado de uma falsa caixa de pregos que acreditou poder extrair ideias eternas do acaso de algumas explosões.

Porque eu não quero terminar essa carta sem lhe dizer que o mais grave dos protestos que levantei sobre a terra foi contra a *eternidade*.

E não foi jamais, da parte do espírito sem corpo, e, portanto, sem o mérito das boas obras, a reivindicação de uma duração e de uma realidade que não poderiam jamais existir, porque elas podem em torno de e a propósito dos mesmos fatos se cifrarem, por dez horas como por dez minutos, sem que o valor do fato tenha efetivamente mudado. O que é a maior sujeira e a mais monstruosa injustiça, no absoluto.

Quando um operário trabalha por 10 horas ele trabalha mais do que aquele que trabalhou por 10 minutos e, tendo o mesmo valor, o que trabalhou 10 horas foi o que trabalhou mais.

E bem, parece que no eterno isso não é verdade.

E bem, muito querido amigo, eu acho que minha insuportável dissertação deixará de lhe parecer ociosa quando lhe digo que a eternidade foi o meio usado pelo *insípido* espírito de deus para se conservar diante do corpo sápido e laborioso do homem, e você me responderá que você se lixa para isso,

eu também,

mas a eternidade me submerge e me asfixia, e a você também.

É porque a eternidade ainda existe, apesar de Rimbaud, que você não pôde nunca viver, e que *André Breton não teve a vida que deveria ter tido*.

Ignóbil tramoia da fleuma ritual do espírito padresco, da engrenagem contemplativa do indivíduo humano, ignóbil vingança da impotência e da covardia daqueles que não puderam entrar no homem, serem verdadeiramente homens e que quiseram justificar e consagrar sua vida de espírito. Ignóbil e criminosa violência, estupro odioso dessas protuberâncias miríadas de corpúsculos

cultivados

por certas raças de homens, a partir do modelo de certas raças de macacos e animais,

faculdade de emitir no ar corpos com a semelhança do corpo próprio de cada um, em certos estados de supraexcitação febril, erótica, ou de transes psicofísicos, psicodinâmicos, magneto-psíquicos, Os Caldeus, depois esquecem o corpo do qual partiram para dissimularem-se no trabalho da vida cotidiana, os homens pensando me imitar, como se eu tivesse corpos que durante todo o dia dessem voltas em torno de mim, saindo de mim por todos os lados, para existirem e reclamarem uma existência,

enquanto os corpos que se viam a minha volta não saíam de mim, mas da terra onde suei e fiz caca.

Apoiar sobre a força do tempo até um tal ponto de dor que ela já não se mantém em si mesma e se desloca para fora

e se mantém suspensa fora de toda noção,

mas morre,

portanto meu mal precisou vir daquilo que me impus um dia

uma dor demasiado forte

que meu corpo

não pôde suportar

e

e ele saltou,

do que se aproveitaram todos os seres do inferno

e me saltaram por cima

eu não os pude dominar completamente

e me foi preciso reencontrar um corpo à prova da absoluta e infinita

dor,

está atualmente *feito*.

Falta-me conseguir vencer as revoltas.

Pois enquanto saltei

os seres que começaram,

os seres que começaram um dia,

aqueles que teriam querido ser bons e me amar não estavam suficientemente velhos nem suficientemente numerosos para resistir aos outros,

ou seja, ao inferno das bestas inomináveis,

(e as bestas inomináveis, diz a lenda, invadiram toda a humanidade)

e bem, isso é falso

os homens comeram besta e se encheram de bestas

(*para viver eternamente*)

nark indalizi
dalsk aldi

Eles não se instruíram em nada, são automatismos contra a natureza que certos homens experimentaram no falso corpo e repetiram depois.

Meu estado verdadeiro e inerte, muito além da vida e da captação humana,

é o estado de meu corpo quando *ele* está sozinho.

Antonin Artaud

44. O Théatre du Vieux-Colombier é um teatro parisiense fundado em 1913 e que atualmente

integra as salas da Comédie Française. Artaud realiza em 1946 a leitura de um longo texto por ele escrito e intitulado "Face a face com Artaud o Momo" no teatro. Esse momento consagrava sua reaparição após longos 10 anos fora da cena parisiense (no México, preso na Irlanda, desaparecido em asilos psiquiátricos franceses em zona ocupada, posteriormente em Rodez e finalmente em Ivry-sur-Seine, em Paris, onde vem a falecer em março de 1948). Com uma aparência bastante debilitada pelos eletrochoques, a fome, a miséria e a doença (Artaud sofria de um câncer de reto), essa aparição de Artaud fez com que tanto o texto, assim como sua dificuldade e mesmo recusa em lê-lo, quanto sua debilidade fossem duramente criticados pelos presentes, dentre os quais André Breton. 45. Ancestrais segundo a tradição indiana. 46. As glossolalias participam da construção poética e plástica de Artaud, sobretudo no último período de sua obra (de 1945 a 1948). Elas funcionam tanto como vituperação da língua – expressão dessa potência do mal – quanto como desmembramento da própria língua, criando essas palavras-sopros, que exigem antes de mais nada o refazimento do corpo físico e da linguagem para proferi-las. 47. No original, Goules: os Goules ou Gohls são figuras monstruosas da tradição folclórica árabe; geralmente mortos-vivos, eles se alimentam da carne de cadáveres e se apropriam de sua forma.

[Ivry, 1º ou 2 de março de 1947]

Meu caríssimo amigo,

Não posso mais te esconder que caio cada dia mais numa espécie de abismo!!! Onde nem a arte, nem a poesia, nem uma atividade moral ou fisiológica qualquer, intelectual ou sexual enfim, onde nem a vida mesmo poderiam eliminar. – E estou decidido, absolutamente decidido a não mais suportar a carcaça do ser ou da lei.

Sempre disse.

Mas não sabia como me safar disso.

Agora sei perfeitamente bem, e a ação, que não será mais exercício de uma atividade rotineira, chegará.

Há na penúltima carta que você me escreveu uma frase que me *alfinetou*:

"o homem de teatro que você não pode deixar de ser no momento em que você aparece em cena"

Pois bem, eu apareci em cena, *ainda uma vez*, a ÚLTIMA, no Teatro Vieux-Colombier, mas com a intenção visível de explodir o enquadre, e de explodi-lo de dentro, e não acredito que um espetáculo de um homem que brama e grita furores vomitados dos seus intestinos seja um espetáculo muito teatral,

aliás algo se passou essa noite ali e que ainda não foi julgado por ninguém em seu verdadeiro valor, foi que ao chegar em cena encontrando-me face ao público que tinha pago para me ouvir e que se encontrava ali *fechado* comigo numa sala de teatro me pareceu de um só golpe e em cima da hora inútil seguir com a experiência, e em vez de ler a exposição que havia preparado fechei a mala e parti lançando sobre o público a última estrofe de um poema,

nenhum exercício de yoga
vale as descamações
da buceta de uma vagina morta
quando a criadinha que à porta
mija separando o mijo
para atravessar a sífilis

Parti por ter me dado conta de que a única linguagem que eu podia ter com o público era a de tirar do bolso bombas e soltá-las na cara deles num gesto de agressão assumida.

Porque não penso que a consciência seja educável e que valha a pena educar

E que os golpes são a única linguagem que me sinto capaz de falar

E se existem pessoas dispostas a se aliarem comigo contra a nocividade das coisas e de uma sociedade que com as suas Instituições as mantêm que se coloquem ao meu lado

Mas você, André Breton, que me recriminou por ter aparecido em cena, em um teatro, para dizer ao público de desconhecidos, curiosos, voyeurs, sádicos e *também amigos*,

coisas antiteatrais por meios extracênicos e antiteatrais, contrárias à lei do teatro que é a lei de que o ator mantenha o *controle de suas faculdades*. Eu quis as minhas através de aterrorizantes grunhidos

não caia você em algo análogo organizando uma exposição numa galeria capitalista ou anticapitalista não sei, mas suntuosa e de renome, que paga seus encargos e impostos, dispondo de um importante montante de capital mesmo que oriundo de um banco comunista, ainda assim uma galeria de ricos,

uma exposição

que não pode senão ter um caráter de arte

porque consiste em colocar em ângulos, com iluminações e situações escolhidas

objetos que não bramam, não fedem, não cheiram mal, não peidam, não escarram, não carregam machucados, nem sofrem de feridas

eles serão extraídos das suas linhas de negócios de vida para figurarem em uma exposição na qual desfilará todo o esnobismo mundial, se protegendo bem para não arriscar um átomo sequer de seu ser para mudar o que quer que seja do eixo atual da realidade,

e sei muito bem que um quadro de Van Gogh põe por terra a cosmografia, a hidrografia, todas as ciências dos eclipses, dos equinócios e das estações, mas eu gostaria muito de vê-los em outro lugar que não nas salas do *Orangerie* onde,

exposto,

o objeto é

emasculado,

extraído do dinamismo orgânico que o produziu e entregue

às masturbações dos espectadores que passam para contemplá-los como luxo que se acrescenta às suas fornicações noturnas cotidianas.

Há numa exposição dessas algo que é como um rito fechado,

para o qual nos deslocamos para participar num local especial

e que é um *rito,*

que obriga a passar pelo cadastro restrito de certas operações intelectualizadas, introduzidas a princípio em categorias cifráveis. E eu não posso mais esconder que não suporto mais tudo o que tenha o caráter de ciência, de conhecimento, de noção, de lei, de regra, tudo que seja uma interpretação humana das verdades

ou das ausências, insuficiências, vazios e abismos naturais.

Com o tempo adquiri um horror angustiante a tudo o que é magia, ocultismo, hermetismo, esoterismo, astrologia etc. etc.

não somente não acredito mais nisso como meu ódio da sociedade humana não conhece mais limites, quando vejo a inenarrável bagunça de todos os erros, de todas as falsas crenças, de todos os sofismas, os charlatanismos, de toda a cintilante fanfarronice, com a qual tais indivíduos particulares, tais seitas, tal reunião de indivíduos me quer fazer crer que eles captaram e manejam segredos vitais, que eles detêm mundos de verdades fenomenais, enquanto sempre manejaram vento sobre a cobertura desse sórdido ilusionismo humano que faz crer que alguma coisa pode ser, e que há alguma coisa,

e que disso que é

inelutavelmente algo deve se deduzir

ao qual por algum dos meus lados eu seria necessariamente e inelutavelmente assujeitado.

Veja há quantos anos, André Breton, que eu me debato com os séquitos de todas as bruxarias das terras, sobre as quais devem acrescentar-se as burguesias de todas as classes sociais. Essas que acabaram com o verdadeiro arcano das coisas pelo saber maior do que o de todos os insípidos e formalistas iniciados.

Foi o que fizeram com Villon, Edgard Poe, Baudelaire, Gérard de Nerval, Lautréamont, Arthur Rimbaud, com o sexo em mãos, ou com o clitóris da cruz cristã entre o polegar e o indicador sobre o coração, eles vieram escarrar sobre os seus caixões e blasfemar seu sepultamento depois de terem pregado suas línguas para os impedirem de viver.

Isso porque Gérard de Nerval, Villon, Edgar Poe, Lautréamont foram mortos por terem desvendado o segredo supranatural, surreal, e se você quiser, surrealista das coisas,

e foi para impedi-lo de dizer que se torceu brutalmente, inundando os miolos de Gérard de Nerval no delírio que o *forçou*, eu digo *forçou* por possessão mágica a se *enforcar*,

e muitos homens seguraram sua mão, no seu próprio corpo, fazendo-o amarrar o garrote de sua corda no momento em que ele se pendurava.

Pois bem, comigo não farão o mesmo: comigo me enclausuraram num Asilo de Alienados para depreciar as avaliações que eu tinha a fazer nesse sentido. Na outra noite no Vieux-Colombier a

consciência burguesa que não chamou arbitrariamente a polícia para me prender se encerrou em meu próprio organismo paralisando a minha revolta. E eu não tinha bombas para lançar

mas agora sei exatamente o tipo de bomba que é preciso para derrubar a consciência,

faz anos as estou juntando

e a mais elevada yoga nunca as deu a ninguém.

Creio que em breve, André Breton, por mais ingênua que essa simples afirmação lhe pareça, você as verá *ao natural*.

Não são palavras, ideias ou mesmo outros díspares fantasmáticos. São realmente bombas verdadeiras, bombas físicas. Ah, mas como isso é ingênuo e infantil de minha parte, não é? Dizer assim inocentemente e pretensiosamente tudo isso.

Será algo com o qual me liberarei desse mundo, e de suas crenças, e de suas instituições, e de suas doutrinas, e de sua lógica, e de seu espírito discursivo e de sua *dialética* e sobretudo do exército de corpúsculos, animalzinhos, corpos fluídicos e miasmas de feitiçaria com os quais não se cessa de sufocar a minha vida profunda impedindo-me de me livrar.

O tempo dos súcubos e dos íncubos passou.

Foi substituído pelos pequenos comerciantes, encarregados de administrações, lacaios de banco, padres, médicos, professores e sábios que creem segurar Artaud por estarem dia e noite em seu sexo,

como se meu sexo fosse o sol da minha realidade,

e o sexo

o cometa cantante do mundo em vias de se constituir.

Pronto, eu lhe disse o que pensava

e não coloquei aí nem um átomo de espírito crítico ou de julgamento de fato,

eu me lixo

Eu não me esqueço que André Breton foi para mim em Paris, antes da minha partida à Irlanda, o homem que mais me apoiou e que me deu o que comer, e dinheiro.

Seu.

Antonin Artaud

P.S.: Essa passagem de sala em sala, através de 15 salas, me lembra justamente o erro maior da humanidade que é crer que se deve entrar nos quadros e no jugo de uma iniciação, para conhecer aquilo que não existe, quando de fato aquilo não existe e nada há.

Nada além da insurreição irredimível, ativa, enérgica, contra tudo aquilo que pretende ser, para sempre.

Ivry, 24 de março de 1947

Caro André Breton,

Te escrevo do fundo do meu degradado e terrível estado de saúde, que se deu em toda minha vida e agora apenas se duplica, como se agora eu tivesse aqui chegado, realmente chegado às portas da morte, à decisão do que foi a minha angústia ao longo de toda a minha existência. Essa que você conheceu em pedaços (*escritos!*) isso para não ter que te dizer que o não escrito é o que conta, porque o suficiente é agora mais do que demasiado, fora e além.

Tudo isso para dizer que não poderei te dar as páginas para o catálogo da sua exposição,

porque sofro enormemente

e que isso do que sofro é justamente um dos pontos essenciais da exposição que você tenta:

a iniciação, a magia, os cultos indígenas e vodus,

tudo isso que representa uma integração do abominável espírito humano em torno da fé, da crença em algo, da ilusão enraizada em algo, não sei qual além imediato contido na magia, nas iniciações, no ocultismo, onde há séculos e séculos prolifera sordidamente tudo isso que me foi inimigo e que não cessei através de todos os meios e de todos os lados de combater. Essa ação dissimulada da consciência da massa refugiada atrás dos ritos esotéricos destituídos e que manobram mais e mais subterraneamente contra a minha própria liberdade. E, se você quiser, da nossa liberdade comum, em vista da manutenção de um certo número de quadros tão invisíveis quanto falseados na sua insipidez negra. – Nunca suportei a ideia de iniciação porque nunca acreditei que haja algo no fundo ou no fim seja do que for, que valha a pena para aí tender ou alcançar, e sobretudo que se tire a carcaça para alcançar, uma estranha ideia bem limitadamente humana que faz ver como um cume do mundo (ou dos mundos) que mundo? quais esferas do mundo? (e chega com esse catecismo do criado e do não criado), com essas racionalizações filosóficas ou dialéticas sobre a natureza, prepúcio, hímen, não ser, possibilidade, ou com os totens que os ignoram, e sem dizer, visam ainda assim representá-los. – Chega dessa aterrorizante pedagogia do oculto desde sempre nas mãos daqueles que com o espírito o pensam (os assim chamados Instrutores ou Mestres). Mas que foram em "essência" e "princípio" incapazes de viver uma realidade cem vezes mais espantosa do que eles, porque ela se vive com o corpo e não com a consciência, e sobre a qual não importa qual um menor, qual desentupidor, qual bombeiro, qual lixeiro, qual operário, não importa qual afásico, qual sifilítico, não importa qual paralítico total, ou qual sifilizado teriam tempo para aprender. Isso porque as famosas viagens da alma ao longo das esferas, ou do espírito no inconsciente reprimido e recalcado passam num país que nunca existiu e onde só viveram fracos, incapazes de se baterem com o estupro dos objetos. É o medo do real que deu origem às iniciações, como se a gente fosse capaz de alcançar com o espírito uma experiência unicamente baseada sobre o suplício minucioso e detalhado do corpo, não na morte, mas na vida,

não no irreal, mas na matéria, não na hipotermia do sonho, mas na febre de uma dor acordada, não na liquefação de um surrealismo psíquico, mas no traumatismo corporal de uma vida que soube ela mesma balançar-se suficientemente para enfim explodir em surrealidade. Porque se o surrealismo não era real, então para quê? Mas até isso chega. Não suporto mais a arte sob nenhum aspecto, a arte, tudo que não é um golpe, uma merda, uma carnificina, uma batalha, um golpe definitivo de vassoura.

Não fui ao teatro 13 de janeiro último para me apresentar num espetáculo, e dar ali um espetáculo,

mas para mostrar as feridas da minha luta, com a consciência abjeta de nosso tempo que é pior do que o de Gérard de Nerval, de Edgard Poe ou de Lautréamont.

E quando você me disse que foi hostil a esse projeto,

não, não se trata do fato de ter-me mostrado num teatro que justifica a tua hostilidade, André Breton,

é o objeto mesmo da minha exposição que você não queria que fosse mostrado e trazido à luz, – e essa coisa mesma não creio que seja você

oc e

proc

or

ero

ke doc ta

or

e doctri

or

era

Rada

Ora, André Breton, é preciso realmente que a *imoralidade* desse mundo tenha chegado a um grau intensivo de bestialidade

para que mesmo por um segundo

e sem sombra de um pretexto sequer

a questão possa se colocar

de achar hostil

a ideia de ver falar em público

um homem como eu que verdadeiramente saiu da tumba e que tem a colocar contra o mundo que o encerrou na tumba um certo número de capitais e muito preciosos

muito precisos

e muito preciosas acusações

Eu quis falar em público, André Breton, não pelo prazer de remexer a bunda como alguns solenes e célebres veados eclesiásticos que conheço,

mas porque para esse público mesmo eu tinha um certo número de coisas a dizer e onde melhor dizer que não na sala de teatro? Pensa a velha consciência anterior à outra guerra, essa de 1914-1918.

Isso porque numa sala de teatro esse público não vem agora para ver ou ser visto, mas para massagear, conglomerar sobre um certo ponto, durante uma hora duas ou três,

um certo corpo

aberto,

(me escute bem, André Breton, e me leia definitivamente bem porque nunca mais poderei voltar a isso)

digo que o público já faz algum tempo e sempre foi assim mais ou menos conscientemente e sistematicamente, mas veja que faz 30 anos e que isso chega ao paroxismo da astúcia, da malignidade e da perversidade do mais baixo nível, o público só se junta para massagear

e enrolar

como polpetones

e carnes recheadas

um certo corpo,

uma certa substância grumosa por horas preparada

entre coxa e pernil,

ali onde está um bom cocô,

sentir, cheirar, transformar como um bom cão na coleira,

como bom cão,

cão bem domesticado,

e essa substância é feita de ciúme, ódio, inveja,

aspereza maligna contra o poeta que ele vem ver e *aplaudir* e escutar

contra o pintor [van Gogh] que ele vem ver uma vez mais atirar e irradiar

com a condição que ele atire e irradie

cristal

do crime

de sua dor só

e não do pão e ópio enriquecidos pela vida derrapante e de luz fulminante que esse público lhe teria dado para brilhar e atirar.

Sabendo disso, não iria ao Vieux-Colombier para uma sessão e sim para levar as minhas acusações. – Elas estavam em cinco poemas, estavam também num texto que não li porque não me pareceu ali na hora suficientemente tenebroso para a circunstância.

Dito isto, como eu poderia escrever um texto para uma exposição aonde virá esse mesmo público fedorento, em uma galeria que obtendo seus fundos de um banco comunista é ela mesma capitalista, onde se vende muito caro quadros que não são mais pinturas e sim apenas mercadoria, valores, intitulados VALORES, e que estão no mundo tudo isso que enquanto objetos se chama VALOR, esses tipos de grandes papéis impressos de várias cores e que representam sobre um simples papel (oh que milagre) o conteúdo de uma mina, de um campo, de poços de petróleo, de sedimentos, de empresas, de uma prospecção, da qual o posseiro, o proprietário, o possuidor em nada participou, nem mesmo com um pedaço quebrado de sua unha, enquanto milhões de trabalhadores se exauriram, e mesmo o objeto, para que o condenado chamado espírito goze com o trabalho material do corpo.

Pois bem, eu não quero escrever um texto que será assim apresentado numa galeria de pintura, como nesses locais de leilão de quadros, onde se vende o suor dos homens, a transpiração dos suicidados, saídos da crispação da mão, dos dedos rijos do pobre Van Gogh sobre o seu pincel, que não são senão:

isso que tudo vale.

Quanto à outra razão já te disse,

sou o inimigo do ocultismo

o inimigo sobretudo das iniciações, do princípio da iniciação.

Não admito que me recalquem e me recusem fora da verdade do nascimento e porque sou homem e detenho e conheço para me obrigar a reencontrar pequena e fracamente através de uma

aritmética arbitrária, gratuita, pressuposta e inventada, uma graduação que jamais existiu senão no cérebro dos macacos bestializados que tomaram a minha humanidade.

Antonin Artaud

Ivry, 23 de abril de 1947

Caro André Breton,

Não te respondi porque estou doente e porque não aguento mais.

Tive há algumas semanas uma espécie de ataque, uma espécie de inchaço de toda a cabeça seguido de 48 horas de coma.

Coma

parada das faculdades, da percepção de todo o ciclo mecânico sensível em um corpo que se vê sempre ali e não sente mais nada: osso, músculos, nervos;

ir, vir; – manter-se de pé era como estar encastrado vivo com um corpo a cem quilômetros, mais inacessível e mais pesado do que o Himalaia.

Você me acusou de ter realizado uma sessão de teatro que não era uma sessão de teatro e isso não me pareceu *injusto*, eu dali vi algo de ainda pior, isso porque depois da sessão do Vieux-Colombier não se pode mais insistir no fato de que eu persistia a ser um homem de teatro simplesmente por aparecer em cena, dado que não creio que a cena do Vieux-Colombier nem nenhuma outra cena de teatro tenham já visto o que mostrei e disse aquela noite ali;

ainda mais que a esse fato acrescentou-se o fato constatado por todos por terem visto o conferencista que eu em realidade não era,

de todo modo o pretenso homem de teatro

renuncia a seu espetáculo, fecha a mala e se vai;

porque me dei conta que as palavras e os rugidos já não eram suficientes, e que o que era preciso eram bombas,

e eu não as tinha em mãos nem nos bolsos;

você me pediu um texto para uma manifestação de arte;

desculpe-me,

mas não posso considerar de outro modo essa exposição Internacional do Surrealismo em uma galeria capitalista (dispondo de um grande capital, mesmo que tomados de um banco comunista) onde se vendem caríssimo todo o tempo telas de pintores surrealistas liberais sem máculas, e OUTROS;

André Breton, já faz 30 anos que você me conhece, eu não quero escrever para um catálogo que será lido por esnobes, ricos amadores da arte, numa galeria onde não se verão operários nem gente do povo que trabalham todo o dia;

mas nem disso se trata.

Não quero eu, Antonin Artaud, atirar nas suas pernas, num momento onde já o fazem todos, mas deixe-me falar de coração, que já não tenho, mas com a carne suja e poluída por todos,

há no seu projeto uma espécie de submissão aos ritos de iniciação que mais abomino no mundo.

Foi pelo oculto que subjaz aos fatos que o homem ficou preso às grelhas, e que não chegamos a reencontrar as necessárias liberdades do pensamento –

Veja aí 50 anos que sou prisioneiro do oculto,

e 10 anos que disso sei,

daí meu sofrimento. –

A magia, nesse momento, não é mais a realização de um, mas de todos,

todo mundo a esconde,

da mais crapulosa

e ninguém diz,

desse modo você, eu e outros,

arfamos

sinistramente prisioneiros.

Chega dessa mascarada que esconde os rios de poluição infernal e de pus.

É pela magia que abomináveis instituições que nos encerram:

pátria, família, sociedade, espírito, conceitos, percepções, sensações, afetos, coração, alma,

ciência,

lei, justiça, direito, religião, noções, Verbo, linguagem,

são mantidas, porque em realidade elas partem e não correspondem mais a nenhum real.

A realidade humorística dos poetas, que as circunstâncias transformaram em algo obscuro e negro

gargalham

sob o grotesco suflê de queijo apodrecido pelos ratos.

Isso não é suficiente

O Vodu que te mostraram como ritos indígenas que eu mesmo vi não são senão que uma

fachada que não podem esconder a lúgubre realidade que eu vi se afirmar por todo o lado e que é a que os homens, homens designados sobre certos pontos desse globo sinistro seguram os homens atuais em suas velhas carcaças caducas onde a primeira é a sua *anatomia* atual,

enquanto não mudarmos a anatomia do homem atual, ele não fará nada nem para a poesia, nem por nenhuma espécie real

e CORPORAL

de LIBERDADE!!

Para remediar isso, André Breton, é preciso uma guerra,

uma verdadeira guerra

com armas, munições e homens decididos a tudo.

Você me disse quando cheguei de Rodez:

aí está uma bela história nervaliana

vou te dizer uma coisa:

Gérard de Nerval sabia e dizia as mesmas coisas que eu.

Foram-lhe enviados emissários que o bateram em 2 ou 3 pontos conhecidos dos herméticos em sua coluna vertebral,

e depois disso ele não pode *mais* crer no que dizia

e chamou isso de histórias sobrenaturais,

o essencial dessas revelações tendo-se evaporado em seu pensamento.

Eu também tive minha coluna vertebral *quebrada* em duas em Dublin – ora persisto em afirmar as mesmas coisas. Do mal ou de mim, se verá que terá razão.

A você.

Antonin Artaud

Paris, 5 de maio de 1947

Caro André Breton,

Na carta que te escrevi há 10 dias te dizia que estava muito doente, metade paralisado, que não podia escrever o texto que me pedia, que de outro lado permanecia em relação e contra todos os teus amigos,

mas que não queria participar da exposição que você organizava

porque ela aludia ao hermetismo, ao ocultismo, à magia, e que isso seria ainda valorizar a atitude do espírito da qual mais sofri no mundo.

Vivo habitado, recoberto, poluído dia e noite por incubadores e submissos

que provêm da fé geral num esoterismo construído sobre o roubo, o estupro e o crime, sendo essa apenas uma explicação primária de um mundo outramente íntegro, enterrado por esse dos iniciados.

Eu te dizia também e essa frase é extraída dessa carta

que não queria participar de uma tentativa de exposição numa galeria de arte capitalista, mesmo que ela tenha recebido fundos de um banco comunista,

mas acrescentava a esses termos,

e isso estava na minha carta,

que você não visava, mas a galeria visava, assim como os bancos e todo um sistema de instituição que te assessora, você, agora provisoriamente, não espera senão o dia de ser estrangulado definitivamente como já te aconteceu uma vez, certa noite na América às bordas do rio Hudson

onde a consciência da massa se elevando sobre os corpos dos portadores,

dos homens,

você dizia:

Faça arte revolucionária, mas ainda assim arte,

não leve a revolução à vida senão será assassinado.

É o que escuto dizer noite e dia a consciência oculta de todos.

A você.

Antonin Artaud

CARTAS EM TORNO DA EMISSÃO RADIOFÔNICA "PARA ACABAR COM O JULGAMENTO DE DEUS"[48]

A Fernand Pouey

Ivry, 11 de dezembro de 1947

Caro Senhor,

Enquanto discutíamos a minha "tentativa"

de emissão

radiofônica

a questão do meu cachê enquanto "ator" se colocou

e eu te disse:

remeto isso a você

repugnando-me a tratar dessas miseráveis questões de números e reclamações por um pouco mais ou menos, enquanto buscava abrir uma nova via,

pensei simplesmente que você faria o máximo possível do seu lado

e jamais pensei que permitiria que eu recebesse menos do que um ou outro dos meus intérpretes

é bonito se "desinteressar",

mas é preciso comer,

se vestir

pagar meios de transporte,

por isso o montante de 3.190 fr me *sufocou*!

Dito isto,

deixe-me retornar sobre o trabalho feito.

Creio que nele podemos encontrar o melhor e o pior.

Fiz muito Rádio antes da guerra

com Paul Deharme

na Rádio Informação

então o trabalho que fiz para vocês está longe de ter sido um primeiro contato com esse meio de expressão

mas é preciso,

por outro lado,

que o diretor

Senhor Guignard,

os montadores

e todos esses

com os quais trabalhei

Compreendam

QUAIS foram minhas intenções e vontades.

Tomando a coisa em um só bloco se terá a impressão de algo não trabalhado e cuidado;

algo aleatório e epilético

fracionamento

diante do qual a sensibilidade do ouvinte deve tomar também

ao acaso

o que lhe convier

_____ pois bem, NÃO!

Acabar com o julgamento dos nossos atos

através da sorte

e de uma força dominante

é significar

sua vontade

de um modo muito novo

para indicar que a ordem das coisas e a do destino mudam o seu curso,

tem na emissão que fiz

elementos

suficientemente

trépidos

lancinantes

desenquadrados

detonadores

que montados numa nova ordem dão prova de que o fim último foi atingido

minha função era a de vos aportar elementos.

Eu aportei?

Talvez existam alguns ruins,

outros excelentes, assim creio,

espero que encontre um montador inteligente que possa aportar os valores insólitos que eu desejei.

Creia nos meus bons sentimentos.

Antonin Artaud

48. Em 1947, Artaud recebe do então diretor da Radiodifusão Francesa o convite para preparar uma emissão radiofônica que integraria o ciclo de emissões intituladas "A voz dos poetas". Ele pergunta se teria toda liberdade para desenvolver seu projeto e recebe a confirmação do diretor. No entanto, a emissão "Para acabar com o julgamento de deus" é censurada pela direção-geral da rádio e o diretor se demite, ratificando a posição e a palavra que teria firmado com Artaud.

A Fernand Pouey

16 de janeiro de 1948

Caro senhor,

No que concerne

ao texto de abertura de

"Para acabar com o Julgamento de deus"

Pode cortar a partir de

"fazer e fabricar soldados"

Até

"para combater é preciso receber golpes, e vi muitos Americanos combatendo".

A montagem geral se distribui assim:

1 texto de abertura

2 efeitos sonoros que se fundem ao texto de Maria Casarés

3 danças do Tutuguri, texto

4 efeitos sonoros (xilofonia)

5 a busca da fecalidade (dito por Roger Blin)

6 efeitos sonoros e batidas entre mim e Roger Blin

7 a questão se coloca (dito por Paule Thévenin)

8 efeitos sonoros e meu grito na escada

9 conclusão, texto

10 efeito sonoro final

Se você fizer algo com

Artaud o Momo

Eu assinalo que Paule Thévenin diz muito bem um dos poemas,

o mais curto,

Centro-Mãe e Patrão-Sexy.

Estou muito contente com essa emissão,

e de ver que ela pode oferecer um modelo reduzido do Teatro da Crueldade.

E por isso tenho que te agradecer especialmente,

mas você mesmo não teria debutado na vida através de um tipo de dança ritmada entre o teatro e a poesia?

Acredite em todos os meus bons sentimentos.

Antonin Artaud

A Wladimir Porché

[4 de fevereiro de 1948]

Senhor,

Permita-me estar um pouco mais do que revoltado e *escandalizado*

com a medida tomada em relação à minha Radiodifusão:

"Para acabar com o julgamento de deus",

sobre a qual trabalhei nas últimas duas semanas e que foi anunciada em todos os jornais já faz mais de um mês.

Não ignore a curiosidade com a qual essa emissão era esperada pela grande massa do público

que a via como uma espécie de liberação,

que contava com um conjunto sonoro que a retirava da rotina ordinária das emissões.

Você teve muito tempo antes de ontem domingo à tarde quando você creu dever tomar essa medida de interdição [[49]]

de atmosfera extremamente favorável à saída dessa emissão.

Busco em vão esse escândalo que ela teria produzido nas pessoas bem-intencionadas

mas que não tomaram

previamente

essa posição

como foi o caso aqui.

Eu, o autor, ouvi como todo mundo a emissão gravada,

decidido a não deixar nada passar

que pudesse lesar

o gosto,

a moral,

os bons costumes,

a vontade de honra,

e que pudesse por outro lado

manifestar

o tédio,

o *déjà vu*,

a rotina

queria uma obra nova que fixasse certos pontos da vida orgânica,

uma obra

onde se sinta todo o sistema nervoso

iluminado como num fotóforo,

com vibrações,

consonâncias

que convidem

o homem

A SAIR

COM

seu corpo

para seguir no céu essa nova, insólita e radiante Epifania.

Mas a glória corporal não é possível

se nada

no texto lido

venha chocar

venha tarar

essa vontade de uma espécie de glória.

Ora eu busco.

E encontro

1º a pesquisa da fecalidade,

texto constelado por palavras violentas, assustadoras,

sim, existem palavras violentas, assustadoras,

mas tão *fora da vida* que não acredito que possa haver nesse momento um público capaz de se escandalizar.

Sim e que seja, que o último imigrante compreenda

que ele não aguenta mais a sujeira

– física, como fisiológica,

E DESEJAR uma mudança

CORPORAL

De fundo.

Resta o ataque inicial contra o capitalismo americano.

Mas é preciso ser muito ingênuo, Sr. Wladimir Porché, a essa altura, para não dar-se conta que o capitalismo americano e o comunismo russo nos levam, os dois, à guerra,

então pela voz, tambores e xilofonias alerto as individualidades para que façam corpo.

Eu sou

Antonin Artaud
4 de fevereiro de 1948

49. Palavras que faltavam no manuscrito.

A René Guilly

[7 de fevereiro de 1948]

Senhor,

Acreditei que sonhava essa manhã lendo o seu artigo para *Combat*[50].

Estupefato que tenham deixado passar.

Mas eu faço desse famoso grande público uma ideia bem mais elevada que a sua.

Eu os vejo muito menos apodrecidos de preconceitos do que você.

Esses que segunda à noite sentavam e esperavam com uma curiosidade e uma impaciência nunca antes vistas a emissão intitulada "Para acabar com o julgamento de deus" eram justamente essas pessoas do grande público,

cabeleireiros,

lavadeiras,

vendedores de cigarro,

quitandeiros, serralheiros, operários da imprensa,

enfim, toda essa gente que ganha a vida com o suco sangrento dos seus braços,

e não esses capitalistas de estrume

que enriqueceram secretamente

que vão à missa todo domingo e desejam acima de tudo o respeito aos ritos e às leis.

São a esses que junto aos cafetões prematuramente enriquecidos pelos amontoados têm um medo nauseabundo das palavras,

que a minha emissão pode ter aterrorizado.

Independentemente de tudo,

seria preciso tomar como pecado

e crime

o fato de ter querido interditar uma voz humana que se endereçava pela primeira vez nesse momento ao melhor do homem

que se expressasse:

2º Os livros, os textos, as revistas são tumbas, Sr. René Guilly, tumbas a serem finalmente levantadas.

Não se vive assim eternamente envolto de mortos

e da morte.

Se há preconceito em algum lugar,

é preciso destruí-lo,

o dever

digo de novo

O DEVER

do escritor, do poeta,

não é de ir se esconder num livro, num texto, numa revista de onde ele nunca mais sairá,

mas ao contrário

de sair

para fora

para agitar,

para atacar

o espírito público

senão

para que ele serve?

E para que nasceu?

3º Independentemente de tudo,

eu não sou mestre de capela,

nunca soube cantar,

e ainda além,

nunca soube fazer cantar.

De todo modo o que tentei nessa radiodifusão, eu que nunca toquei nenhum instrumento na vida, foi fazer umas xilofonias vocais sobre xilofonia instrumental

e o efeito se cumpriu

Quero dizer que essa emissão era a busca por uma linguagem que um ferroviário ou um imigrante pudessem compreender,

a qual aportava através da via corporal as verdades metafísicas mais elevadas.

Isso que você mesmo reconheceu e daí a abjeção e a infâmia a serem interditadas.

Aí está o que gostaria de te dizer, Sr. René Guilly.

Antonin Artaud

50. René Guilly escreveu um artigo para a revista *Combat* em 7 de fevereiro de 1948, onde, apesar da homenagem à força poética dos textos de Artaud, dava razão a Wladimir Porché e à interdição da Emissão: "Deixemos então os poemas e textos de Artaud nos livros e nas revistas onde esses que os apreciam – como eu – possam encontrá-los. Deixemos também nos seus entusiasmos os membros da pequena capela que fez de Artaud um mestre do pensamento e um novo Messias. [...]. Esse louco genial não é – e não deve ser – por natureza um homem público. [...] Artaud tem poucas chances de reter a atenção de um grande público. Mas essa não é uma razão para deduzir que esse público [...] é composto de imbecis."

Carta aberta ao R.P. Laval

Ivry-sur-Seine, 20 de fevereiro de 1948

Senhor,

Tudo isso é ótimo e que você me reconheça o direito à expressão total e integral da minha *individualidade*.

Independentemente de qual seja sua *singularidade*

e

de quão *heterogênea* possa parecer.

Mas há algo que você não diz

e que é como que a reserva de fundo desse direito à expressão,

é que você mesmo ao pronunciar essas palavras

está em realidade

LIGADO por 2 ritos

CAPITAIS,

é que ao pronunciar essas palavras,

você estava em *realidade*

LIGADO por dois ritos

que te paralisavam

com o teu próprio consentimento

as mãos.

É que como todos os padres

você esteve e está *ligado*

por 2 ritos

da consagração

e da elevação

da missa.

Como todo padre católico

você rezou sua missa pela manhã mesmo.

E que entram em primeiro plano na cerimônia

chamada missa

são esses 2 ritos de *ligadura*

que para mim têm o valor de um verdadeiro enfeitiçamento.

A consagração

e

a elevação

são

enfeitiçamentos

de uma ordem

especial, mas

MAIOR

Que capitaliza, se posso dizer,

a vida,

que drena todas as forças espirituais numa tal direção que tudo isso que é o corpo é reduzido a nada

e não sobra senão uma certa

vida psíquica

inteiramente liberada,

mas tão livre

que todos os fantasmas

do espírito podem por aí correr livremente

e justamente aí se passa

a terrível expansão da vida diluviana e antediluviana

as bestas obsessivas

tudo contra o qual

lutamos

porque a infame vida sexual está por detrás das livres expansões do espírito

e é isso

que a consagração

e a elevação

da missa

sem dizer

LIBERARAM.

Existe uma nauseabunda floculação da vida infecciosa do ser

que o CORPO PURO

Repele,

mas que

o PURO ESPÍRITO

admite

e a missa

pelos seus ritos engendra.

É essa floculação

que mantém a vida

atual do mundo

no *bas-fond* espiritual

onde ela não para de afundar.

Mas aí está o que a consciência geral não compreenderá jamais,

que um corpo macerado e pisado

esmagado e compilado

pelo sofrimento e as dores de ser posto na cruz

como o corpo sempre ainda vivo de Gólgota

Será superior ao espírito deixado aos fantasmas da vida interior

que não é senão o fermento

e o grão

de todas as fantasmagóricas e fedorentas bestialidades.

A Paule Thévenin

Terça-feira, 24 de fevereiro de 1948

Paule, estou triste e desesperado,

meu corpo dói por todos os lados,

mas sobretudo tenho a impressão de que as pessoas se decepcionaram

com a minha emissão radiofônica.

Aí onde está a *máquina*

é sempre o abismo e o nada,

há uma interposição técnica que deforma e anula o que se faz

as críticas de M. e A.A.[51] são injustas, mas elas devem ter-se originado numa avaria de transição,

por isso não tocarei mais no Rádio,

e me consagrarei a partir de agora

exclusivamente

ao teatro

tal qual o concebo

um teatro de sangue

um teatro que a cada representação faça ganhar

corporalmente

alguma coisa

tanto para aquele que atua quanto para aquele que vem ver a atuação,

aliás

não se atua,

se age.

O teatro é a gênese da criação.

Isso se fará.

Tive uma visão essa tarde – vi esses que vão me seguir, mas que ainda não têm corpo porque os porcos como esses do restaurante de ontem à noite comem muito. Existem esses que comem

muito e esses que como eu não podem mais comer sem escarrar.

Seu.

Antonin Artaud

51. Marthe Robert e Arthur Adamov.

Título original
D´UNE SÉLECTION DE LETTRES
ANTONIN ARTAUD
OEUVRES

Copyright © Éditions Gallimard, 2004

Seleção de cartas organizada a partir
de Antonin ARTAUD – OEUVRES
Édition d´ Évelyne Grossman – publicada em 2004 pela Éditions Gallimard

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação da Coleção Marginália
MIGUEL CONDE

Preparação de originais
JULIA WÄHMANN

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

PENHA DUTRA

Edição digital: junho, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P485

A perda de si [recurso eletrônico]: cartas de Antonin Artaud / Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer; Tradução: Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

recurso digital

Tradução de: D'une sélection de lettres: Antonin Artaud oeuvres

ISBN 978-85-8122-692-7 (recurso eletrônico)

1. Artaud, Antonin, 1896-1948. 2. Escritores franceses - Sec. XX - Biografia. I. Kiffer, Ana. II. Conder, Miguel. III. Kiffer, Ana. IV. Fernandes, Mariana Patrício. V. Série.

17-41128

CDD: 928.4

CDU: 929:821.133.1

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

Nascido em Marselha em 1896, ANTONIN ARTAUD é um dos grandes renovadores da dramaturgia do século XX. As propostas do seu Teatro da Crueldade influenciaram encenadores diversos, do britânico Peter Brook ao brasileiro José Celso Martinez Corrêa. Seus escritos influenciariam desde os escritores *beats* dos anos 1950, como Allen Ginsberg, e os movimentos culturais dos 1960 até pensadores como Gilles Deleuze e Jacques Derrida. *O teatro e seu duplo*, um dos seus principais escritos sobre a arte do teatro, tornou-se referência de grandes diretores como Peter Brook, Jerzy Grotowski e Eugênio Barba. A partir do final dos anos 30, passa a ser internado em vários manicômios franceses, onde produz uma intensa correspondência com seu médico-responsável, Gaston Ferdière. Faleceu em Paris, em 1948.